

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA CLAUDIA MONARI

RELAÇÕES DE GÊNERO, DISCURSO E DOCÊNCIA EM ARTE

CHAPECÓ

2023

ANA CLAUDIA MONARI

RELAÇÕES DE GÊNERO, DISCURSO E DOCÊNCIA EM ARTE

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. Odair Neitzel

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Monari, Ana Claudia
Relações de gênero, discurso e docência em arte / Ana
Claudia Monari. -- 2023.
103 f.:il.

Orientador: Doutor Odair Neitzel

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Chapecó, SC, 2023.

1. Livro-didático. 2. Pronunciamentos. 3. Docência em
arte. I. Neitzel, Odair, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANA CLAUDIA MONARI

RELAÇÕES DE GÊNERO: DISCURSO E DOCÊNCIA EM ARTE

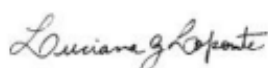
Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Formação de Professores.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 31 /03 /2023 .

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ODAIR NEITZEL**
Data: 10/04/2023 15:40:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Odair Neitzel – UFFS
Orientador


LUCIANA GRUPPELLI LOPONTE:57257710082
CN=LUCIANA GRUPPELLI
LOPONTE:57257710082, OU=UFFRS -
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, O=
ICPEdu, C=BR
2023.04.10 10:53:44-03'00'

Prof.^a Dr.^a Luciana Grupelli Loponte – UFRGS
Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **PATRICIA GRAFF**
Data: 10/04/2023 12:06:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Patrícia Graff – UFFS
Avaliadora

RESUMO

O presente trabalho surge a partir de inquietações tangentes aos discursos em relação à desigualdade de gênero, à escola e ao componente curricular de Arte. Procura identificar como se apresentam as relações de gênero nos livros didáticos de Arte do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, adquiridos pela Prefeitura Municipal de Chapecó, Santa Catarina, no ano de 2022, e materiais alternativos retirados de um grupo de professores de Artes Visuais na rede social Facebook. A análise foi realizada procurando contrapor o conteúdo do livro didático com proferimentos de representantes políticos e postagens em grupo da rede social *facebook*, pretendendo evidenciar como as desigualdades de gênero são reproduzidas em materiais didáticos, associando a como estão presentes no meio social. Teoricamente, o trabalho se sustenta no pensamento de Michel Foucault e Judith Butler como base conceitual para compreender como as relações de gênero configuram relações de poder e são (re)produzidas por discursos de ódio. Para tratar mais especificamente do gênero e da docência em Arte, foram necessários estudos, principalmente a partir da autora Guacira Louro, abordando como o gênero aparece e como se constitui no espaço da escola. Ademais, acerca da presença feminina na Arte, tomamos os escritos de Luana Tsvardovskas e suas reflexões sobre a temática na tentativa de entender como as artistas mulheres são apresentadas em relação aos artistas homens no decorrer da história da Arte. Como metodologia de trabalho, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica e documental, de perspectiva analítica. A pesquisa se justifica sobretudo pelo fato de a discriminação de gênero ter se tornado mais frequente nos últimos tempos, em proferimentos veiculados às mídias sociais, e que se reproduzem também nas práticas docentes, cristalizando a violência contra as mulheres. No percurso da pesquisa, foi possível perceber, no âmbito da Arte, como a história privilegia um olhar masculino e se constitui de silenciamentos referentes à presença feminina. Em nosso contexto, além de silenciamentos, pronunciamentos proferidos por representantes públicos atacam diretamente às mulheres e perpetuam estereótipos de comportamento, violências e desigualdades. Nos materiais didáticos analisados, as situações se repetem, tornando a escola também responsável por perpetuar estereótipos em relação ao gênero, que reforçam a realidade discriminatória que vivemos.

Palavras-chave: livro-didático; pronunciamentos; docência em arte.

ABSTRACT

The present work arises from concerns on the discourses about gender inequality, school and Art as a curricular component. It seeks to identify how gender relations are presented in Art textbooks from the 6th to the 9th grade of Elementary School, acquired by the Municipal Government of Chapecó, in the year 2022, and alternative materials taken from a group of Visual Arts teachers on the social network Facebook. The analysis was carried out seeking to counter the materials with statements by political representatives, intending to highlight how gender inequalities, focusing on discrimination against women, are reproduced in didactic materials, associating them with how they are present in the social environment. Theoretically, the work is based on the theories of Michel Foucault and Judith Butler as a conceptual basis to understand how gender relations configure power relations and are (re)produced by hate speech. To deal more specifically with gender and Art teaching, studies were needed, mainly from the author Guacira Louro, addressing how gender appears and how it is constituted in the school space. In addition, about the female presence in art, we used the work of Luana Tsvardovskas and her reflections on the subject in an attempt to understand how female artists are presented in relation to male artists in the course of Art history. As a work methodology, a bibliographic and documentary research was developed, from a and analytical perspective. The research is justified mainly by the fact that gender discrimination has become more frequent in recent times in utterances broadcast on social media and that are also reproduced in teaching practices, crystallizing violence against women. In the course of the research, it was possible to perceive, within the scope of Art, how history favors the male gaze and how it is constituted of silences when it comes to the female presence. In our context, in addition to silencing, the utterances studied directly attack women and perpetuate stereotypes of behavior, violence and inequality. In the didactic materials analyzed, the situations are repeated, making so that the school is also responsible for perpetuating stereotypes in relation to gender, which reinforces the discriminatory reality we live in.

Keywords: textbook; utterances; teaching in art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Trabalhos selecionados em Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	20
Figura 1 – Postagens compartilhadas no grupo	42
Figura 2 – Postagem de Eduardo Bolsonaro na rede social Twitter	44
Figura 3 – Postagem do deputado Eduardo Bolsonaro na rede social Facebook	46
Figura 4 – Comentários da publicação	47
Figura 5 – Breve aparição da artista Tarsila do Amaral	52
Figura 6 – Breve aparição da artista Vanice Ayres Leite	53
Figura 7 – Destaques para o artista Paul Cézanne	54
Figura 8 – Destaques para o artista Leonardo da Vinci	55
Figura 9 – Destaque para o artista Leonardo da Vinci	56
Figura 10 – Destaque para artistas homens	57
Figura 11 – Aparição da artista Berthe Morisot	59
Figura 12 – Artistas da Pop Art	60
Figura 13 – Formas de tratamento	63
Figura 14 – Questões	64
Figura 15 – Artista Frida Kahlo	66
Figura 16 – Atividades realizadas a partir da artista Frida Kahlo	67
Figura 17 – Busca pela artista Frida Kahlo	68
Figura 18 – “ <i>Unos cuantos piquetitos</i> ”	68
Figura 19 – Esculturas da Vênus de Willendorf e Vênus de Grimaldi	71
Figura 20 – Contextualizações: “O Nascimento de Vênus”	73
Figura 21 – Estereótipos da professora mulher	75
Figura 22 – Engajamento dos professores na postagem	77
Figura 23 – Ilustração da artista Tarsila do Amaral	78
Figura 24 – Imagem feminina	79
Figura 25 – Imagem feminina	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPAP	Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCJ	Comissão de Constituição e Justiça
CDHM	Comissão de Direitos Humanos e Minoria
CONFAEB	Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil
FEPESSE	Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual e outros
ONU	Organização das Nações Unidas
OPET	Organização Paranaense de Ensino Técnico
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSL	Partido Social Liberal
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESP	Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista
VIZIVALI	Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	15
2.1 REVISÃO DE LITERATURA	20
3 RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER	27
3.1 FUNDAMENTOS E CONCEITOS	28
4 ENTRE PRONUNCIAMENTOS E FEMINAZIS	35
4.1 GAIOLA DAS LOUCAS, MOCRÉIAS E PELUDAS	36
4.2 GÊNIOS E FRAQUEJADAS	50
4.3 ENTRE LIVROS E REDES: ANÁLISES	61
4.4 AS ARTISTAS NA REDE SOCIAL	65
4.5 BELA, RECATADA E DO LAR	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	83
ANEXO A – Artista Pablo Picasso em diversos contextos no livro do 6º ano	91

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surge a partir do incômodo.

Nascida e criada em uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul, com menos de dois mil habitantes, muito vi e vivenciei as relações de gênero desiguais tão presentes na sociedade. Hoje, passados dez anos de minha saída dessa cidade interiorana, volto meus olhares para esse local como uma forasteira curiosa e inquieta. Falar de interior, muitas vezes, remete-nos a uma ideia romântica de afeto, acolhimento e simplicidade, mas, pelas minhas vivências, ousou dizer que, se no meio urbano há relações de gênero desiguais, no meio rural, isso se acentua muito mais, de forma ainda mais incisiva, pois “tradições de cidades pequenas geralmente são construídas em torno de uma homogeneidade étnica, racial, e religiosa, se não de exclusões explícitas” (BROWN, 2019, p. 148).

No contexto de minha cidade natal, em que a agricultura é a principal fonte econômica, a maioria das mulheres do campo trabalha nos afazeres da lavoura e se responsabiliza quase que totalmente pelos afazeres domésticos, já consolidados como seus, devido à tradição constituída a volta desses feitos.

Assim, cresci em meio a um conjunto de enunciações e uma ordem discursiva que define como uma menina/mulher deve ser ou se comportar. Escutei, desde pequena, em rodas de mulheres, as mães de meninas comentarem todos os serviços domésticos que suas filhas já sabiam fazer, em um tom de competitividade de qual era a mais caprichosa no lar, enquanto as mães de meninos nada tinham a tratar deste assunto. Acostumei-me a ouvir, também, que não era fácil ter filha menina, visto que “dá trabalho”, deve ser regulada para que “não vá pela cabeça das outras”, ou “caia na conversa dos homens”, em um sentido pejorativo.

As rodas de conversa e de fofoca traziam mulheres que já não moravam mais ali, filhas de vizinhos ou outros parentes, que foram para a “cidade grande” e “se perderam”, passaram a ser mulheres “mundiadas”. Quando escutava essa palavra, pensava sobre ser uma mulher do mundo, e na minha inocência não achava isso ruim.

Do lugar de onde venho, a dissolução das relações conjugais não é algo comum. Não se sabe o que as mulheres passam em suas casas, além das especulações da vizinhança sempre atenta, no entanto, aguentam caladas. Lembro-me de uma vizinha de quem as especulações traziam a relação conturbada com seu esposo. Após a morte dele, as especulações passaram a ser “depois que o fulano morreu, a fulana mudou, está se arrumando, saindo de casa, está bonita”. Ou seja, o “até que a morte os separe” é real e a única escapatória feminina para desvencilhar-se de um relacionamento abusivo sem ser julgada.

Nas famílias em que as mulheres têm voz mais ativa, o homem é julgado a partir do termo “pau mandado”, afinal, a voz ativa deve ser masculina. Situações de pedofilia vêm acompanhadas das frases: “mas também, pede pra levar”; “essas meninas de hoje em dia se oferecem e depois não querem aguentar”; “mas também, os pais não cuidaram direito”.

Cresci escutando a esses enunciados, e até certo ponto corroborava com eles, acreditava que era daquela maneira que as coisas deveriam funcionar. Lembro claramente da primeira vez em que fiquei indignada. Em uma roda familiar, escutei um tio, pai de um adolescente menino, afirmar: “amarrem as cabritas que meu bode tá solto”, como modo de dizer que as meninas precisam se cuidar e se resguardar, uma vez que o homem macho estava ali para seguir seus instintos. Recordo-me do nojo que senti, foi a primeira vez que a revolta tomou conta de mim.

Na adolescência, com a ajuda de uma amiga, fundamos o “grupo de meninas”, iniciando com duas membras ao total, eu e ela. Aos poucos, fomos inserindo meninas da escola e da vizinhança. Não discutíamos sobre as coisas, apenas nos sentíamos livres por ter um grupo, um coletivo. Com a ajuda da mãe de minha amiga fundadora, mandamos fazer camisetas do grupo – na frente, a camiseta trazia a ilustração de uma moça e o início da frase “meninas boas vão para o céu...”; atrás, a camiseta tinha a ilustração de uma caveira com a continuação da frase “...meninas más vão aonde querem”; e abaixo, o nosso nome. No cenário em que vivíamos, ser livre, dona da própria vida, “mundana”, era ser má.

Na época, ter uma camiseta personalizada com o nome era algo extraordinário, por isso, várias meninas e mulheres da cidade quiseram encomendar a camiseta também. Logo, praticamente metade da população feminina usava a camiseta, mesmo que sem saber do que se tratava. Esta foi a minha primeira manifestação de ousadia: usar a camiseta. Aos poucos, fui inserindo-a às vistas do meu pai, para que passasse despercebida. Parecia-me ser algo de extrema rebeldia, posto que eu não ia aonde queria. Como várias mulheres estavam usando, passou sem ser notada, em meio a todas as outras camisetas estampadas utilizadas, como as de programas, políticos, doadas por empresas, que todo mundo usa, mas ninguém sequer lê. E, desse modo, sentíamos-nos livres, inconsequentes e poderosas.

No início dessa escrita, afirmei que essa pesquisa surgiu a partir do incômodo que, a cada dia, torna-se mais latente, afinal, ir para outra cidade e ingressar em uma universidade fez-me sair da zona de conforto concernente à minha realidade e ao que considerava primordial. A historiadora *Michelle Perrot* já discutia o movimento das mulheres, como se

deslocavam, migravam, viajavam e como isso influi diretamente nas formas de constituição social. Para a historiadora:

A cidade representada como a perdição das moças e das mulheres, lhes permite, com frequência, libertar-se de tutelas familiares pesadas, de um horizonte de aldeias sem futuro. Conseguem modestas ascensões sociais, escapam a uniões arranjadas para realizarem casamento por amor. A cidade é o risco, a aventura, mas também a ampliação do destino. A salvação (PERROT, 2019, p. 136).

Enquanto desconhecemos as discussões do mundo, a revolta não se explica. Culpamos um ou outro, reproduzimos os mesmos discursos, e tudo permanece como está. Desde o momento em que comecei a compreender minimamente como os discursos sobre gênero eram misóginos, nunca mais tive paz, nem me conformei, nunca mais consegui participar sorridente de um jantar de família em que somente as mulheres lavam a louça, ao passo que os homens conversam no sofá. Nunca mais consegui ouvir piadas machistas sem interromper. Já chorei de raiva por tentar desconstruir as falas clichês acerca das mulheres, as justificativas de estupros e violência, acostumei-me com os apelidos proferidos a quem se indigna com essas situações, que deveriam ser aversões coletivas ao invés de motivos de deboche.

Embora todo pesar, penso também na diferença que teria feito em minha vida e de meus colegas se isso fosse discutido em sala de aula, desde as notícias midiáticas, até as falas machistas e as brincadeiras que aconteciam na própria escola. Muitos dos estudantes saíram daquele espaço reproduzindo padrões, repetindo as mesmas falas. Nunca mais vi meus colegas, estou distante de todos. A última notícia que tive foi de um ex-colega que matou a recém-esposa a pauladas, jogou o corpo no rio e depois suicidou-se. Essa é somente mais uma história, um desfecho trágico, envolvendo relações matrimoniais que terminam em feminicídio, não é exceção à regra, ou algo inédito, é mais um dos casos que conheço, todavia, no todo, transforma-se em apenas mais um dado estatístico. Estatística essa que traz, no ano de 2021, 1.341 casos de feminicídio, em que 81,7% dos autores dos crimes eram companheiros ou ex-companheiros das vítimas (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022).

Além das inquietações da menina, da adolescente Ana, trago minhas inquietações agora como mulher, professora de Arte. Sair de uma universidade “com o diploma na mão” para ser professora é um desafio. Os conceitos recém-estudados parecem simples de serem desenvolvidos e a sensação de que tudo se resolverá é presente. Ao adentrar ao espaço da escola, situações começam a aparecer e trazer à tona os dilemas de infância, a percepção de que estamos imersos em uma condição nada favorável e a mudança desse quadro parece

distante. Adentrar ao espaço como professora de Arte fez-me perceber como nossa constituição social influencia diretamente em todos os aspectos da vida, que tudo está interligado e nossas formas de ver e relacionar-nos com o mundo são tendenciosas, manipuladas e permeadas por vínculos de saber/poder.

As inquietações que me fazem escrever nascem da maneira como a Arte é vista e trabalhada, associando esse processo às relações de gênero. Trazer Arte e gênero para a discussão é tocar em feridas que parecem distantes de cicatrizar. Centrar sobre o que pretendo discutir é tarefa difícil, dado que tanto há para falar que as palavras se perdem ao mesmo tempo que formam um emaranhado. Arte, docência, gênero, invisibilidade feminina, história, escola, e uma sociedade constituída a partir de relações de gênero. Redes sociais, discursos de ódio, pronunciamentos infames – tudo interliga-se, cruza-se e articula-se.

Falar a respeito do ensino da Arte no Brasil é embrenhar-nos em questões que conduzem nossa forma de ensinar, aprender e ver este componente curricular, que há muito ocupa lugar marginal na escola. Nesse cenário, discutir sobre Arte é resistir às imposições dos currículos escolares e a hierarquização dos componentes. Buscando compreender esses contextos, discutir gênero em Arte é, também, um modo de analisar as influências das relações de gênero no ensino e nas aprendizagens e na estruturação do componente curricular. Gênero é um dos temas que atualmente mais suscita debates e polêmicas, principalmente com o advento das mídias sociais, circulação de notícias falsas (*fake news*)¹ e discursos de ódio. Falar acerca dessas temáticas é manter a escola viva e nos permite compreender as raízes históricas da sociedade e a forma como ela se estrutura, carregando um fardo de anos de repressão, machismo e relações de gênero desiguais. Discutir gênero em Arte é questionar a própria história, a formação dos professores de Arte e, conseqüentemente, estabelecer um paralelo entre gênero e os vínculos de poder intrínsecos que formularam nossas maneiras de ensinar e aprender sobre Arte. Portanto, o tema desta pesquisa centraliza-se em torno da docência em Arte e do gênero, realizando articulações com notícias e pronunciamentos proferidos em nosso meio social. O objetivo é compreender como as relações de gênero aparecem em materiais didáticos disponibilizados para uso pela Prefeitura Municipal de Chapecó, Santa Catarina (SC).

A Arte aparece de forma recente na história da Educação no Brasil, visto que foi incluída no currículo brasileiro como Educação Artística, através da lei nº 5692/71, e como disciplina somente a partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação

¹ Termo que se popularizou com a crescente distribuição de notícias falsas na mídia, especialmente com o advento nas redes sociais.

Nacional, nº 9394/96, artigo 26, parágrafo 2º, sendo componente obrigatório na Educação Básica. Obrigatoriedade conquistada mediante muitas lutas e reivindicações de professores e estudiosos da área para que a disciplina se mantivesse em todo território nacional. Porém, a determinação imposta não modificou a maneira como a disciplina ainda é vista e apresentada nas escolas. Em várias realidades, a Arte ainda é trabalhada valorizando estereótipos, limitando-se a cópias, produzindo atividades manuais/artesanais, evidenciando datas comemorativas e afins. Para Ana Mae Barbosa (2012, p. 15):

Em minha experiência tenho visto que as Artes Visuais ainda estão sendo ensinadas como desenho geométrico, seguindo a tradição positivista, ou continuam sendo utilizadas principalmente nas datas comemorativas, na produção de presentes muitas vezes estereotipados para o dia das mães ou dos pais.

Fica o questionamento: haja vista essas opções, por que o ensino da Arte continua valorizando essas práticas que há muito tempo são criticadas e consideradas ultrapassadas? Além de todo o entorno que envolve a docência em Arte, ela se dá, também, pelo modo como a Arte é território de poder quando se fala em gênero.

Talvez esteja mais do que na hora de as preocupações feministas [...] invadirem a cena do ensino de arte no Brasil e comecem a provocar conversões de olhares nesse campo. [...] Se, no discurso dominante sobre arte, as mulheres são hipervisualizadas como objetos da representação e invisibilizadas como sujeitos da criação artística, algo semelhante acontece com a docência em arte. Embora as mulheres sejam maioria como professoras de arte do Ensino Fundamental, com ou sem formação específica, elas são quase invisíveis profissionalmente, sujeitas aos discursos dominantes de arte que privilegiam uma determinada ótica masculina ou aos discursos de receituários e manuais pedagógicos que as nomeiam como ‘professoras criativas’ (LOPONTE, 2005a, p. 254).

A partir desse contexto, na cidade de Chapecó-SC, as professoras de Arte também são maioria no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. Levando em conta o processo de seleção de professores a serem admitidos em caráter temporário, realizado no ano de 2019, pela banca examinadora da Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicos (FEPESE) (CHAPECÓ, 2019), ao total foram contabilizadas 93 inscrições para o cargo de professor de Arte. Destas, 84 eram mulheres. No ano de 2021, de 105 inscrições, 93 eram de mulheres (CHAPECÓ, 2021), e no último processo seletivo, realizado no ano de 2022, de 123 inscritos, 109 eram mulheres (CHAPECÓ, 2022). Esses processos seletivos são realizados regularmente pela prefeitura para suprir a necessidade de profissionais para as vagas em que seus titulares estão em outros cargos, atestados, licenças, ou vagas reais que não foram preenchidas por profissional efetivo, com ingresso através de concurso público.

Esses dados, de alguma forma, remetem ao fato de que, historicamente, constituímos estereótipos de trabalho e serviço que as mulheres estão destinadas a prestar. Ainda hoje, algumas profissões são tidas como masculinas, enquanto outras são vistas como femininas. E, por seu turno, o magistério aparece como uma profissão feminina:

Tendo sido o casamento e a maternidade considerados, por muito tempo, funções sociais das mulheres, quaisquer atividades profissionais que se distanciassem destas eram vistas como impróprias para as mulheres. Por isso, as profissões que se aproximam destas funções são consideradas adequadas para as mulheres. Dentre elas, está o magistério, por ser responsável pelo cuidado, vigilância e educação das crianças, ou seja, uma extensão da maternidade (JOBIM; SILVA, 2019, p. 111).

Adentrar aos espaços educativos, dada minha experiência enquanto professora de Arte, é acostumar-nos com os estereótipos que estão enraizados e são repetidos rotineiramente. Ser denominada como a professora criativa, a “arteira” que, por consequência, deve saber desenhar, pintar, decorar porta de sala de aula e ter facilidade com atividades manuais. Ao mesmo tempo, precisa utilizar materiais alternativos, palitinhos de picolé e produzir trabalhos considerados “belos” para serem expostos no pátio da escola.

Nessa conjuntura, a mulher, professora de Arte, é associada a atividades manuais/artesanais, referenciando os afazeres domésticos e manuais aos quais as mulheres sempre foram designadas no decorrer da história. Michelle Perrot, historiadora e professora francesa, já nos dizia, em seu livro *Minha história das mulheres*, que

De maneira geral, quando as mulheres aparecem no espaço público, os observadores ficam desconcertados; eles as veem em massa ou em grupo, o que, aliás, corresponde quase sempre a seu modo de intervenção coletiva: manifestam-se na qualidade de mães, donas de casa, de guardiãs dos viveres etc. Usam-se estereótipos para designá-las ou qualificá-las (PERROT, 2019, p. 21).

Assim, podemos atentar que falar sobre relações de gênero na docência em Arte é discutir acerca do componente curricular, do/a professor/a, da história, e sobre toda a cercania da educação. É falar de Arte Contemporânea, discutir a respeito de proposições artísticas que estão sendo produzidas na atualidade, nos mais diversos formatos, materiais, mídias ou redes. É versar sobre produções de artistas mulheres, no Brasil e no mundo. É discutir a presença da mulher e não a deixar silenciar, percebendo o entorno de forma crítica e reflexiva.

Essa pesquisa está estruturada em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo procura fazer um desenho da pesquisa, apresentando os caminhos metodológicos percorridos, bem como um breve levantamento bibliográfico, feito a partir de busca na Biblioteca Digital de

Teses e Dissertações (BDTD). No segundo capítulo, dissertamos sobre relações de gênero e poder, abordando fundamentos e conceitos. O terceiro capítulo versa acerca de discurso e gênero, contextualizando termos importantes nesse percurso, como os dispositivos de poder, biopoder, e os mecanismos que os articulam em uma perspectiva de dominação, associando ensino e relações de poder. Neste capítulo, são realizadas articulações entre Arte e gênero, assim como estabelecemos elos entre as relações de gênero, os pronunciamentos políticos e os materiais didáticos observados, fazendo, em paralelo, uma abordagem que contempla o atual cenário que vivenciamos na educação e o impacto de discursos e pronunciamentos que colaboram para a estruturação de uma sociedade sexista e desigual, impactando na constituição da escola a partir da criação de movimentos que interferem nas formas de construí-la, como o “Escola sem partido”, também contemplado neste capítulo.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Falar de gênero é uma forma de resistir à sociedade patriarcal e machista que ainda impera com seus múltiplos conceitos e paradigmas. Falar de gênero através da Arte é também resistir enquanto componente curricular na escola, visto que a visão da Arte é, muitas vezes, subjugada pela sociedade, pelos pais, pelos alunos e até pelos próprios professores. Nesse contexto, torna-se necessária uma abordagem que manifeste como se dá o elo entre os professores de Arte e os materiais pedagógicos que acessam e têm disponíveis para uso em sala de aula. Assim, justifica-se a pertinência de estudos em torno das relações de poder e discursos que auxiliam e tendenciam esse processo.

Sabemos que a escola, em sua constituição, ainda reforça identidades hegemônicas, seja na sua organização, seja nas práticas em sala de aula. Desse modo, a Arte também corrobora paradigmas sociais e históricos, quando é apresentada a partir de uma única visão, contada com base na ótica masculina. Por conseguinte, torna-se importante uma análise sobre as relações de poder e de gênero e como se manifestam.

Nesse viés, considerando esse contexto, a presente pesquisa tem a função de responder a seguinte problemática: como a desigualdade de gênero aparece em materiais didático-pedagógicos acessados pelos professores de Arte?

Haja vista essa problemática, outras questões relevantes emergem:

- Como aparecem as desigualdades de gênero nos livros didáticos adquiridos pela Prefeitura Municipal de Chapecó, Santa Catarina, no ano de 2022?
- Como as publicações apresentam as desigualdades de gênero no grupo “Professores de Artes Visuais” na rede social Facebook?
- Como materiais didático-pedagógicos de Artes reforçam as desigualdades de gênero presentes em pronunciamentos políticos e colaboram para a manutenção de uma sociedade desigual e machista?

Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa consiste em identificar como se apresentam as desigualdades de gênero nos livros de Arte adquiridos pela Prefeitura Municipal de Chapecó, Santa Catarina, para uso no ano de 2022.

Essa pesquisa caracteriza-se, metodologicamente, como uma pesquisa pós-crítica em educação, posto que se busca interrogar como se produz o discurso sobre as questões de gênero que atravessam as práticas pedagógicas com base no contexto ao qual estamos inseridos, levando em conta o meio cultural, social, político e afins. Podemos entender que:

Nas metodologias de pesquisas pós-críticas que usamos/fabricamos, temos como premissa [...] que as teorias, os conceitos e as categorias que podem explicar as mudanças na vida, na educação e nas relações que nela estabelecemos são outros. Sabemos que a teorização cultural e social, os movimentos sociais, a pedagogia e a educação não podem ser mais os mesmos. Consideramos que nossos entendimentos disso tudo também devem ser outros. Não podemos mais pesquisar do mesmo modo que, em outros tempos, investimos em educação e em currículo. Por isso, em nossas pesquisas, ampliamos nossas categorias de análise que deixaram de priorizar apenas classe social e passaram a atentar e a operar com questões de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração, idade, cultura, regionalidade, nacionalidade, novas comunidades, localidade, multiculturalidade etc. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 27).

As pesquisas pós-críticas trazem para a discussão as mais diversas questões a partir de um prisma que engloba as relações de poder intrínsecas a essas conjunturas. Aqui, em específico, tratamos do gênero:

[...] a compreensão de que nas escolas, em diferentes instituições e espaços, nos currículos e nos mais diferentes artefatos estão presentes relações de poder de diferentes tipos – de classe, gênero, sexualidade, idade, raça, etnia, geração e cultura – é outro pressuposto de grande relevância para as nossas pesquisas. Isso faz com que todas essas relações de poder recebam nossa atenção no sentido de mapeá-las, descrevê-las, desconstruí-las, mostrar seus funcionamentos e analisá-las (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 30).

Pesquisas acerca desses temas podem auxiliar no processo de desmistificação de conceitos, na fuga de generalizações e normatizações e, conseqüentemente, na problematização e no questionamento das relações de gênero nos mais diversos formatos em que se revelam. Por isso, buscando uma aproximação com a temática e sua problematização, desenvolvemos uma revisão de literatura alicerçada em pesquisas (teses e dissertações) que discorrem sobre o tema gênero e, à vista disso, referente ao ensino da Arte, considerando as relações de poder que produzem o cenário educacional e social.

Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica e documental, de perspectiva analítica. Para Dmitruk (2012, p. 47), “a pesquisa bibliográfica consiste num conjunto sequencial de procedimentos planejados para recolher, analisar e sintetizar as principais contribuições teóricas sobre um assunto, assim como para elaborar um texto escrito sobre um objeto de estudo”. Além da pesquisa bibliográfica, foi empreendida uma breve pesquisa documental a partir de fontes primárias de análise.

Sobre a pesquisa documental, Gil (2002, p. 45) nos diz que:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem

ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser re-elaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

A pesquisa iniciou com uma revisão de literatura desde teses e dissertações que abordaram, de alguma forma, o tema gênero associado ao ensino da Arte. A base de dados utilizada para o levantamento foi a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Para a busca, inicialmente, foram utilizados como descritores os termos “gênero”, “ensino da Arte”, “biopolítica” e “gênero e educação”. No primeiro caso, os resultados apresentaram uma diversidade de materiais com ramificações aleatórias ao que se buscava. No segundo, foram computados mais de 1.200 resultados na pesquisa, demonstrando ser um campo muito abrangente. Ao usar o descritor “Gênero e ensino da Arte”, a busca retornou 259 resultados entre teses e dissertações.

Para melhor atingir o objetivo proposto, realizamos leituras a partir dos títulos, resumos e introduções dos materiais encontrados, para que fosse possível filtrar as teses e dissertações que mais se aproximavam do objeto de pesquisa, ou seja, que traziam discussões pertinentes ao ensino da Arte e ao tema gênero. Foram selecionados sete trabalhos para uma leitura mais aprofundada, sendo descartados os trabalhos que se direcionavam para outros componentes curriculares, ou que tivessem focos adversos à intenção de pesquisa.

Após a leitura das produções selecionadas, delimitamos o material a ser utilizado para análise nesta pesquisa. Optamos por utilizar os livros didáticos para o ensino de Arte do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, adquiridos para uso escolar pela Prefeitura Municipal de Chapecó-SC, no ano de 2022.

Ademais dos livros disponibilizados através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), a Secretaria de Educação da Prefeitura de Chapecó adquiriu, da editora Opet, livros consumíveis para serem usados em todo o Ensino Fundamental da rede. A aquisição desse material pela Prefeitura Municipal de Chapecó custou aos cofres públicos 14 milhões de reais, conforme dados divulgados na página da prefeitura municipal². Justificamos a escolha desse material por se tratar de uma coleção que há muito tempo vem sendo adquirida para uso em sala de aula no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, dado que seu uso inicia no ano de 2010. Porém, somente no ano de 2022 essa compra estendeu-se para os Anos Finais do Ensino Fundamental, sendo o primeiro ano de utilização pelos estudantes de 6º a 9º ano. Em razão disso, provocou-nos olhar mais atentamente para esse material, observando como se constitui em relação ao gênero e o ensino da Arte. Para isso, foi realizada uma

² Informações disponíveis em: [Investimentos em livro didático na Rede Municipal de Ensino é próximo de R\\$ 14 milhões - BRSIS \(chapeco.sc.gov.br\)](https://www.chapeco.sc.gov.br/informacoes-disponiveis-em-investimentos-em-livro-didatico-na-rede-municipal-de-ensino-e-proximo-de-r-14-milhoes-brsis)

análise dos 4 livros que compõem a coleção de 6º a 9º ano, fazendo uma leitura atenta dos referenciais utilizados, dos artistas homens e mulheres que apareciam em cada volume, e da forma como a figura feminina era descrita e colocada nos mais diversos contextos. Cada detalhe importante era grifado para posterior escrita.

No ambiente da sala de aula, o livro didático (LD) é uma importante ferramenta nos processos de ensino e de aprendizagem (BRISOLLA; TOURINHO, 2008). Tratando-se especificamente do LD de Arte, devemos, primeiramente, pontuar a relevância de ter materiais disponibilizados gratuitamente para uso, posto que, para o componente Arte, sua distribuição, por meio do PNLD, foi tardia. De acordo com levantamento de Scorteganha (2020), em 2015 foi realizada a primeira distribuição gratuita do livro para o Ensino Médio das escolas públicas; em 2016, para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, em 2017, a distribuição gratuita para os Anos Finais do Ensino Fundamental.

Para análise desta pesquisa, foram selecionados os livros destinados ao 6º, 7º, 8º e 9º anos, que fazem parte da coleção “Ser e viver cidadania”, da editora Opet. Este é o primeiro ano (2022) que a Prefeitura de Chapecó adquire o material contemplando o Ensino Fundamental II (Anos Finais), pois, nos anos anteriores, apenas integrava os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A partir das observações, alguns apontamentos foram necessários, considerando os discursos sobre a mulher, as questões intrínsecas em seu contexto e a história da Arte, que corroboram para que as relações de gênero sejam desiguais desde a sua constituição. A busca nos livros se deu a partir da observação e leitura atenta dos 4 volumes destinados a 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental. Conforme situações que envolviam a desigualdade de gênero ou posição feminina iam surgindo, as mesmas eram grifadas, assim como, o aparecimento de artistas mulheres, conforme apareciam esporadicamente no material, eram pontuadas para posterior contagem.

Para perceber como as desigualdades de gênero se constituem nesses materiais, utilizamos como método a *Análise do Discurso*, de viés Foucaultiano. Segundo Foucault (2007, p. 136-137), o discurso

[...] aparece como um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

Face a essa afirmação, podemos compreender o discurso como algo que transcende os limites dos espaços, com seus múltiplos preceitos e paradigmas, atribuindo sentidos às formas

de ser e viver, considerando as formas como foi constituído e que os discursos são produções humanas.

Para enriquecer a análise, valemo-nos da rede social Facebook, através do grupo “*Professores de Artes Visuais*”, como ferramenta secundária de pesquisa, buscando publicações e imagens que auxiliassem na percepção de como o gênero se constitui em publicações de redes sociais que professores têm acesso. Levando em consideração o atual cenário, um mundo totalmente permeado por imagens e conteúdos difundidos amplamente por diversas mídias e redes, torna-se importante nos atentarmos a essas conjunturas na pesquisa em educação, percebendo como o tema é visto, trabalhado e como aparece explícita, ou implicitamente, nos discursos. Para isso, foi selecionado um grupo na rede social Facebook, tendo como membros professores de Arte de todo o território nacional, além de alguns professores de outros componentes e interessados na área. O grupo, criado em 26 de abril de 2015, em dezembro de 2022, contava com 72.100 membros. Nele, são feitas, em média, 70 publicações diárias, que trazem conteúdo variado, sejam matérias, notícias, indicações de vídeos, textos, ou compartilhamento de propostas de atividade, entre outros.

Para início, foi realizada uma breve análise das postagens feitas no grupo. Em um primeiro olhar, foi possível verificar a quantidade de publicações, trazendo anúncios de materiais com atividades para serem aplicadas nas aulas de Arte. Em algumas das postagens, os autores denominam-se como professores ou professoras de Arte, habilitados na área e que elaboraram o material com base nas necessidades da escola.

Para a análise, empregamos uma busca por publicações que tratem do tema gênero e ensino da Arte, assim como uma análise de como as relações de gênero aparecem nas publicações, salientando os discursos, as proposições pedagógicas e afins. Essa averiguação se deu pelas publicações e, principalmente, pela leitura de imagens. Meyer e Paraíso (2012, p. 265) explicam que:

As imagens, como meio de comunicação e de representação de mundos, têm um lugar central na contemporaneidade [...]. Não aceitar a imagem como possibilidade de instrumento metodológico é negligenciar um material importante de compreensão da experiência humana contemporânea. Entendo a imagem como produto e produtora do cotidiano contemporâneo, presente no contexto comunicativo pós-moderno, por isso a considero como um importante corpus de pesquisa no campo educacional. As imagens formam e informam.

Além da pertinência da análise de imagens, destacamos a relevância do contexto das redes sociais e o que nos trazem no que diz respeito à temática, considerando que são um

canal de comunicação altamente difundido e acessível a todos os públicos que, diariamente, fazem acessos, leituras, publicam e opinam sobre os mais variados assuntos. Lugar onde, inclusive, diversos discursos se apresentam, podendo trazer informação ou desinformação, assuntos de significância, ou discursos de ódio. Concernente a examinar discursos a partir da mídia, Fischer (2002, p. 90) nos diz que:

Analisar, portanto, o discurso da mídia, no âmbito das pesquisas educacionais, será mergulhar num tipo específico de linguagem, a audiovisual, tendo selecionado um conjunto expressivo de materiais, exatamente porque podem dar conta dessas paisagens imaginárias de nosso tempo, e têm uma presença efetiva no cotidiano dos sujeitos sociais, dos alunos, meninos e meninas, crianças, adolescentes, dos professores e professoras, com os quais interagimos no cotidiano escolar.

Desse modo, partindo dos discursos presentes nesses materiais e veículos de informação, buscamos entender o conceito de biopoder, aproximando-nos de uma abordagem pós-estruturalista, ancorada em Michel Foucault, intentando perceber como as relações se estabelecem. Sobre a utilização dos escritos de Michel Foucault como embasamento metodológico, Fischer (2003, p. 385) assevera que:

[...] talvez Michel Foucault seja um autor que possa revolucionar a pesquisa em educação na medida em que fizemos dos conceitos desenvolvidos em sua obra ferramentas efetivamente produtivas na construção de nossos objetos de investigação, em direção a pesquisas que privilegiem o estudo cada vez mais cuidadoso de práticas educacionais, de práticas didático-pedagógicas, de políticas públicas, de propostas curriculares. Refiro-me aqui a práticas discursivas e não discursivas, que deem conta das descontinuidades históricas no campo da educação, do pensamento pedagógico; práticas discursivas e não-discursivas pelas quais possamos descrever não objetos naturalizados, mas antes os caminhos pelos quais determinados temas, sujeitos, situações, no campo educacional, foram historicamente objetivados.

Para que fosse possível uma investigação mais abrangente tangente ao processo, e que contemplasse diversos âmbitos no que corresponde aos materiais acessados pelos professores, selecionamos as duas fontes de pesquisa citadas para posterior conversa entre esses materiais, aliada aos estudos foucaultianos, que nos possibilitam essas múltiplas formas de pesquisa e análise. Assim, o livro didático aparece como fonte de pesquisa principal e o grupo de professores de Arte da rede social *Facebook* aparece como um material secundário de análise.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Para a seleção de trabalhos na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações que se relacionam com o tema pesquisado, haja vista a metodologia empregada, teve, entre os 256 trabalhos, a partir das leituras dos títulos, sete trabalhos selecionados, sendo seis dissertações e uma tese, conforme Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Trabalhos selecionados em Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

TÍTULO	AUTOR/AUTORA	TESE/DISS ERTAÇÃO	ANO DE DEFESA	UNIVERSIDADE DE ORIGEM
Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas	Luciana Gruppelli Loponte	TESE	2005	UFRGS
Docência em arte no Sudoeste do Paraná: escritas e cicatrizes da formação	Bruno Daniel Momoli	DISSERTAÇÃO	2013	UFRGS
A/r/tografia e enunciações Queer: hibridizações entre arte, gênero e sexualidade nas narrativas de professoras/es de arte	Hélio Puchalski	DISSERTAÇÃO	2015	UFPR
Ensino de arte e feminismos: urdiduras entre relações de poder e resistências	Taís Ritter Dias	DISSERTAÇÃO	2017	UFRGS
Quando crescer quero ser princesa: um estudo de representações fílmicas de gênero feminino sob a perspectiva da educação da cultura visual	Ana Carolina Rocha Lisita	DISSERTAÇÃO	2018	UNB
Fendas: pensar corpo, gênero e	Juliana de Lima Veloso	DISSERTAÇÃO	2019	UFRGS

sexualidade com arte e educação				
(Não) façam silêncio: ensino de arte e o direito à palavra de meninas e mulheres na escola pública	Marília Alves de Carvalho	DISSERTAÇÃO	2020	UNESP

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em sua tese de doutorado, intitulada *Docência artista: Arte, estética de si e subjetividades femininas*, apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 2005, orientada pela professora Dr.^a Rosa Maria Bueno Fischer, Luciana Grupelli Loponte versa sobre a maneira como o tema gênero está ligado intrinsecamente à formação e à constituição das professoras de Arte. Tem como base as teorizações foucaultianas, nietzscheanas, acompanhadas de teorias de cunho feministas, aliadas à arte e à educação. A autora problematiza a tese a partir de três tempos: “O mito da genialidade artística e o sujeito criador; arte e imagens de mulheres e uma estética da intimidade presente nas artes domésticas femininas” (LOPONTE, 2005b, p. 9).

A autora traz, na tese, a preocupação com a Arte na escola e as formas como é trabalhada, distanciando-se do ato de questionar e refletir acerca do que acontece na sociedade. Um dos pontos importantes na tese da autora, que contrasta com o que pretendo abordar nesta dissertação, está nos materiais destinados aos professores e aos modos como são constituídos. Na época da pesquisa, o material a que a autora se refere trata da publicação *“Dia a dia do professor”* (editora Fapi, Belo Horizonte) e *“A professora criativa”* (editora gráfica Claranto, Uberlândia/Minas Gerais), que, consoante a autora, trazem receitas fáceis a serem seguidas pelas professoras (LOPONTE, 2005b). Ao mesmo tempo que menciona o estereótipo da “professora criativa”, a autora também cita as dificuldades da formação de professores de Arte no Brasil, considerando que se acredita que, para ministrar as aulas, seriam necessárias habilidades e um “dom” (LOPONTE, 2005b, p. 13).

Ademais da crítica às práticas recorrentes nas aulas de Arte, que a deslegitimam enquanto área de conhecimento, a autora também suscita debates em torno da maneira como a história da Arte é contada e traz para debate o “mito da genialidade artística”, para a reflexão a partir de como o artista homem tem seu papel destacado e o papel de genialidade que assume na história e, conseqüentemente, nas aulas de Arte. Para referenciar esses termos,

refere biografias de artistas e as supostas formas de como iniciaram no mundo da Arte, geralmente na infância, demonstrando o “dom” e a “genialidade” com que já nasceram. Para desmistificar esses conceitos, explana uma reflexão em torno de promover uma docência artística como forma de fugir desses rótulos e repensar a prática docente em Arte. Com base nesses pressupostos, a autora trata a respeito das relações de poder que produzem a docência em Arte, alicerçadas em uma perspectiva que abrange o gênero. Além de Michel Foucault, referencial constante, utiliza autores como Griselda Pollock, Linda Nochlin, Patricia Mayayo, Rosa Maria Bueno Fisher, Hanna Arendt, Gilles Deleuze, Ana Mae Barbosa, entre outros.

Na dissertação *Docência em Arte no sudoeste do Paraná: escritas e cicatrizes da formação*, de Daniel Bruno Momoli, orientado pela professora Dr.^a Luciana Gruppelli Loponte, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), defendida no ano de 2013, o autor traça seus caminhos na pesquisa apoiado na formação de professoras de Arte da Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu (VIZIVALI), da cidade de Dois Vizinhos, região Sudoeste do Paraná, egressas da primeira turma do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Busca compreender como se deu a formação dessas professoras a partir dos processos de estágio, trabalho de conclusão de curso e as relações de poder e de gênero que se estabelecem neste contexto.

O autor, fundamentado em pesquisa bibliográfica sobre o Sudoeste do Paraná e de conceitos amparados em Michel Foucault, analisa a produção de sujeitos nesta região. Utiliza-se, também, de cartas escritas pelas professoras para entender as escolhas no tocante a ser docente e as relações que permeiam esse processo de ser professora de Arte, tratando, igualmente, de uma docência mais artística e poética. Nessa escrita de cartas, foram se estabelecendo relações entre a escolha da profissão e as relações de poder e de gênero que aparecem nesse processo. Através do contato com as professoras, o pesquisador começou a notar como essas vinculações haviam constituído essas profissionais, desde o contexto regional em que viviam. Assim, inicia o processo de pensar o sujeito mulher para compreender o cenário da formação das professoras de Arte no Sudoeste do Paraná. Com um amplo referencial teórico, utiliza autores como: Michel Foucault, Ana Mae Barbosa, Anne Cauquelin, Rosa Maria Bueno Fischer, Luciana Gruppelli Loponte, Guacira Lopes Louro.

Na Dissertação *A/r/tografia e enunciações Queer: hibridizações entre arte, gênero e sexualidade nas narrativas de professoras/es de Arte*, de Hélio Puchalski, orientado pela professora Dr.^a Maria Rita de Assis César, e defendida na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2015, o pesquisador busca problematizar os estereótipos que circundam o

professor e a professora de Arte, sendo esta criativa e aquele gay. Através de entrevistas com professores de Arte da Rede Estadual de Ensino do Paraná, coleta narrativas concernentes a esses estereótipos, inicialmente, por meio de questionamentos e, depois, de entrevistas.

Para a análise desses questionários, Puchalski usou estudos foucaultianos sobre práticas discursivas para captar como se dá esse processo. Vale-se, para isso, de autores como: Michel Foucault, Luciana Grupelli Loponte, Guacira Louro, Joan Scott, Griselda Pollock, Judith Butler entre outros. Tendo como base a teoria Queer, traz questionamentos sobre as identidades de gênero na sociedade e na educação, interrogando os currículos e as formas de discutir diversas temáticas, aliando o ensino da Arte a questões sociais do nosso contexto, com foco em gênero.

Na Dissertação *Ensino da Arte e feminismos: urdiduras entre relações de poder e resistências*, de Taís Ritter Dias, escrita no ano de 2017, orientada pela professora Dr.^a Luciana Gruppelli Loponte, a autora realiza uma interpelação a respeito do feminismo, destacando a presença da mulher na Arte, numa linha pós-estruturalista. Outrossim, considera a importância da discussão dessas temáticas em sala de aula e questiona o atual cenário político em que vivemos, enfatizando projetos como *A escola sem partido* e as suas implicações para o ensino. O objetivo principal da pesquisa circula em torno de “problematizar estratégias de abordagem das questões de gênero no ensino de Artes Visuais à luz de uma paisagem feminista pós-estruturalista e especialmente atenta às dinâmicas entre as relações de poder e as práticas de resistência” (DIAS, 2017, p. 18). Como maneira de retratar o gênero e problematizar as estratégias a serem utilizadas em sala de aula, a autora realiza uma busca e analisa artigos publicados no Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil (CONFAEB) e na Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Como aporte para as discussões acerca de poder e resistência, ampara-se nos escritos de Michel Foucault, ressaltando que, ao passo que o poder se manifesta, a resistência aparece de modo concomitante. É possível analisar que o enfoque é o estudo do gênero em sala de aula, defendendo a importância de uma educação em Arte feminista, levando em conta as influências sociais e políticas que dificultam a inserção da temática em âmbito escolar. Pontua que uma das grandes dificuldades é a ausência de professores habilitados na área, falando a partir de seu ambiente, em uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul. Questiona, também, os modelos de avaliação em larga escala, que privilegiam outras disciplinas, e as concepções morais apreendidas pelas famílias e pelos professores, as quais fazem com que resistam a essas temáticas, quando apresentadas no espaço da escola.

Na dissertação nomeada *Fendas, pensar o corpo, gênero e sexualidade com arte e educação*, de Juliana de Lima Veloso, orientada pela professora Dr.^a Luciana Grupelli Loponte, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS, defendida em 2019, a pesquisadora faz uma abordagem fundamentada no conceito de “fenda”, criado por ela e que se entrecruza com o ensino da Arte e gênero. Para a autora:

[...] ao criar produções visuais como ruídos, e das fricções entre fatos e aportes teóricos, podemos pensar de outros modos, com arte e educação, as discussões de corpo, gênero e sexualidade. Nesta fenda, que não separa, está a ideia de desconstrução e abertura que, somada aos aportes teóricos das vertentes pós-críticas em educação e teorias feministas, auxiliam certa conversão do olhar (VELOSO, 2019 p. 4).

Nesse rumo, Veloso (2019) faz uma aproximação entre a Arte e outras áreas, trazendo temáticas como o gênero para a discussão. Para a análise, utiliza pesquisas já concluídas, no que tange à Arte, ao gênero e à educação, mais focadas no corpo e no uso de imagens. Faz uso, também, das quatro versões de construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental e da versão para o Ensino Médio, investigando como aparece o tema gênero e suas ramificações, além de 15 casos de censura que sinaliza. Vale-se, ainda, de sua própria produção visual como ferramenta para a discussão e os questionamentos. Seu embasamento teórico parte de pesquisadores como Mirian Cao, Rosemary Betterton, Linda Nochlin, Luciana Grupelli Loponte, Judith Butler, Guacira Louro para discutir as questões que pontua. Michel Foucault aparece na pesquisa, com conceitos da história da sexualidade, relações de poder e análises de discursos.

Veloso (2019) fala sobre as fissuras em torno da educação e do ensino de Arte, conforme o conceito de fendas, associadas às discussões de gênero, com ênfase no corpo e suas construções/desconstruções, discursos difundidos na escola, imagens, notícias e situações que exemplificam as desigualdades de gênero, o preconceito, a censura e a intolerância que permeiam a sociedade e, por conseguinte, a escola, trazendo a Arte como importante veículo para desconstrução desses conceitos.

Na dissertação *Quando crescer quero ser princesa: um estudo de representações filmicas de gênero feminino sob a perspectiva da educação da Cultura Visual*, de Ana Carolina Rocha Lisita, orientada pela professora Prof.^a Dr.^a Maria Del Rosario Tatiana Fernández Méndez, no Programa de Pós-Graduação em Arte, do Instituto de Artes Visuais da Universidade de Brasília, defendida no ano de 2018, a autora discute gênero com base em alguns filmes produzidos pela Disney. Para tanto, leva em consideração a cultura visual,

perscrutando como as produções fílmicas interferem nas concepções de gênero das meninas em idade escolar. Para a análise inicial, utiliza os filmes *Aladdin* (1992), *Mulan* (1998), *Valente* (2012) e *Moana* (2017), e afirma que eles:

[...] integram a marca Princesas Disney, percebe-se que estas obras exercem influência sobre a construção de gênero no público feminino em idade escolar, sendo filmes que foram se transformando e mudando ao decorrer dos anos. Sendo assim, estes filmes continuam com seus princípios excludentes e com um olhar familiarista e colonizador sobre tudo aquilo que foge do padrão euromericano (LISITA, 2018, p. 12).

Para perceber como se dão essas influências, trabalhou com grupos focais de alunas adolescentes de 14 a 18 anos de idade, dado que julga essa fase importante pelas novas descobertas e constituição da feminilidade a partir das interferências que recebem. Além da contextualização acerca das questões de gênero desde as visualidades fílmicas que cercam as meninas em idade escolar, também aborda os impactos da ausência das discussões de gênero nos documentos norteadores da educação nacional. Tem como referencial, Luciana Borre Nunes, Katherine Woodward, Guacira Louro, Judith Butler, Paulo Freire, Fernando Hernández, entre outros.

Na dissertação *(Não) façam silêncio: Ensino de Arte e o direito a palavra de meninas e mulheres na escola pública*, apresentada no Instituto UNESP, orientada pela professora Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli, e defendida no ano de 2020, Marília Alves de Carvalho disserta sobre o espaço da escola e as limitações e aprisionamentos que cercam as meninas da escola pública e, conseqüentemente, contribuem para o seu silenciamento. A autora realiza proposições a partir das discussões realizadas, inserindo, no espaço, intervenções artísticas, analisando frases, palavras e escritas nas paredes do espaço público da escola. Desse modo, traz à tona a importância da Arte aliada à cultura visual dos estudantes, para gerar contextos significativos. Assim, entrelaça os cenários da Arte às formas de silenciamento às quais as meninas estão impostas e, mediante grupos formados com as alunas, relata suas vivências, fazendo articulações com discussões de gênero. Utiliza por referencial autores como: Chimamanda Ngozi Adichie, Judith Butler, Fernando Hernández, Guacira Lopes Louro, Alice Fátima Martins, Joan Scott, entre outros.

Com o levantamento bibliográfico, constatamos alguns pontos fundamentais no que tange ao Ensino da Arte e às discussões levantadas a partir do tema gênero. Por se tratar de uma temática abrangente, possibilita diversas ramificações, abrindo um leque de alternativas para a discussão. Observamos que Michel Foucault é referência presente na maioria das

teses/dissertações comentadas. Outros autores aparecem com frequência nos documentos, como: Judith Butler, Griselda Pollock, Guacira Lopes Louro, tratando da temática gênero; Fernando Hernández e Ana Mae Barbosa discorrem sobre os processos de ensino da Arte e cultura visual, e a pesquisadora Luciana Grupelli Loponte, que além de ser orientadora de algumas das dissertações, também aparece como autora citada na maioria das pesquisas.

A partir da articulação e estudos sobre a desigualdade de gênero e o espaço da escola, torna-se importante investigar as relações de poder e como aparecem de maneira articulada à realidade social. Para isso, trataremos, mais especificamente, no próximo capítulo, como as relações de poder interferem diretamente nesse processo.

3 RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER

Quantas coisas já haviam feito naquele lugar a quem pertencerá um dia. Nos restam memórias saudosas de coisas que nem ao menos vivemos. Não é uma memória, é uma ilusão de que o passado uma vez fora perfeito (MONARI, 2017).³



³

Trabalho selecionado no prêmio “Jovens Artistas em Santa Catarina”, no ano de 2017.

3.1 FUNDAMENTOS E CONCEITOS

Para perceber como ocorrem as relações e desigualdades de gênero, é imprescindível versar sobre as relações de poder, como se constituem, e de que modo essas relações, advindas das mais diversas matrizes culturais e históricas, aparecem.

As relações de poder, aqui, serão contextualizadas com base em alguns escritos de Michel Foucault (1926-1984). Segundo o autor, o poder se distribui espacialmente, mas se produz nas relações estabelecidas entre os indivíduos e se compõe das mais diversas formas, é onipresente, do qual ninguém está isento.

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. [...] o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 2020, p. 101).

Podemos destacar, nesse processo, a disciplina e a regulamentação desenvolvidos a partir do biopoder, assim como a influência da norma nessa rede de relações. Em escritos de Foucault, Maura Corcini Lopes e Eli Henn Fabris, a norma aparece entre disciplinar e regulamentar o corpo e a população de maneira geral, trazendo-a como um modo de incluir os sujeitos com base em critérios estabelecidos para igualar a todos, fazendo com que se enquadrem e vivam de acordo com os limites impostos (LOPES; FABRIS, 2013). Foucault menciona em *História da sexualidade I: A vontade de saber* a norma como consequência do biopoder, dando importância à sua atuação através da lei e afirma ainda que “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (FOUCAULT, 2020, p. 156).

Em *Vigiar e Punir* (2013), Foucault reporta-se ao termo “corpos dóceis” a fim de justificar o corpo como passível da ação do poder. Esse corpo dócil é considerado, pelo filósofo, como alvo fácil das manipulações impostas, podendo sofrer transformações para depois ser utilizado na sociedade. Para a manipulação destes corpos dóceis e a transformação em corpos úteis, Foucault cita a relevância da ação da disciplina sobre os sujeitos, sendo executada nas mais diversas instituições. Foucault (2013, p. 167) entende que as disciplinas:

[...] são o conjunto das minúsculas invenções técnicas que permitiram aumentar a grandeza útil das multiplicidades, fazendo diminuir os inconvenientes do poder que, para torná-las úteis, deve regê-las. Uma multiplicidade, seja uma oficina ou uma

nação, um exército ou uma escola, atinge o limiar da disciplina quando a relação de uma com a outra se torna favorável.

Nesse campo, Foucault faz um paralelo entre oficina, escola e exército para fundamentar como se dão essas relações. Haja vista o espaço da escola como disciplinador, exemplifica o uso das fileiras em sala de aula, a separação dos indivíduos conforme suas capacidades, a punição aos atos e as formas de regulação impostas pela instituição.

Na oficina, na escola, no Exército, domina toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, faltas, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (falta de educação, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes «incorretas», gestos inconvenientes, desmazelo), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo, usa-se, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vai desde o castigo físico leve até a privações menores e a pequenas humilhações. Trata-se de tornar penalizáveis as frações mais tênues do comportamento e, ao mesmo tempo, de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: no limite, tudo deve servir para punir seja o que for; cada indivíduo está sujeito a uma universalidade punível-punidora (FOUCAULT, 2013, p. 142).

Esse modo de organização e regulação que a escola rege sobre os sujeitos engloba o poder disciplinar e as formas de controle às quais são submetidos de maneira subliminar. Considerando as três instituições que o filósofo coloca, cada uma regulamenta suas ações e os modos de punição para todo e qualquer ato que esteja em desacordo ao que se coloca como correto e ideal.

Foucault (2020, p. 104) declara que “lá onde há poder há resistência”. Assim, demanda a resistência como inseparável das relações de poder, já que a resistência só existe onde há poder. Foucault (2020, p. 105) também assevera que:

Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições, sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução, um pouco à maneira do estado que repousa sobre a integração institucional das relações de poder.

Esses pressupostos abrem campo para diversos conceitos que justificam as relações de poder e que podemos associar aos materiais e contextos aqui analisados. Tendo em mente os vários mecanismos apresentados e através dos quais o poder se difunde, ponderamos como parte desse processo as relações entre masculino e feminino e as questões de gênero que reforçam ideais, consolidando formas de pensar e agir.

A partir disso, as maneiras de resistência se mostram como pequenos pontos de fuga para buscar modificações concernentes à presença de discursos e ações que, nesse caso, privilegiam a ótica masculina no ambiente escolar e, por isso, auxiliam na constituição de uma sociedade desigual para as mulheres como um todo. Logo, trazer à tela esses temas também é uma forma de resistir, permitindo reflexões e possíveis mudanças na realidade.

Se atentarmos para o fato de que a escola reproduz essas conexões sociais de poder a respeito das desigualdades de gênero, ela acaba colaborando com a perpetuação desses mecanismos de poder. Referimos, então, como as questões de gênero também aparecem nesse espaço, seja nos estereótipos reforçados com os alunos, seja nas relações estabelecidas pelos docentes com o seu componente, com a sua prática e com os materiais didático-pedagógicos.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2008, p. 57).

A escola assume um papel essencial na construção de identidades, o que seria fundamental para a desconstrução de padrões. A escola e a educação podem, tanto fomentar relações disciplinadoras, quanto os movimentos de resistência. É comum estarmos na escola e nos depararmos com falas estereotipadas acerca dos comportamentos dos estudantes.

Em minha prática docente, percebi que as meninas são consideradas dedicadas pelos cadernos bonitos e impecáveis. Dos meninos, já não esperamos o mesmo capricho, pelo simples fato de serem meninos. Tratando-se do comportamento, são proferidas falas diferentes em relação a meninos e meninas, por exemplo: *Dizem que as meninas são mais tranquilas, mas estão piores que os meninos*. Sujar-se pelo pátio da escola também é visto como comum aos meninos, já para as meninas significa desleixo, como em falas das mães na saída do espaço da escola: *O que você fez nesse cabelo? (com a mão desembaraçando) Tá cheio de folhas! Você não pode ficar se arrastando por aí igual um “guri”*. Ou ao pedir, aleatoriamente, para um aluno (menino) que, ao final da aula, recolhesse os pincéis sujos de tinta e os lavasse e ouvir: *Eu não vou lavar, não sou menina*.

Portanto, as desigualdades de gênero perpetradas nos diversos espaços sociais adentram ao espaço escolar e se difundem. Não obstante, a escola deveria ser um espaço para

desmistificar conceitos ao invés de proceder por massificação, reforçando estereótipos e comportamentos que perpetuam os liames assimétricos entre os sexos. Outrossim, uma vez compreendendo como a escola opera os diversos dispositivos de poder aos quais é exposta e que condicionam sua existência, torna-se importante discutir relações de poder e o biopoder.

Consoante Foucault, o biopoder regula a população em inúmeros âmbitos, respeitando suas condições biológicas. No curso ministrado pelo filósofo no College de France (1977-1978), intitulado “*Segurança, Território, População*”, Foucault (2008, p. 3) inicia tratando do biopoder, definindo-o como:

[...] o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder.

Dessa maneira, o biopoder age como transformador da vida humana a partir de um conjunto de mecanismos de poder, que inclui as influências políticas e governamentais que os sujeitos sofrem e que os tendenciam a serem ativos em suas funções sociais e, ao mesmo tempo, mantêm-nos submissos e pacientes às circunstâncias impostas. De certa forma, Foucault (2020) centra o biopoder em dois pontos essenciais, sendo o primeiro advindo da disciplina e das formas de governar o sujeito, e o segundo proveniente do conceito da biopolítica, aparecendo de maneira mais ampla, visando o controle da população de modo geral. Ainda sobre esses dois eixos estruturantes do conceito de biopoder, podemos dizer que “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2020, p. 150). Baseado nessa organização, Foucault apresenta as instituições e seu papel nos eixos expostos, acerca dos quais, para a implementação da disciplina, destacamos o papel do exército e da escola, objetivando o aprendizado mediante regras e formas de viver e agir em sociedade.

Face a essas conceitos, articulamos a organização do poder considerando os interesses governamentais/sociais, agindo de maneira a regular os “corpos sociais” conforme denomina Foucault, utilizando dispositivos de regulação, o que inclui o controle da sexualidade. Assim, o filósofo depreende que o biopoder foi elemento fundante da organização capitalista à qual temos conhecimento e à qual estamos inseridos, levando em conta os mecanismos de

regulação que abrangem desde a sexualidade até a economia. Para essa ascensão capitalista, o autor ratifica que muitas ações e mecanismos foram necessárias.

[...] se o desenvolvimento dos grandes aparelhos do Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de biopolítica, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o exército, a escola, a polícia, a medicina individual, ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia (FOUCAULT, 2020, p. 152).

Nesse sentido, analisamos os elos de dominação e os dispositivos utilizados para o exercício do biopoder. Nesse quadro, a escola aparece também como instituição colaborativa do processo de regulação dos corpos e das mentes. Seguindo este pressuposto, a escola contribui para a disseminação de discursos e participa da constituição da desigualdade de gênero, deixando transparecer um cenário preocupante, visto que, mesmo em pequenos atos, evidência falas discriminatórias, machistas e misóginas, que excluem alguns grupos sociais e colaboram para que esses discursos continuem enraizados na sociedade. Esses discursos provêm de atitudes já comuns, que aparecem de modo a controlar e modelar condutas e posturas.

No próximo capítulo, veremos como a desigualdade de gênero e poder aparecem, considerando o discurso como ferramenta, utilizando escritos da filósofa estadunidense Judith Butler como embasamento, buscando analisar os vínculos entre pronunciamentos políticos e a desigualdade de gênero, explanando como representantes escolhidos pelo povo se referem às mulheres em suas falas.

4 ENTRE PRONUNCIAMENTOS E FEMINAZIS

Me perguntei quem eram. Olhei ao lado, ninguém tinha respostas. Eram somente meninas, não se sabe quem, só meninas. Meninas, mulheres, números, raízes semelhantes à de um inço que se arranca e ele encontra meios de brotar e reviver (MONARI, 2017).⁴



⁴

Trabalho selecionado no prêmio “Jovens Artistas em Santa Catarina”, no ano de 2017.

4.1 GAIOLA DAS LOUCAS, MOCRÉIAS E PELUDAS

Finalizada a exposição sobre o que são relações de poder e de como podem ser conceituadas, tendo por base a obra de Foucault, nossa argumentação segue buscando demonstrar como estas se configuram a partir dos atos discursivos. Muitos proferimentos, que são maneiras pelas quais enunciados formam discursos sexistas, determinam o lugar da mulher na sociedade. Por isso, é basilar compreender esses enunciados e como formulam uma ordem discursiva.

A filósofa estadunidense Judith Butler (2021), em seu livro *Discursos de ódio: uma política do performativo*, tenciona entender como os discursos, atos de fala, podem performar as práticas sociais. A obra traz significativas discussões sobre a disseminação de discursos de ódio, principalmente direcionados às minorias da sociedade, discursos sexistas, homofóbicos, racistas, entre outros. Para a autora:

No discurso de ódio, o ritual em questão parece ser o da subordinação. De fato, um dos argumentos mais fortes a favor da regulamentação estatal do discurso de ódio é o de que certos tipos de enunciados, quando proferidos pelos que se encontram em posições de poder contra seus subordinados, possuem efeito de ressubordinar aqueles a quem tais enunciados são dirigidos (BUTLER, 2021, p. 52).

A autora utiliza o conceito da subordinação e dominação exercida sobre os sujeitos e que, de certa forma, configuram os modos de existir e ver o mundo.

As estruturas institucionais complexas do racismo, e também do machismo, são repentinamente reduzidas à cena do enunciado, e o enunciado, não mais a sedimentação da instituição e do uso anteriores, é investido do poder de estabelecer e manter a subordinação do grupo ao qual se dirige (BUTLER, 2021, p. 137).

Butler (2021) explica, no decorrer do texto, a maneira como a linguagem nos constitui enquanto seres humanos, abordando o quanto somos retóricos em nossas relações. Nesse viés, poderíamos questionar o uso da linguagem, bem como as formas injuriosas de utilizá-la, considerando que os discursos podem ferir o alvo de injúria ao mesmo tempo que incitam ainda mais declarações odiosas acerca de uma parcela da população que se diferencia por algum motivo. A autora cita como um discurso pode ferir, comparando a fala a uma ferida física, afinal, ambas causam efeitos psíquicos que afetam os corpos, atentando ao fato de que se formam a partir das crenças que constituem a realidade social (BUTLER, 2021). “Quem anuncia o discurso de ódio é responsável pela maneira como ele é repetido, por reforçar esse

tipo de discurso, por restabelecer contextos de ódio e injúria” (BUTLER, 2021, p. 54). Desse modo, a escritora enfatiza a relevância da ética e da responsabilização por parte do falante, posto as consequências que pode causar e as formas como pode ser interpretado e disseminado.

A autora também questiona as maneiras como os discursos de ódio aparecem, visto que, em alguns casos, mesmo que tragam conotações impróprias e injuriosas, muitas vezes, são vistas como manifestação da liberdade de expressão por aqueles que corroboram com tais falas, enquanto outras podem ser classificadas como censura, dependendo da circunstância. E segue reiterando:

No caso do discurso de ódio, parece não haver nenhuma maneira de amenizar seus efeitos, exceto através de sua recirculação, ainda que essa recirculação ocorra no contexto de um discurso público que clama pela censura de tal discurso: o censor se vê obrigado a repetir o discurso que o próprio censor proibiria. Não importa quão veemente seja a oposição a tal discurso, sua recirculação, inevitavelmente também reproduz o trauma. Não é possível evocar exemplos de discurso racista, por exemplo, em uma sala de aula, sem invocar a suscetibilidade do racismo, o trauma e, para alguns, a agitação (BUTLER, 2021, p. 69).

Nesse horizonte, parece difícil romper com as ondas de discursos de ódio sem se interligar a elas de modo a promover sua recirculação, conforme coloca Butler (2021), para que esses discursos se modifiquem através da interferência opositora a essas falas e posicionamentos, mesmo que isso exija um padrão de repetição das injúrias. A escritora também versa a respeito da importância do Estado no processo que chama de “domínio do dizível e do indizível”, para demarcar quais discursos podem ou não ser aceitáveis em público, mantendo uma linha de demarcação entre os discursos e seus limites.

No último parágrafo do livro, a autora apresenta a resposta necessária para os discursos de ódio que é: “[...] o discurso insurrecional torna-se a resposta necessária à linguagem injuriosa, um risco que assumimos em resposta quando somos colocados em risco, uma repetição na linguagem que impõe a mudança” (BUTLER, 2021, p. 267). Assim, podemos concluir que a luta e a resistência a esses discursos são indispensáveis, são as nossas ferramentas discursivas na busca pela mudança do cenário que vivenciamos.

Nesse âmbito, consideramos importante definir brevemente o significado da palavra gênero, além de realizar uma breve contextualização de como é difundido nas mídias sociais a partir de falas, pronunciamentos e discursos que se disseminam em todo território nacional.

Scott (1995, p. 85) define gênero de tal modo:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

A autora aborda gênero como uma construção social, histórica e cultural, partindo da noção de como os sexos se relacionam e constituem relações de dominação e de poder.

As formas de dominação se mantêm em uma sociedade de forma estagnada, intrínseca ao contexto e, a partir dela, os elos de poder acontecem estrategicamente, para que seja possível perpetuar a situação de dominação, contribuindo para que continuem sendo estabelecidas.

Só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições, nas quais se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social (a começar pelo estado [...] e a escola, responsável pela reprodução efetiva de todos os princípios de visão e de divisão fundamentais, e organizada também em torno de oposições homólogas), poderá a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismos ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina (BOURDIEU, 2020, p. 189).

Nessa seara, Bourdieu (2020) faz analogias entre os princípios da dominação masculina e como ela aparece nas mais diversas instituições da vida social e que constroem, juntas, as relações de gênero desiguais que se manifestam. Coloca a escola como propositora desses acontecimentos e sugere uma ação política que considere todos os princípios que auxiliam para a dominação masculina a fim de que, aos poucos, seja extinta, possibilitando, dessa maneira, relações mais justas entre os gêneros.

Além das concepções que circulam na escola, tratando de gênero, não podemos deixar de citar os movimentos que têm emergido nos últimos tempos no país, boicotando as discussões sobre o tema dentro do espaço escolar. Um dos movimentos que destacamos é o “Escola Sem Partido” que, com o jargão de que as escolas são espaços de doutrinação ideológica, descreve os professores como os doutrinadores esquerdistas responsáveis pelo caos.

A leitura dos textos dos sites do Escola Sem Partido e de postagens em redes sociais mostra que os defensores dos projetos de lei desejam uma educação moral ultrapassada, completamente descontextualizada do mundo e incapaz de refletir a diversidade existente na sociedade brasileira. Debater em sala de aula os problemas estruturais do Brasil, como o enfrentamento às discriminações sociais, religiosas,

raciais, étnicas, de gênero e de orientação sexual será, portanto, um exercício, no mínimo, tortuoso (CARA, 2016, p. 45).

Além do movimento Escola Sem Partido, que coloca tipos específicos de discurso em circulação, outros discursos têm aparecido com frequência nessa onda neoliberal conservadora que enfrentamos. O termo “ideologia de gênero” vem tomando as falas daqueles que acreditam que a escola é um espaço de doutrinação que tem por objetivo destruir a família tradicional brasileira e a moral cristã. Para isso, a escola seria, então, um espaço de desconstrução, onde se incentiva a homossexualidade e a erotização precoce, em que os meninos são obrigados a vestirem saias e brincarem de boneca, além do incentivo ao aborto, prostituição e afins (JUNQUEIRA, 2018).

Nessa lógica, a educação irrompe de modo polêmico em meio a todos os discursos e pronunciamentos. A garantia de igualdade é questionada, atentando, inclusive, às interferências diretas de uma bancada evangélica disposta, no Congresso Nacional, a lutar contra tudo o que diz respeito à igualdade de gênero e à orientação sexual. A garantia da inserção desses temas na escola, feita pelos documentos norteadores da educação, é contestada e invalidada por estes que, de acordo com suas próprias ideologias, tentam determinar o que a escola deve seguir, consoante a seus preceitos morais, religiosos e propósitos conservadores. Brown (2019, p. 97), apoiando-se em escritos de Friedrich Hayek, afirma que:

[...] Uma segunda distorção de Hayek nas mobilizações contemporâneas da moralidade tradicional refere-se à sua adoção hoje por pessoas para quem a liberdade não é um princípio ou desejo central, pessoas que seriam sanguíneas quanto ao uso da autoridade do Estado e da igreja para forçar a obediência e assegurar a ordem. Hayek buscou conciliar liberdade e autoridade política e familiar, e não sacrificar aquela em nome desta. Seu próprio distanciamento do conservadorismo é relevante aqui. Os conservadores, argumenta ele em ‘Por que não sou conservador’, importam-se com a liberdade apenas de modo seletivo e são apoiadores solícitos do poder estatal quando este é empregado a seu favor: ‘o conservador não se opõe à coerção ou ao poder arbitrário, contando que sejam usados para aquilo que ele considera serem os propósitos corretos’.

Um exemplo claro de boicotes na educação em função de ideologias conservadoras foi a votação do Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014 (em vigência até 2024), adiado pelos deputados Pastor Marco Feliciano (PSC-SP) e Marcos Rogério (PDT-RO), visto que tinham como motivo a promoção da igualdade em relação às questões de gênero, raça e sexualidade (REDE BRASIL ATUAL, 2014). Dessa maneira, temos a retirada dos termos “igualdade de gênero” e “orientação sexual” do PNE.

Em meio a pronunciamentos e ações de agentes políticos, ressaltamos como os representantes públicos atuam, preservando suas tradições e valores religiosos, desconsiderando a relevância de respeitar toda população em suas diferenças.

A tradição assegurada pela religião assume o manto da incontestabilidade e de verdade simbólica ao mesmo tempo em que serve como um limite ao político. Esta formulação explica uma vertente da racionalidade que organiza nosso predicamento atual: a verdade suprimida da vida política é transferida para declarações morais ou religiosas enraizadas na autoridade da tradição. O efeito é dissociar a verdade da responsabilidade, contestar a igualdade e a justiça por meio da tradição, e eliminar a legitimidade da soberania popular (BROWN, 2019, p. 126).

As tradições que envolvem os preceitos religiosos e morais aparecem sobrepondo-se à realidade social e à diversidade, suprimindo a soberania do povo e os direitos de todos. São os representantes públicos que validam esse sistema, interferindo no processo educacional e auxiliando na promoção de discursos que colocam a escola e a figura dos professores como doutrinadores, aparecendo como a representação das formas de poder, dentro do contexto do biopoder.

Ademais do PNE, citado acima, em dezembro de 2017, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, no mesmo caminho do PNE, também tem os termos relacionados à igualdade de gênero e orientação sexual, suprimidos por completo de seus textos. Essa retirada de termos já havia sido discutida, inclusive pelo Comitê pelos Direitos das Crianças, órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), ainda em 2015, quando enviou relatório ao Brasil, contendo, dentre outras observações, a seguinte:

O Comitê está seriamente preocupado que estratégias que visam eliminar a discriminação baseada em gênero, orientação sexual e raça tenham sido removida dos planos de Educação de diversos estados. Além disso, está preocupado com atitudes patriarcais e estereótipos de gênero que levam a discriminação contra garotas e mulheres (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015, p. 5.)

A manifestação destes deputados no tocante ao PNE nada surpreende, posto os inúmeros pronunciamentos já realizados por eles e que trazem discursos de ódio misóginos, machistas e homofóbicos. Um exemplo foi a entrevista dada pelo então presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), da Câmara dos Deputados, o pastor Marco Feliciano (PSC-SP), no ano de 2013, para a escrita de um livro. Segundo a reportagem publicada pelo jornal O Globo, Feliciano asseverou:

Quando você estimula uma mulher a ter os mesmos direitos do homem, ela querendo trabalhar, a sua parcela como mãe começa a ficar anulada, e, para que ela não seja mãe, só há uma maneira que se conhece: ou ela não se casa, ou mantém um casamento, um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo, e que vão gozar dos prazeres de uma união e não vão ter filhos. Eu vejo de uma maneira sutil atingir a família; quando você estimula as pessoas a liberarem os seus instintos e conviverem com pessoas do mesmo sexo, você destrói a família, cria-se uma sociedade onde só tem homossexuais, você vê que essa sociedade tende a desaparecer porque ela não gera filhos (O GLOBO, 2013, não paginado).

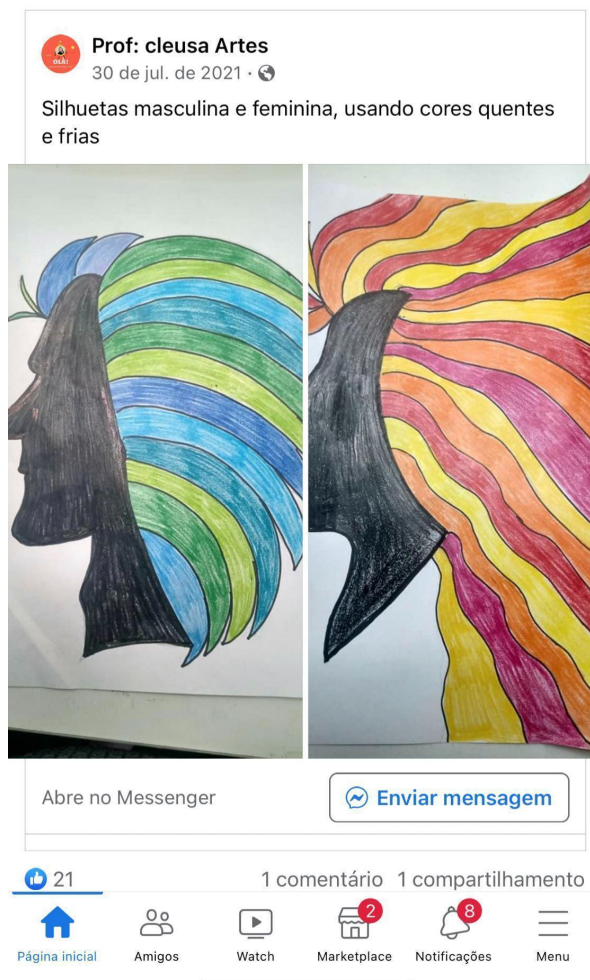
Nesse enquadramento, cada vez mais aparecem enunciados que passam a ser repetidos. Quando proferidos por aqueles que têm voz ativa politicamente, esses pronunciamentos assumem proporções maiores e encontram ressonâncias no pensamento daqueles que os ouvem, o que potencializa os seus efeitos ao legitimar modos de ser, estar e agir no mundo. Nessa linha, citamos a fala da ex-ministra da mulher, família e direitos humanos, Damares Alves, que em janeiro de 2019 anunciou o início de “uma nova era”, em que “meninos vestem azul e meninas vestem rosa” (G1, 2019a, não paginado), reforçando, novamente, estereótipos de feminilidade e masculinidade, além de tornar públicos, visíveis e aceitáveis esses enunciados.

Na conjuntura dessa fala, trazemos uma das postagens encontradas na busca por materiais acessados pelos professores de Arte. Observando as publicações do grupo “*Professores de Artes Visuais*” da rede social Facebook, foi possível analisar que muitas postagens são compartilhadas de outras páginas ou outros grupos que também mantêm seu conteúdo atrelado ao ensino da Arte, ou que trazem informações dentro das diversas linguagens artísticas. Muitas dessas páginas compartilhadas têm como administradores professores que, através da rede, compartilham suas experiências e atividades. Uma das páginas com compartilhamentos frequentes no grupo foi elaborada por uma professora de Arte da Rede Municipal de Ensino de Cuiabá/Mato Grosso⁵, sendo criada em maio do ano de 2021. A página tem mais de 2.000 curtidas e mais de 2.500 seguidores. Possui quatro superfãs⁶, todas mulheres. A visita à página possibilitou verificar as atividades que servem de inspiração para as demais atividades, como o exemplo a seguir:

⁵ Informações retiradas da página, na rede social, Facebook.

⁶ Superfã, de acordo com as informações contidas na rede social Facebook, são as pessoas que se destacam na página, sendo muito ativas, interagindo nas publicações e afins.

Figura 1 – Postagens compartilhadas no grupo



Fonte: Página Prof. Cleusa Artes (2021).

Por meio dos exemplos, percebemos as atividades mecânicas e decorativas, e ainda estereótipos de cores na divisão entre masculino e feminino que, assim como a fala de Damares, trazem as divisões de cores já enraizadas para separar homem e mulher. Mesmo parecendo contraditório, um pronunciamento como este, vindo da ministra da mulher, da família e dos direitos humanos, não surpreende, devido à onda de discursos que aparecem nos pronunciamentos, publicações e falas de nossos representantes. Por isso, não podemos deixar de mencionar o representante público com a autoridade máxima da política brasileira, o ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro e suas falas misóginas e machistas. No ano de 2014, quando ocupava o cargo de deputado federal, em uma discussão no plenário da câmara, com a então deputada Maria do Rosário (PT-RS), disse que não a estuprava porque ela “não merecia”. Conforme a revista Istoé (DA REDAÇÃO, 2014), em uma matéria do dia 9 de dezembro de 2014, o, na época, deputado, já havia falado a mesma frase para Maria do

Rosário, ainda no ano de 2003, além de empurrá-la e proferir outros xingamentos, como “vagabunda”.

Ainda no ano de 2014, Bolsonaro, em uma entrevista ao jornal gaúcho Zero Hora, declarou que não é justo a igualdade salarial entre homens e mulheres, uma vez que a mulher engravida (CONFIRA, 2018).

Eu sou liberal. Defendo a propriedade privada. Se você tem um comércio que emprega 30 pessoas, eu não posso obrigá-lo a empregar 15 mulheres. A mulher luta muito por direitos iguais, legal, tudo bem. Mas eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade... Bonito pra c..., pra c...! Quem que vai pagar a conta? O empregador. No final, ele abate no INSS, mas quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias, ou seja, ela trabalhou cinco meses em um ano (LIMA, 2015, não paginado).

Essa foi a fala do deputado, hoje ex-presidente da República. No ano de 2017, outra fala machista de Bolsonaro ganhou os noticiários e repercutiu na internet. Em uma palestra na Sede Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, disse: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Em abril de 2019, outra fala polêmica de Jair Bolsonaro ganhou repercussão. Em consonância com matéria publicada pela página Pragmatismo Político, a fala se deu a partir da recusa do Museu Americano de História de Nova York em sediar um evento em sua homenagem, por considerá-lo homofóbico e racista. O ex-presidente justificou a ação com a seguinte fala: “Eu comecei a assumir essa pauta conservadora. Essa imagem de homofóbico ficou lá fora, o Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias, quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” (REDAÇÃO PRAGMATISMO, 2019).

O ex-presidente também é conhecido pelos inúmeros ataques à imprensa, especialmente às jornalistas mulheres. Em fevereiro de 2020, pronunciou o seguinte enunciado sobre a jornalista Patrícia Campos Melo, da Folha de São Paulo:

Olha, a jornalista da Folha, tem mais um vídeo dela aí. Eu não vou falar aqui porque tem senhora do meu lado. Ela falando eu sou a 'tatata' do PT. Tá certo? E o depoimento do Hans River, foi no final de 2018 para o Ministério Público, ele diz do assédio da jornalista em cima dele. Ela queria um furo. Ela queria dar o furo [pausa, pessoas riem] a qualquer preço contra mim. Lá em 2018, ele já dizia que eles chegavam perguntando 'o Bolsonaro pagou para você divulgar informações por Whatsapp? (G1, 2020, não paginado).

A jornalista entrou com processo contra o ex-presidente em função do duplo sentido da frase com cunho sexual. Em março do ano de 2021, Bolsonaro foi condenado pela Juíza da 19ª Vara Cível de São Paulo, determinando, também, o pagamento de R\$ 20 mil reais para a repórter por danos morais (ARCOVERDE, 2021).

Essas situações, envolvendo as falas do ex-presidente e seus ministros, tomaram maiores proporções. No ano de 2020, o Ministério Público Federal moveu uma ação, que teve sua efetivação em junho de 2021. Na determinação final, a justiça federal solicitou que fossem destinados R\$ 10 milhões de reais para campanhas publicitárias, enfatizando os direitos das mulheres, assim como a conscientização acerca das inúmeras situações que as mulheres seguem enfrentando. Além desse valor, a determinação exigiu mais R\$ 5 milhões de indenização. Uma notícia publicada pelo site da UOL relatou que o Ministério Público informou que o objetivo da ação foi a “reparação dos danos sociais e morais coletivos causados pelas atitudes de Bolsonaro e seus auxiliares” (UOL, 2021, não paginado).

Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente da República, e deputado federal pelo PSL, também coleciona polêmicas envolvendo falas machistas. Em abril do ano de 2021, de acordo com o jornal Correio Brasiliense, Eduardo realizou uma postagem na rede social Twitter, compartilhando um vídeo de uma sessão da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), que mostra uma discussão do deputado Éder Mauro (PSD-PA) com a deputada Maria do Rosário (PT-RS). Na descrição do vídeo (Figura 2), referia-se a deputada mulher usando o termo “gaiola das loucas” e “pessoas portadoras de vagina” (CORREIO BRASILIENSE, 2021, não paginado).

Figura 2 – Postagem de Eduardo Bolsonaro na rede social Twitter



Fonte: Correio Brasiliense (2021).

Ademais de Bolsonaro e seu filho, notamos que o partido do qual o ex-presidente fazia parte (PSL) também traz, entre seus membros, políticos machistas, que questionam os direitos das mulheres e sua presença nos mais diversos lugares e cargos. Em uma declaração feita em fevereiro de 2019, o presidente nacional do partido, Luciano Bivar, falou: “A política não é muito da mulher. Eu não sou psicólogo, não. Mas eu sei isso”; e posicionou-se contra a determinação de que 30% das candidaturas dos partidos fossem ocupadas por mulheres: “Eu considero a regra errada. Tem que ir pela vocação. Se os homens preferem mais política do que a mulher, tá certo, paciência, é a vocação” (DA REDAÇÃO, 2019, não paginado).

Falas como estas se propagam e auxiliam na disseminação do discurso de ódio contra as mulheres. Haja vista o cenário no qual estamos inseridos, com base no advento das redes sociais, apreendemos o quanto a disseminação dessas falas provoca a legitimação desses conceitos. Em simples rodagens em redes sociais, encontramos os mais variados tipos de discursos injuriosos contra as mulheres, suas capacidades e, principalmente, nos últimos tempos, ao movimento feminista, que tem sido atacado e deslegitimizado. Esses pronunciamentos funcionam como dispositivos para concretizar as relações de poder favoráveis ao modelo social que se quer obter.

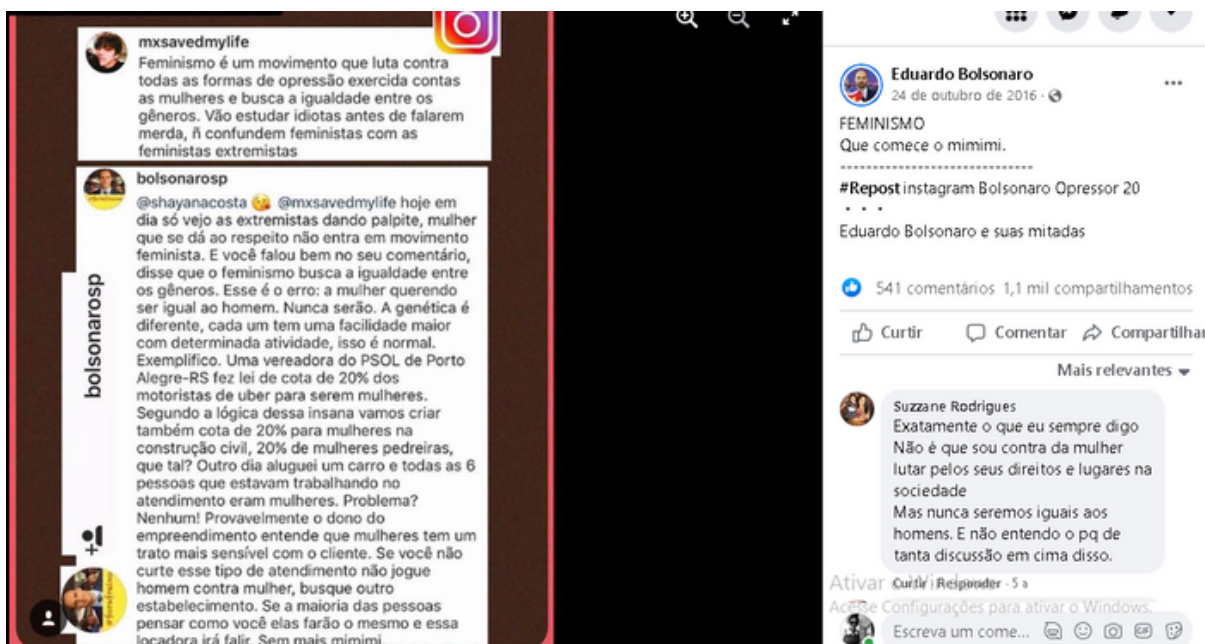
No primeiro volume da *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault (2020) traz uma série de proposições sobre como o poder se manifesta em sociedade. A partir desses escritos, o autor considera que o poder é intrínseco às relações, e que se dá de forma intencional, visto que é exercido de maneira a atingir objetivos específicos que corroborem para um modelo ou função social que se espera. Neste mesmo contexto, o poder não se legitima pela ação de um único indivíduo ou de modo centralizado, mas depende de uma série de fatores que o determinam. A forma como o poder se enraíza nos ambientes aparece para o autor a partir de “dispositivos de conjunto”. Acerca do termo dispositivo, Foucault qualifica como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. [...] entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 1979, p. 216).

Os dispositivos e mecanismos funcionam, para o filósofo, como uma rede abrangente, que faz com que o poder e suas relações alcancem tudo e todos de uma maneira ou outra, não se centrando em nenhum ponto específico, não é algo que se detém, e sim um conjunto de práticas e ações que o efetivam (MACHADO, 2014).

As falas, publicações e menções que criticam as lutas das mulheres por igualdade incitam inúmeros discursos, baseados em ideias do senso comum, notícias falsas e distorções sobre a importância da igualdade. A busca pelos direitos das mulheres tem sido associada a movimentos políticos de esquerda, assim, torna-se suscetível a ataques por parte da extrema direita conservadora, que distorce os ideais do movimento. Como exemplo, a Figura 3 mostra um *post*, compartilhado pelo deputado Eduardo Bolsonaro na rede social Facebook, e que deixa evidentes distorções a respeito do movimento feminista.

Figura 3 – Postagem do deputado Eduardo Bolsonaro na rede social Facebook



Fonte: Bolsonaro (2016).

Salientamos que o deputado Eduardo Bolsonaro, citado acima, na eleição concorrida no ano de 2018, atingiu a marca de mais votado da história do Brasil, superando o recorde do deputado Enéas Carneiro nas eleições de 2002 (UOL, 2018). Esse fato deixa claro que há uma consonância entre o seu pensamento e das 1.843.735 pessoas que o elegeram e que, automaticamente, concordam com suas blasfêmias e pronunciamentos odiosos em relação às mulheres.

Essas publicações, vindas de representantes da população brasileira, têm um amplo alcance, abrangendo a população que compactua com esses pronunciamentos e, conseqüentemente, sente suas convicções sendo afirmadas, e permanecem proferindo os mesmos discursos de ódio. No exemplo, a publicação foi compartilhada por mais de 1.000 (mil) pessoas que têm em suas redes mais pessoas, que compartilham com mais pessoas, e assim uma grande bola de neve de discursos injuriosos toma forma. Além dos compartilhamentos, a publicação tem mais de 500 comentários, em sua grande maioria, destilando ódio contra as lutas femininas, como o *print* a seguir (Figura 4), feito da seleção do Facebook de “comentários mais relevantes da publicação” do deputado.

Figura 4 – Comentários da publicação



Fonte: Bolsonaro (2016).

Recentemente, mais um pronunciamento do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro veio acompanhado de falas machistas e recheadas de estereótipos. No dia 07 de setembro de 2022, Dia da Independência do Brasil, o ex-presidente falou repetidamente a palavra “imbrochável”, para enfatizar sua virilidade perante uma nação inteira que o assistia, somada às transmissões internacionais que faziam a cobertura do dia da independência do Brasil. Outrossim, aconselhou os homens solteiros a buscarem uma “princesa” para se casarem e serem felizes (ESTADÃO CONTEÚDO, 2022). Com esses pronunciamentos, reforça, mais uma vez, um padrão de mulher para o casamento, além dos ideais de beleza, delicadeza e submissão a que, de forma subliminar, a figura de uma princesa remonta.

A propagação destes discursos permite que, gradativamente, as várias maneiras de violência contra a mulher aconteçam e sejam naturalizadas. Em meio a todas essas falas, asseguramos que não é fácil ser mulher no Brasil. Os dados sobre os inúmeros modos de violência são alarmantes. De acordo com o “cronômetro da violência” organizado pelo

Instituto Patrícia Galvão,⁷ a partir do *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2020), uma mulher é vítima de estupro a cada dez minutos no Brasil, três mulheres são vítimas de feminicídio a cada dia, uma travesti ou mulher trans é assassinada no país a cada dois dias e, em média, 30 mulheres sofrem algum tipo de agressão física por hora. Também, em pesquisa realizada pelo Instituto, comprovou-se que a violência contra a mulher se agravou durante a pandemia ocasionada pelo Coronavírus, considerando, principalmente, o maior tempo de convivência entre as mulheres e seus parceiros em casa.

Mediante a leitura das pesquisas feitas pelo Instituto, muitas outras questões emergem no que tange à violência contra a mulher, desde as condições financeiras, a etnia, a cor ou a condição sexual, fazendo com que as situações se tornem mais graves. Atentando-se às manchetes publicadas pelo Instituto, temos algumas que chamam a atenção, como: 76% já passaram por alguma situação de violência e assédio; 96% das mulheres têm medo de passar por locais desertos e escuros; 67% das mulheres negras relataram ter passado por situações de racismo quando estavam a pé; 77% das mulheres disseram sentir medo de sair de casa; 97% das mulheres já sofreram algum tipo de agressão; violência ou assédio utilizando meios de transporte; 57% dos casos de estupro são contra mulheres negras; 73% afirmam que o medo é o principal motivo de mulheres agredidas ou ameaçadas não buscarem ajuda; 20% de jovens de 13 a 17 anos foram assediadas sexualmente em 2019; 70% das vítimas de agressão com armas de fogo, em 2019, foram mulheres negras; agressores sexuais de meninas e mulheres são parentes e amigos. Feminicídios na pandemia: quatro mulheres foram mortas a cada 24 horas. No Brasil são realizados, em média, 27 mil partos por ano em meninas de até 14 anos. O Ligue 180 registra média de 313 denúncias de violência contra a mulher a cada 24 horas.

Perante todos esses dados, realmente não é fácil ser mulher no Brasil, e é ainda mais difícil em um cenário tão desfavorável, com a propagação de falas públicas que incitam todas essas ações por meio do discurso de ódio. Acerca disso, exemplificamos aludindo às influências do conservadorismo neoliberal, que firma esses discursos com base em seus preceitos e instintivamente, ou não, auxiliam para que todos esses enunciados passem a ser repetidos, aceitos e aplicados contra as mulheres.

⁷ O instituto Patrícia Galvão atua a mais de 20 anos no Brasil como uma organização feminista que articula as demandas em relação aos direitos das mulheres e às questões midiáticas em torno disso (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2021).

O Neoliberalismo traz a moral tradicional para o âmbito da esfera pública e da política, transformando-se em uma ameaça à democracia e à luta das minorias, por tentar implementar uma forma correta de moral a ser seguida (BROWN, 2019, p. 16).

Na medida em que cosmopolitas urbanos advogam o feminismo, as sexualidades não normativas, famílias não tradicionais, secularismo, as artes e a educação, interioranos brancos aflitos rugem reativamente contra o aborto, o casamento homossexual, o islã, os ‘ataques aos brancos’, o ateísmo e o intelectualismo. Não se trata aqui da ‘tradição’ ou sequer da moralidade, mas sim de ódio de um mundo percebido como aquele que deseja o fim do seu (BROWN, 2019, p. 147).

O conservadorismo neoliberal tenta traçar um caminho com base em seus preceitos de sociedade, desconsiderando as formas de ser do outro, a diversidade e as desigualdades de gênero que tanto interferem na nossa constituição social. O problema que se centra aqui advém das maneiras conservadoras de resistir às lutas por direitos, de afirmar os mesmos discursos, de idolatrar os modos de se existir outrora através de uma espécie de saudosismo de um passado cruel.

[...] era a imagem de um passado mítico de famílias felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares, quando as vizinhanças eram ordeiras, seguras e homogêneas, a heroína era problema dos negros, o terrorismo não estava em solo pátrio e quando cristandade e branquitude hegemônicas constituíam a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação e do ocidente (BROWN, 2019, p. 13).

Essa interferência conservadora na política em busca de um padrão de sociedade faz com que, além dos discursos de ódio, a ideia de Estado laico seja ameaçada, assim como as políticas educacionais que, perante esses discursos, acabam eximindo conceitos importantes de serem trabalhados devido às mobilizações que esses pronunciamentos suscitam em meio à população. Destacamos que essa quantidade de falas do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro e demais representantes citados materializam uma ordem discursiva que permitiu a eleição desses políticos, afinal, representam uma grande e significativa parcela da população brasileira que corrobora com esses pronunciamentos e seus ideais.

Nesse seguimento, a Arte também é colocada em questão. Manifestações artísticas que trazem as discussões sociais contemporâneas para debate e que explicitam situações que fogem da lógica conservadora estão sendo alvo de censura. Por exemplo, o cancelamento da exposição “Queer museu – cartografias da diferença na arte brasileira”, no ano de 2017, realizada no Santander Cultural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, que foi fechada dada a grande mobilização e discursos de ódio que tomaram conta das mídias, alegando que a

exposição era de perversão por tratar, sobretudo, de gênero e questões LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer e outras orientações sexuais ilimitadas e identidades de gênero) (BARROS, 2017).

Esse tipo de censura não somente deslegitima a Arte como propulsora de discussões, como demonstra o quanto nossa sociedade é permeada por valores que desconhece, por um ódio cego às minorias e por uma dificuldade em aceitar a liberdade de expressão que perpassa as crenças e tradições. É a mesma visão saudosista, também, que faz com que os conservadores acreditem que a Arte é o que se fazia na antiguidade, ou as grandes obras clássicas popularmente conhecidas. Que a Arte contemporânea é somente profanação, injúria e promiscuidade.

4.2 GÊNIOS E FRAQUEJADAS

Gênero é um tema discutido amplamente na Arte Contemporânea, por meio de muitas proposições e diversas linguagens. Infelizmente, essa realidade ainda permanece distante das escolas, pois a Arte ainda é associada aos mais famosos artistas homens da antiguidade atribuindo, muitas vezes, ao homem, uma ideia de genialidade, enquanto as mulheres parecem inexistentes neste processo. Essa discussão transcende os limites da escola, visto que é uma crítica, iniciada pela historiadora da Arte Linda Nochlin, que publicou um ensaio, em 1971, que levantava a seguinte questão: *“Por que não existiram grandes artistas mulheres?”* A pergunta suscitou grandes debates na época:

[...] o ensaio de Nochlin não foi escrito para confirmar o julgamento desolador sugerido pela pergunta, mas para contestar as suposições que estavam por trás do talento artístico. Rejeitando a noção de história da Arte como um desfile de grandes artistas, ela optou por investigar os fatores institucionais, educacionais e econômicos que tinham impedido as mulheres talentosas de alcançarem a mesma estatura dos homens [...] percebeu que uma história da Arte feminista deveria levantar outros tipos de perguntas e reformular o modelo de conhecimento da história da Arte (HEARTNEY, 2002, p. 52).

Esse debate sobre o papel e o lugar da mulher artista na história foi encoberto no decorrer da história, bem como isso reflete em nosso contexto social atual. Joan Scott (1995, p. 74) defende que:

[...] para os/as historiadores/as das mulheres, não tem sido suficiente provar que as mulheres tiveram uma história [...]. A reação da maioria dos/as historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida, seu confinamento ou rejeição a um domínio separado [...].

Trata-se de um discurso da invisibilidade feminina na história e que impede que se reflita sobre a existência das mulheres ao mesmo tempo que os homens, sob o mesmo grau de importância. Estar relegada a um domínio separado aparece de forma discriminatória, dado que há um reconhecimento da significância de citar as mulheres, comemorar o dia da mulher, como se sua existência fosse separada, uma exceção à norma, como se a descrição histórica não pudesse aparecer de forma articulada.

É nesse prisma que, falar sobre um ensino da Arte que contemple as mulheres artistas não corresponde a elaborar uma aula mencionando a relevância da presença feminina, e sim que os trabalhos artísticos sejam contemplados independentemente da aula, na mesma proporção que os trabalhos de artistas homens se fazem presentes. Partindo dessa conjectura, levando em conta os silenciamentos e as maneiras de excluir as mulheres e as artistas mulheres da Arte e da história, iniciamos as análises dos livros didáticos. É possível definir, inicialmente, alguns apontamentos gerais sobre o material destinado ao Ensino Fundamental II relacionados ao tema que corresponde a esta pesquisa.

No livro da coleção destinado para o 6º ano, temos a aparição de somente três artistas mulheres, de modo breve. A primeira aparição acontece na página cinco, com a artista Tomie Ohtake, porém, sem nenhuma nota a respeito da artista ou alguma especificação acerca do seu trabalho ou história, como é feito no caso dos artistas homens. A segunda aparição feminina no livro do 6º ano é da artista Tarsila do Amaral, que é a única artista mulher com um pequeno espaço de descrição sobre ela, mesmo que mais sutil que as biografias dos artistas homens, além de não conter autorretrato ou fotografia da artista, como consta nos masculinos. A figura a seguir mostra a breve descrição da artista.

Figura 5 – Breve aparição da artista Tarsila do Amaral



Produção

Agora, inspirado em Picasso, crie uma série de desenhos de um único elemento.

- Escolha um tema de seu cotidiano e defina o elemento com o qual você quer trabalhar. Pode ser um animal de estimação, seu tênis, seu relógio etc.
- Depois de escolher o elemento a ser representado, volte a observar a série de Picasso. Primeiramente ele desenhou um touro "volumoso, grandioso". Tente representar o elemento que escolheu da mesma maneira, com muitos detalhes.
- Desenhe-o várias vezes e vá abstraindo os detalhes e as formas, decompondo a figura, até que poucas linhas possam representá-lo. Registre a produção na página 163 do Material de Apoio.
- Faça uma exposição dos trabalhos e comente a experiência e os resultados com os colegas e o professor.

Veja orientações didáticas na página 8

Diferentes estilos nas representações de um mesmo elemento

Observe as duas imagens.



Representação de pintura rupestre

AMARAL, Tarsila do. *Paisagem com touro*. 1925. Óleo sobre tela, 50 cm x 65,2 cm

Tarsila do Amaral (Capivari-SP, 1886-1973) foi uma das artistas mais importantes do movimento modernista brasileiro. Apesar de não ter participado da Semana de Arte Moderna de 1922, Tarsila incorporou como ninguém a representação das raízes brasileiras, uma das características do Modernismo.

27

ARTE | 8º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016a, p. 27).

A terceira aparição é da artista brasileira Vanice Ayres Leite, que aparece somente como um complemento ao que estava sendo trabalhado e sem qualquer descrição sobre a artista ou seu trabalho, conforme podemos observar abaixo, na Figura 6:

Figura 6 – Breve aparição da artista Vanice Ayres Leite

Forró

Segundo o folclorista Câmara Cascudo, o forró deriva de "forrobodó" (baile popular, arrasta-pé), festa que se transformou em gênero musical.

A difusão desse gênero musical pelo país foi feita pelos músicos nordestinos Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), Jackson do Pandeiro (José Gomes Filho, 1919-1982) e José Domingos de Moraes, o Dominginhos (1941-2013).

Vários representantes do forró como Sivuca, Chiquinho do Acordeom, Frank Aguiar, Alceu Valença, Fagner, Elba Ramalho, entre outros, vêm difundindo o forró pelo Brasil.



Interpretação



LEITE, Vanice Ayres.
Forró do Patureba.
58,5 cm x 96 cm.

105

ARTE | BIÊNIO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016a, p. 105).

Diferentemente das artistas mulheres, os artistas homens ganham espaços específicos para que sua biografia seja salientada, consoante exemplo abaixo (Figura 7):

Figura 7 – Destaques para o artista Paul Cézanne

CÉZANNE, Paul.
Autorretrato com paleta.
1890.

Paul Cézanne nasceu em Aix-en-Provence, França, em 1839 e morreu na mesma cidade, em 1906. Era um bom aluno e tirava notas altas, em todas as disciplinas, menos em desenho. Seus professores não entendiam seus desenhos tortos e disformes. Julgaram-no destituído de talento e o aconselharam a desistir da carreira artística. Seu pai era um rico banqueiro em Aix-en-Provence e, embora contrário às aspirações artísticas do filho, permitiu que ele abandonasse a Faculdade de Direito e fosse estudar pintura em Paris, em 1861. Cézanne foi diversas vezes recusado no Salão Oficial de Paris, além de ser reprovado nos exames de ingresso à Escola de Belas Artes Francesa. Em 1874, expôs seus quadros na primeira exposição impressionista. Por volta de 1878, afastou-se dos impressionistas e começou a desenvolver seu próprio estilo. Sua pintura abriu novos caminhos para a arte do século XX, influenciando profundamente o desenvolvimento da arte ocidental. Cézanne é reconhecido atualmente como o pai da Arte Moderna.

Paul Cézanne: precursor do Cubismo

A ruptura realizada pelos pintores cubistas encontra suas ideias iniciais na obra de Paul Cézanne. Esse pintor francês começou a retratar as coisas com ângulos levemente diferentes, provocando um estranhamento, por mostrar mais do que poderia ser visto de um único ponto de vista.

Ele buscou representar a natureza destacando inicialmente suas linhas, contudo sua tendência foi converter os elementos em formas geométricas – cilindros, cones e esferas.

A geometria da natureza

Observe como na obra *O castelo de Médan*, de Paul Cézanne, é possível perceber as linhas verticais e horizontais e a forma cilíndrica das árvores de forma bem definida.

CÉZANNE, Paul. O castelo de Médan. 1879-1881.

42

ARTE | 8º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016a, p. 42).

Essa formatação de página, com a biografia do artista, dados de diversas áreas da sua vida, evidenciando o modo como os artistas homens são apresentados, demonstra como a mulher é invisibilizada e suas contribuições como artista, ocultadas.

Nessa linha, diferentemente das formas de aparição das artistas mulheres acima citadas, podemos tomar como exemplo o artista Pablo Picasso que, além de uma biografia com fotos, igual aos demais artistas, aparece em 13 páginas diferentes do mesmo livro, ocupando páginas inteiras, conforme quadro em anexo (Anexo A). Essas aparições contemplam vários cenários da Arte, que poderiam ser substituídos por outros, ou outras artistas, com produções que contextualizariam o tema igualmente. Ademais de ser citado em vários momentos e em diversas linguagens, sua biografia também é realçada repetitivamente.

Os adjetivos usados para referência ao artista também não são poucos, como no título da página 46, que descreve Pablo Picasso como “um gigante do século XX” (BAHR, 2016a,

p. 46). Como já dito, o enfoque ao artista homem permanece aliado a um processo que vai além, que advém da genialidade, de algo que supera a simples esfera que compõe o humano.

Assim como Pablo Picasso, que ocupa muitas páginas no material, vários outros artistas renomados da história da Arte ganham destaque, como: Paul Cézanne, Georges Braque, Diego Rivera, Wassily Kandinsky, Joan Miró, entre outros. Os artistas famosos, considerados gênios, têm suas biografias salientadas nas páginas, que exaltam suas produções.

Ainda no tocante à genialidade artística, como o livro destinado ao 6º ano, de modo similar, o livro do 7º ano ressalta artistas renomados, trazendo-os como gênios. Tratando do Renascimento, Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarroti e Rafael Sanzio recebem destaque. Todos os artistas são evidenciados no livro, no entanto, especialmente Leonardo da Vinci que, no decorrer das páginas, é chamado de mestre, gênio, ilustríssimo, dentre outros adjetivos e atributos. A discussão aqui não corresponde aos adjetivos proferidos ao artista, que possui, sim, inegável relevância, sem embargo, o que buscamos questionar é como esses adjetivos parecem colocar o artista homem em outro patamar, que supera os limites de humanidade e ganha um caráter de genialidade, o que não acontece com as artistas mulheres. As figuras que seguem mostram como o livro do 7º ano apresenta o artista.

Figura 8 – Destaques para o artista Leonardo da Vinci

A arte renascentista

Você sabia que o Renascimento se iniciou na Itália? Ele foi um movimento de renovação intelectual e artística que começou no final do século XIII, se estendeu até o século XVI e, posteriormente, se difundiu por toda a Europa.

Foi um período marcado por transformações em muitas áreas da vida humana, e marcou o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna.

O arquiteto Giorgio Vasari usou o termo *Renascimento* pela primeira vez, para designar a preocupação de fazer renascer o Mundo Antigo, ou seja, a redescoberta e revalorização do pensamento e das criações dos antigos gregos e romanos.

No Renascimento, os artistas aprendizes frequentavam ateliês de artistas para aprender pintura e escultura e não se especializavam somente em uma área, o que resultava em uma formação global.

Artistas e cientistas italianos puderam dedicar-se às suas atividades graças ao impulso dado pelo desenvolvimento comercial e urbano da Europa. Os ricos comerciantes e os poderosos **mecenas** da época patrocinaram as artes, buscando na ostentação artística a exibição de suas riquezas e poder.

?

Mecenas

Indivíduo rico que protege artistas, homens de letras ou de ciências, proporcionando recursos financeiros, ou que patrocina, de modo geral, um campo do saber ou das artes.

Os grandes mestres do Renascimento italiano

O acentuado desenvolvimento das cidades como Veneza, Florença, Roma e Nápoles, ocorrido entre os séculos XIV e XVI, atraiu inúmeros artistas, escritores e pensadores que marcaram o Renascimento italiano. Dentre eles, destacam-se:

- Leonardo da Vinci;
- Michelangelo Buonarroti;
- Rafael Sanzio.

36

ARTE | 7º ANO | ANUAL

Leonardo da Vinci

Veja orientações didáticas na página 1-4.

Veja ao lado o único autorretrato autêntico de Leonardo da Vinci, de 1512, e sua biografia.

Leonardo da Vinci é considerado um dos maiores gênios da humanidade. Leia a seguir algumas informações sobre os estudos realizados por ele que justificam sua genialidade.

Leonardo, em busca do homem universal

Além das pinturas e esculturas, dedicou-se à pesquisa no campo da anatomia, realizando mais de 200 desenhos sobre o esqueleto humano, músculos, nervos, coração e outros órgãos internos.

DA VINCI, Leonardo. Autorretrato. 1512. Desenho a pastel vermelho.

Leonardo da Vinci – (1452-1519)

Pintor, escultor, arquiteto e engenheiro, realizou pesquisas em diversos campos do conhecimento, tais como: Anatomia, Botânica, Astronomia, Matemática, Mecânica, Óptica, Música, História Natural etc. Leonardo era, em seu tempo, como ainda hoje, conhecido principalmente como pintor. Duas de suas obras, *Mona Lisa* e *A última ceia*, são consideradas as pinturas mais famosas, mais reproduzidas e com mais versões de todos os tempos. No total, somente 15 de suas pinturas sobreviveram até os dias de hoje.

DA VINCI, Leonardo. Homem vitruviano. 1492. Desenho.

37

ARTE | 7º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016b, p. 36-37).

Figura 9 – Destaque para o artista Leonardo da Vinci

Leonardo, ilustríssimo inventor

Engenheiro de armamentos	Engenheiro civil	Engenheiro aeronáutico
Projeto de uma balestra gigante sobre rodas – arma com aparência de espingarda. Este tanque de guerra futurista, que usava como munição flechas e bolas enormes projetadas a grande distância, foi desenhado por Leonardo da Vinci sobre seis rodas.  DA VINCI, Leonardo. Balestra gigante sobre rodas. 1488.	Projeto de ponte giratória pensada de forma a ser girada de volta, quando fora de uso, por meio de um sistema de cordas e polias, para evitar o acesso de inimigos.  DA VINCI, Leonardo. Ponte giratória. 1452-1519.	O helicóptero de Leonardo, em forma de parafuso, era para ser operado por uma equipe de quatro homens e inspirava-se no mecanismo de um brinquedo popular na sua época.  DA VINCI, Leonardo. Parafuso aéreo-helicóptero.

Fascinado pela forma espiral, frequente na natureza, da Vinci escreveu:

“Se este aparelho executado em forma de espiral for bem feito – isto é, confeccionado com linho cujos poros sejam vedados com amido – e girado rapidamente, a forma helicoidal produzirá uma espiral no ar, fazendo com que ele suba bem alto.”

Cientistas modernos concordam que o helicóptero talvez nunca tenha saído do chão, mas o projeto é um dos mais famosos!

- Após a leitura dessas informações, avalie o trabalho de da Vinci. Em seguida, troque ideias com os colegas sobre esta questão: da Vinci é ou não um dos maiores gênios da humanidade?



39

ARTE | 7º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016b, p. 39).

No livro do 7º ano, não há nenhuma contextualização a partir de produções de artistas mulheres, somente artistas homens consagrados na história da Arte.

Nas páginas do livro do 7º ano em que é contextualizada a Arte Renascentista, ademais do artista Leonardo da Vinci, que é um expoente do movimento e o único que ganha ênfase no livro didático, observamos artistas mulheres que também fizeram parte da história do Renascimento, apesar de ser um período complicado, dadas as dificuldades em ingressar em ateliês para estudos relacionados à anatomia, precisos para as características da pintura da época, acima de tudo as pinturas com cunho religioso. Dessa maneira, as mulheres que se tornaram artistas aprendiam em casa ou eram freiras (HODGE, 2022). Podemos frisar como artistas deste período do Renascimento (1400-1550) – Sofonisba Anguissola, Fede Galizia, Properzia de Rossi, Catarina Van Hemessen, Caterina de Vigri, Lavínia Fontana e Plautilla Nelli (HODGE, 2022) que não aparecem no material mas também foram importantes artistas do período Renascentista.

É importante salientar o nome destas artistas, para afirmar sua existência, na maioria das vezes, esquecida nos livros, tanto de história da Arte quanto os destinados a materiais didáticos. Para Tvardovskas (2015, p. 54):

Perseguir a história das mulheres e da Arte é um caminho de crítica aos próprios modelos de escrita da história. [...] A produção das mulheres geralmente via-se avaliada em termos estereótipos femininos, dotada de qualidades de status inferior e tais critérios tinham o papel implícito de tornar ainda mais valioso seu oposto: a arte dos mestres e gênios.

Discorrer sobre essas artistas é mostrar como a história da Arte das mulheres ocorreu de forma concomitante à história da Arte desenvolvida pelos homens artistas, nos mesmos períodos e com características semelhantes.

Ainda no livro do 7º ano, há a contextualização de autorretratos. O capítulo traz a explicação concernente ao que constitui um autorretrato e a exemplificação através dos artistas Amedeo Modigliani, Vincent Van Gogh, Peter Paul Rubens e Diego Velázquez, em conformidade com a figura abaixo:

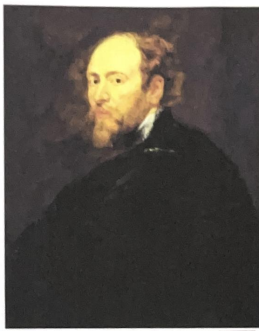
Figura 10 – Destaque para artistas homens

Autorretrato

Se você produzisse um **autorretrato** seu, que características destacaria? De que forma o faria? Você acredita que seu olhar sobre si mesmo mudaria com o passar do tempo?

Para ilustrar melhor essa questão, pense em como um(a) grande amigo(a) seu(sua), seus pais ou um desconhecido faria seu retrato. Certamente, haveria diferenças quanto a algumas características destacadas e quanto à forma que sua personalidade seria mostrada.

Observe, nos exemplos a seguir, como cada artista se retratou, que elementos de sua aparência e de sua personalidade ressaltaram e que cores e técnicas empregaram.



RUBENS, Peter Paul.
Autorretrato [ca. 1615]



VELÁZQUEZ, Diego.
Autorretrato [ca. 1645]



MODIGLIANI, Amedeo.
Autorretrato 1919



VAN GOGH, Vincent.
Autorretrato 1889

Interpretação

- Com base na análise dos autorretratos, quais artistas se retrataram com uma postura mais relaxada? E quais parecem ter posado para o retrato?

A expressão corporal de Van Gogh e Modigliani parecem mais relaxada, enquanto as de Rubens e Velázquez parecem mais rígidas e formais.
- Quais diferenças quanto à utilização das cores você percebe nessas obras?

Nas obras de Rubens e Velázquez, predominam o preto e nuances douradas, na tela de Modigliani, tons "suaves" de azul, cinza e ocre e, no autorretrato de Van Gogh, as cores são vivas e contrastantes, como amarelo e azul-escuro e vermelho e azul-esverdeado.

Nesse caso, o livro também enfatiza, em sua totalidade, artistas homens que produziram seus autorretratos, deixando à parte a grande quantidade de mulheres artistas que também se autorretrataram. Nesse sentido, tendo em conta as dificuldades que as mulheres artistas enfrentavam para frequentar aulas com modelos para desenvolver a pintura a partir da anatomia do corpo humano, o autorretrato tornava-se fundamental para o aprendizado na área (HODGE, 2022). Neste processo, podemos citar algumas artistas cujos trabalhos se acentuaram de alguma maneira na história da Arte:

[...] em autorretrato com cavalete (1956), Sofonisba Anguissola se apresenta como uma mulher humilde pintando a virgem Maria e Cristo. Sua decisão de pintar a si mesma com sua paleta, pincel, e tento de apoio foi incomum para a época e sugere que ela queria reconhecimento por seu talento artístico. Em *Autorretrato com alegoria da pintura* (1638-1639), Artemísia Gentileschi se apresenta de forma inovadora como a personificação da pintura. No séc. XVIII, Adélaide Labille-Guiard também se retratou pintando, observada por duas alunas em seu *Autorretrato com duas pupilas* (1785), e o *Autorretrato no estúdio* (1881), de Marie Bashkirtseff, representa um grupo de pintoras em uma aula de desenho com modelo-vivo, em que um jovem rapaz seminu serve de modelo, invertendo a prática usual. O autorretrato com fundo preto de Helene Schjerfbeck (1915) e o autorretrato (1917) da artista suíça Alice Bailly (1872-1938) são radicais e de vanguarda. Bailly era fascinada pelo cubismo, fauvismo e dadaísmo, e inventou sua própria técnica mista usando fios curtos de lã colorida para imitar pinceladas (HODGE, 2022, p. 198).

Para além dessas artistas que produziram autorretratos e que se destacaram na linguagem nestes períodos, apontamos, também, a artista mexicana Frida Kahlo, devido à sua grande produção de autorretratos ao longo da sua vida. De aproximadamente 200 quadros pintados pela artista, 55 são autorretratos nos quais retrata a si mesma como figura central em diferentes lugares, com diversos elementos ao fundo, expressando as angústias, os problemas e as dificuldades enfrentadas em sua vida (FERREIRA, 2016).

No material disponibilizado para o 8º ano, a situação repete-se. Nenhuma mulher artista é mencionada para falar sobre autorretrato. O capítulo quatro do livro apresenta Leonardo Da Vinci, Amedeo Modigliani, René Magritte e Albrecht Durer, sendo que os três últimos contam com box explicativo na página, sobre sua biografia.

Na sequência do material do 8º ano, identificamos uma descrição do contexto acerca da Arte Moderna, trazendo como expoente o artista francês Édouard Manet. Logo após, há uma abordagem do Movimento Impressionista, evidenciando os artistas Claude Monet, Alfred Sisley e Camille Pissarro. Em seguida, notamos que há box com a biografia e imagens de suas obras. Ao final da página, o livro mostra uma artista mulher, a pintora francesa Berthe Morisot (BAHR, 2016c, p. 80-81), atuante no movimento Impressionista. Para versar a

respeito da artista, diferentemente dos demais já referidos, o subtítulo não tem seu nome em destaque, entretanto, a frase “*Impressionante, uma pintora!*” (Figura 11):

Figura 11 – Aparição da artista Berthe Morisot



Fonte: Bahr (2016c, p. 80).

Nesse ponto, o livro aborda a onipresença feminina, porém, aponta a artista mulher como à parte do restante da história do período, com uma frase de impacto que indica surpresa ao aparecer uma artista mulher no contexto da história. Podemos considerar, também, a importância que teria o livro tratar do porque a artista em questão só pintava paisagens e cenas cotidianas, considerando que no período em que se deu sua produção, as mulheres artistas não tinham total liberdade para sair de casa, frequentar espaços diversos como os homens e estudar livremente sobre Arte e suas linguagens como os mesmos. Além disso, embora o livro coloque a artista como fora da curva, dizendo ser impressionante uma mulher sobressair na Arte daquele tempo, no período impressionista, tivemos mais artistas mulheres:

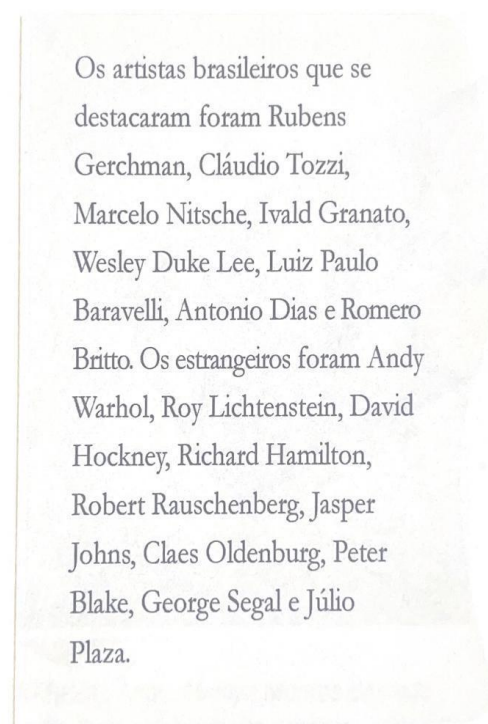
Entre os expoentes desse estilo estavam, ao menos três artistas mulheres importantes para o movimento artístico: Berthe Morisot (1842-1895), Mary Cassatt (1844-1926) e Marie Bracquemond (1840-1916), que foram descritas em 1894 por um crítico de arte como “*les trois grandes dames*” do impressionismo (HODGE, 2022, p. 19).

O material também assinala as artistas Isadora Duncan e Deborah Colker, todavia, dentro da linguagem da dança. Assim, percebemos a evidência acentuada aos artistas homens que aparecem enfaticamente em todo restante do material.

No material destinado ao 9º ano, há somente uma artista mulher, Bridget Riley, pintora inglesa conhecida por suas produções abstratas com efeitos ópticos, uma importante artista no cenário da Pop Art⁸. Em toda a coleção de 6º a 9º ano, é uma das únicas artistas que aparece em uma configuração discursiva diferente das demais, sendo que ocupa uma posição de destaque para sua biografia, semelhante aos demais artistas homens apresentados no material.

Na página 101 do livro, há uma contextualização sobre a história da Pop Art⁹. Após explicações em torno do movimento, o material traz um adicional na página, com as informações abaixo (Figura 12):

Figura 12 – Artistas da Pop Art



Fonte: Bahr (2016d, p. 101).

⁸ Estilo artístico que usa de diversos recursos da linguagem visual para causar ilusões de óptica no espectador.

⁹ Pop Art foi um movimento artístico que buscou trazer elementos da cultura de massas, criticando modos de consumo e a sociedade da época.

A Figura 12 evidencia uma seleção de artistas pop, que segundo o livro, mais se destacaram neste período. Além de artistas estrangeiros renomados, há artistas brasileiros, no total, apenas artistas homens.

Embora existam importantes artistas mulheres no movimento da Pop Art no Brasil e no exterior, temos um exemplo claro da artista brasileira Cybèle Barela (1943), alvo de polêmica no ano de 1968, na 9ª Bienal de São Paulo, conhecida como “Bienal do Pop” (MOLITOR, 2020) por contar com obras de diversos artistas da Pop Art. Na exposição em questão, uma pintura da artista Cybèle Barela foi censurada e retirada da exposição antes mesmo da abertura, por tratar de questões de ordem política consideradas inadequadas ao regime ditatorial vigente na época. Ademais de Cybèle, outras artistas Pop se destacaram no movimento, mas nenhuma aparece no material didático.

4.3 ENTRE LIVROS E REDES: ANÁLISES

A partir dessas análises do material, fica nítida a pouca evidência em relação às artistas mulheres. Sabemos que isso não é algo exclusivo da coleção, afinal, a história foi consolidada nesse formato. Os próprios livros específicos de história da Arte possuem um modo unifocal de trazer os fatos e obras de maneira a salientar as obras e trabalhos masculinos, considerando toda constituição social que nos é presente. Tvardovskas (2015, p. 57-58) afirma que:

O século XX, pouco a pouco, diferenciou radicalmente as esferas da procriação dos filhos e da criação artística. Inundaram nos livros os argumentos de que a genialidade derivava da originalidade masculina e que as mulheres, quando muito, não necessitavam ocupar essas linhas, já que suas obras eram derivativas, como cópias das obras realmente significantes dos grandes mestres.

Esses fatos acabaram determinando as formas de escrita da história e, consequentemente, a elaboração de tantos outros materiais, incluindo os didáticos, tornando essencial que tenhamos essas discussões para que tais cenários sejam modificados, a fim de que a história das mulheres aconteça de maneira concomitante à história dos homens, ressaltando seus trabalhos e contribuições de modo geral, fugindo dos aspectos associados à maestria e à genialidade.

O que precisamos não é de um maior resgate sensacionalista do passado sombrio, mas de indivíduos capazes de serem afetados pela experiência precedente e de dela se apropriar com respeito, como modo de avançar e reinventar. Perante o poder, há revoltas. Diante da violência, dor. [...] pensar sobre como uma comunidade necessita apoiar-se em seus espaços comuns, tecendo fios, conexões e empatia sobre o trauma.

E a união entre a arte e a história, nesse sentido, forma o nó capaz de impelir a um outro futuro (TVARDOVSKAS, 2015, p. 430).

Por isso, pensar sobre esses fatos e incorporá-los vai além da escrita dissociada, ou de colocar a mulher artista em seu status puramente de “mulher”, mas sim de estabelecer relações significativas entre os contextos da história a serem debatidos de forma parcial entre fatos, acontecimentos e produções artísticas sem diferenciações.

Pensando politicamente, é cada vez mais urgente, então, um conhecimento situado e incorporado que deixe de lado os pseudouniversalismos e uma visão falocêntrica do mundo. Trata-se de ensaiar propostas mais múltiplas e fragmentadas, que tomem em conta diversidade de experiências culturais e históricas e não apenas a do sujeito masculino, branco, ocidental - estandarte dos discursos verdadeiros (TVARDOVSKAS, 2015, p. 48).

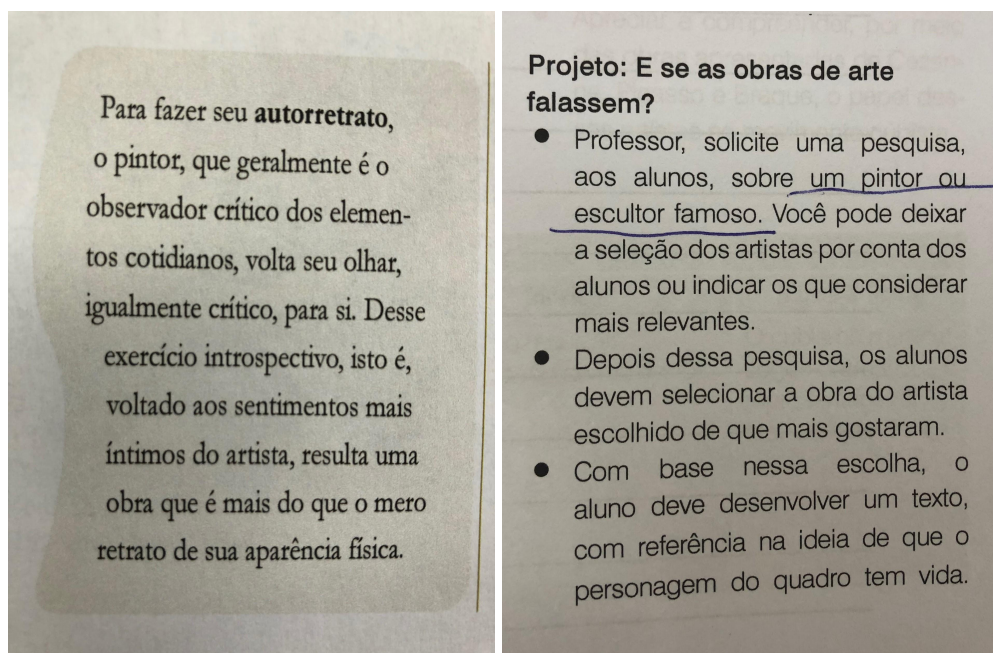
Ademais da total ausência das artistas mulheres, depreendemos que, no geral, os artigos para referir-se aos artistas sempre aparecem no masculino “o artista”, “o pintor”, ignorando a possibilidade da referência a artistas mulheres. O mesmo acontece com a referência aos professores, já que o artigo é colocado sempre no masculino “o professor”, mesmo sabendo da predominância de professoras mulheres no magistério e na docência em Arte.

Guacira Louro (2008, p. 66) traz essas discussões em seu livro *Gênero, sexualidade e educação*, sustentando que:

É impossível esquecer que uma das primeiras e mais sólidas aprendizagens de uma menina, na escola, consiste em saber que, sempre que a professora disser que ‘os alunos que acabarem a tarefa podem ir para o recreio’, ela deve se sentir incluída. Mas ela está sendo, efetivamente, incluída ou escondida nessa fala? Provavelmente é impossível avaliar todas as implicações dessa aprendizagem; mas é razoável afirmar que ela é, quase sempre, muito duradoura. É muito comum que uma profissional, já adulta, refira a si própria no masculino: ‘eu, como pesquisador...’. Afinal, muitos comentariam, isso é ‘normal’. Como também será normal que um/a orador/a, ao se dirigir para uma sala repleta de mulheres, empregue o masculino plural no momento em que vislumbrar um homem na plateia (pois essa é a norma, já que aprendemos e internalizamos regras gramaticais que indicam ou exigem o masculino). Qual é, no entanto, a história que se inscreve na constituição das normas de linguagem? Essas regras são imutáveis? Que condições podem provocar transformações na linguagem e nas suas regras?

A autora faz aflorar questionamentos acerca desse uso e como acaba deixando a mulher sempre à margem da invisibilidade. Em toda a coleção, a referência aos artistas, professores, alunos e alunas é feita dessa forma, em consonância com os fragmentos abaixo (Figura 13), retirados do livro didático analisado:

Figura 13 – Formas de tratamento



Fonte: Bahr (2016c).

Com base nesses dados, é imprescindível refletir a respeito das maneiras de tratamento sexistas utilizadas e a importância de modificá-las para contemplar a todos igualmente. Nesse linhame, contemplamos, também, o uso da palavra “homem” para designar a espécie humana como um todo, e sendo usada sem questionamentos ou interrogações sobre a ausência feminina em torno desse termo. Para Louro (1998, p. 66-67), a “conformidade com as regras de linguagem tradicionais pode impedir que observemos, por exemplo, a ambiguidade da expressão homem que serve para designar tanto o indivíduo do sexo masculino quanto toda a espécie humana”.

O modo como isso acontece pode ser exemplificado pelo material de Arte destinado ao 6º ano (Figura 14):

Figura 14 – Questões

Para iniciarmos a nossa conversa sobre as primeiras produções artísticas do ser humano, vamos debater estas questões em grupos. Depois, escreva as conclusões a que chegaram.

1. O que significa a expressão Pré-História?
Período histórico do homem, anterior à escrita e ao uso de metais.
2. Como o homem pré-histórico vivia e como ele se comunicava?
Viviam em cavernas e se comunicavam por meio de gestos, de desenhos e de sons.
3. O que era importante para o homem, naquele período?
Naquele período, a sobrevivência era prioridade e para isso o homem tinha que se alimentar, aquecer-se, abrigar-se etc.
4. O que mudou na intencionalidade da produção artística do homem da Pré-História com o homem da sociedade contemporânea? Observe a obra de Tomie Otake que representa o século XXI e a pintura rupestre que representa a Pré-História da página anterior. Faça uma comparação entre elas e imagine como cada uma foi feita, quais os materiais usados e qual o grau de dificuldade para executá-las em suas respectivas épocas.

Resposta pessoal

Instalado Tomie Otake - São Paulo - SP

OHTAKE, T. Instalação. 2000.

5

ARTE | 8º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016a, p. 5).

Consoante a Figura 14, a questão quatro aborda claramente como a produção artística do “homem” pré-histórico foi se modificando, observando a produção do “homem” da sociedade contemporânea. Além da frase deixar implícita a presença feminina, tanto na pré-história como na contemporaneidade, a questão ainda traz uma artista mulher como exemplo para fazer o contraponto. De acordo com a conjuntura do parágrafo, que repete duas vezes a palavra “homem”, e pelo nome da artista¹⁰ ser japonês, mais uma vez, a presença feminina fica implícita em uma primeira leitura pelos estudantes. Novamente, o material oculta a presença feminina, mesmo com tantas informações relevantes que poderiam e deveriam ser divulgadas.

¹⁰ A artista em questão, *Tomie Ohtake*, foi uma artista japonesa, naturalizada brasileira, considerada uma embaixatriz da Arte e cultura no Brasil. Além de suas importantes contribuições neste cenário, também dá nome ao *Instituto Tomie Ohtake*, importante instituição cultural com sede na cidade de São Paulo-SP.

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não-dito, aquilo que é silenciado — os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados (LOURO, 2008, p. 67).

Haja vista essa análise de materiais, podemos afirmar que a desigualdade em relação às artistas mulheres acontece principalmente pelo silenciamento, pela ausência, desde as proposições artísticas até a linguagem e as formas de tratamento.

4.4 AS ARTISTAS NA REDE SOCIAL

No que se refere à rede social Facebook, é importante mencionarmos que o que foi analisado nela foi como se apresentam as desigualdades de gênero, realizando articulações com os livros didáticos e pronunciamentos políticos selecionados. O grupo da rede social foi uma fonte secundária, observada como material de apoio pedagógico ao ser acessada por professores. Essa observação foi essencial, levando em consideração a maneira como as redes sociais fazem parte da vida das pessoas, servindo desde entretenimento até acesso a notícias, informações e diversas opções de conteúdos que podem ser consumidos.

Com essa grande quantidade de informações disponibilizadas, enfrentamos alguns problemas, como a propagação de notícias falsas, discursos de ódio e a circulação dos mais diversos tipos de conteúdo e comentários, já que qualquer um com o perfil ativo pode falar e compartilhar o que deseja. Através destes compartilhamentos, todo e qualquer tipo de conteúdo pode ganhar repercussão nas redes sociais e chegar a muitas pessoas. Portanto, para além de uma publicação, temos o consumo de um discurso, uma democratização dele, que gera repercussões a partir do que é publicado e do público-alvo daquele discurso que o consome. Foucault (2012, p. 9) garante que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”.

Nesse ínterim, posto o grupo selecionado para análise, verificamos que qualquer um participante do grupo faz publicações, como desejar, para compartilhamento de ideias, sugestões, venda de materiais e afins, tal como há pessoas que se engajam nessas publicações,

consumindo o conteúdo, curtindo, comentando e compartilhando o que é de seu interesse, difundindo mais as informações.

Outrossim, os discursos e publicações se distanciam da função crítica da Arte e induzem um processo de massificação dos conteúdos e conceitos, restringindo-os a atividades prontas e distantes de proposições artísticas provocativas em relação aos mais diversos temas sociais, dentre eles o gênero, em se tratando do Ensino da Arte.

A análise do grupo da rede social Facebook de professores de Arte empregada apontou realidade semelhante ao livro didático. Embora apareçam mais artistas, o viés de direcionamento é semelhante. As artistas mulheres têm representação menor, geralmente as mais renomadas e, nesse caso, ainda trazendo atividades estereotipadas. Nesse rumo, observamos uma variedade de artistas no grupo, que aparecem na contextualização de atividades ou, de forma geral, através de obras e trabalhos que são colocados para observação. Entre essa variedade de artistas, a maioria das publicações são de homens e, em relação a artistas mulheres, a que aparece frequentemente é a artista Mexicana Frida Kahlo (1907-1954). Abaixo, apresentamos alguns exemplos de publicações relativas a esta artista (Figura 15 e Figura 16).

Figura 15 – Artista Frida Kahlo



Fonte: Facebook (2021a).

Figura 16 – Atividades realizadas a partir da artista Frida Kahlo

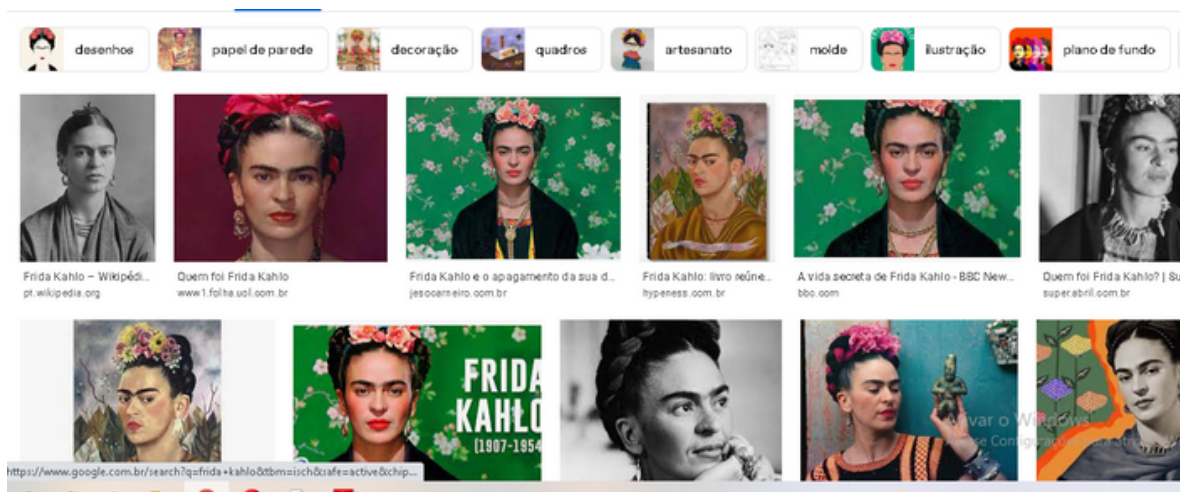


Fonte: Facebook (2020).

Com base nas publicações no grupo analisado, considerando o trabalho da artista e as inúmeras questões que poderiam ser abordadas e discutidas a partir dele em sala de aula, a maioria das sugestões de atividades e propostas realizadas circulam em torno de autorretratos, releituras, atividades manuais que envolvem materiais reutilizados e afins, o que encobre a dimensão crítica da Arte em detrimento de uma massificação da Arte que aparece como material técnico, de consumo e entretenimento.

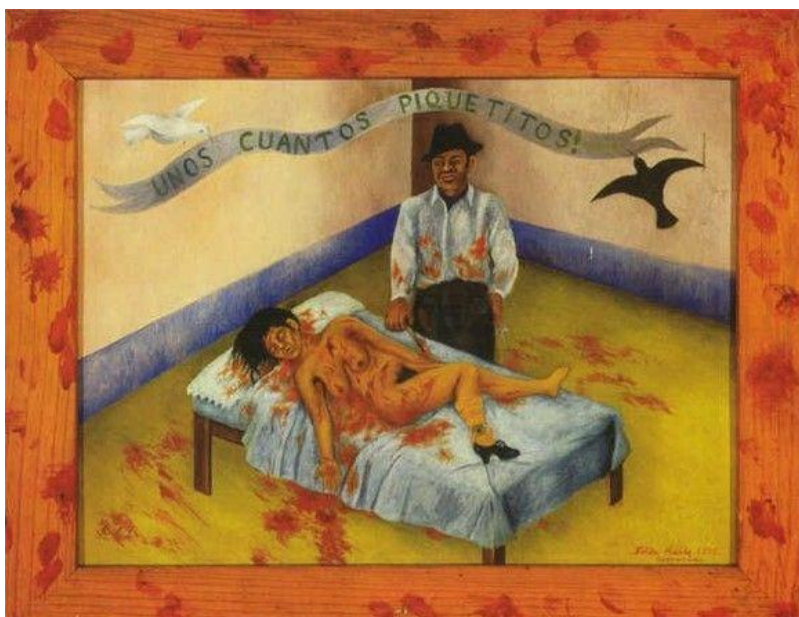
Nos últimos tempos, vemos uma crescente utilização da imagem da artista Frida Kahlo. Frequentemente, reparamos seu rosto (geralmente estilizado ou partindo de alguma ilustração) estampando canecas, bolsas, camisetas e outros. No grupo de professores de Arte não é diferente. Muito se fala sobre Frida, mas pouco se discute acerca de seus trabalhos. Nesse encadeamento, para breve análise, julgamos ser importante demonstrar os resultados a que se se chega após pesquisa rápida no serviço de buscas de imagens do Google, digitando “Frida Kahlo” (Figura17):

Figura 17 – Busca pela artista Frida Kahlo



Fonte: Imagens do Google (2021).

A partir da captura de tela, percebemos as fotos, ilustrações e autorretratos da artista e os filtros mais rápidos para a busca que, fora o filtro “quadros”, trazem a relação da artista com “artesanatos”, “moldes” ou “decorações”. Essa forma de popularizar a artista e seu nome também não contribui para que as questões que problematizava sejam discutidas, pois muitas distorções ainda aparecem. Em algumas ilustrações, removem, inclusive, traços fundamentais, como a monocelha de Frida Kahlo. Ao passo que se popularizam imagens e alguns autorretratos, sua poética enquanto artista, presente em seus trabalhos, não toma a mesma proporção nos discursos.

Figura 18 – “*Unos cuantos piquetitos*”

Fonte: Kahlo (1935).

Nessa pintura, a artista retratou um feminicídio noticiado no jornal. Na entrevista sobre o caso, o companheiro da vítima responsável pelo assassinato referiu-se a morte a facadas como “alguns pequenos cortes” (AIDAR, c2021). Em razão disso, a artista retratou, em tela, a cena perturbadora do assassinato, trazendo à tona as discussões em torno da violência sofrida pela mulher. Embora passados mais de 80 anos em que a obra foi produzida, o tema, infelizmente, segue pertinente, considerando as diversas maneiras de violência a que as mulheres continuam sofrendo, tornando-se, dia após dia, números e dados estatísticos que não param de crescer.

Frente a isso, interpelamos a presença desses temas nas discussões em sala de aula e no grupo de professores de Artes Visuais na rede social Facebook. A produção da artista Frida Kahlo é provocativa e traz muitas questões que podem ser exploradas em sala de aula. Com buscas rápidas, encontramos uma infinidade de artigos, matérias e publicações que tratam especificamente dos trabalhos e da crítica social que a artista faz. Porém, o que vemos são releituras rasas da imagem da artista, atividades mecânicas, envolvendo suas produções e sua imagem estampada em objetos consumidos com frequência nos últimos tempos, posto que se tornou comum ver o rosto da artista Frida Kahlo estampado em canecas, blusas, bolsas e objetos semelhantes.

À vista desses fatores, constatamos, no grupo, a Arte convertida em material didático, encobrindo a dimensão crítica, transformando-se em material didático, técnico e instrumental, distanciando-se de discussões sociais, como o gênero.

4.5 BELA, RECATADA E DO LAR

Entre embrulhos no estômago, inicio a escrita desta seção. Mesmos embrulhos que tive ainda em 2016, ao ler a matéria da revista *Veja* que trazia em destaque uma reportagem sobre a então primeira-dama Marcela Temer, esposa do presidente interino, Michel Temer. “*Marcela Temer: Bela, recatada e do lar. A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice*” (LINHARES, 2016, não paginado). Esse é o título na íntegra da matéria publicada.

Como se não bastasse o título, que por si só já carrega múltiplos significados, a matéria apresenta Michel Temer como um homem de sorte pela postura de sua esposa. Esse é um exemplo claro dos padrões impostos às mulheres, das formas como são vistas e como devem se comportar para agradar a sociedade e ao olhar masculino. Uma mulher com roupas que mostrem pouco seu corpo, com postura delicada, recatada e que se dedique ao seu lar, marido e filhos. Parecem definições ultrapassadas sobre o papel da mulher, todavia, é recente, o que comprova que esses padrões relacionados à postura feminina e suas atribuições, implicitamente ou não, continuam a vigorar.

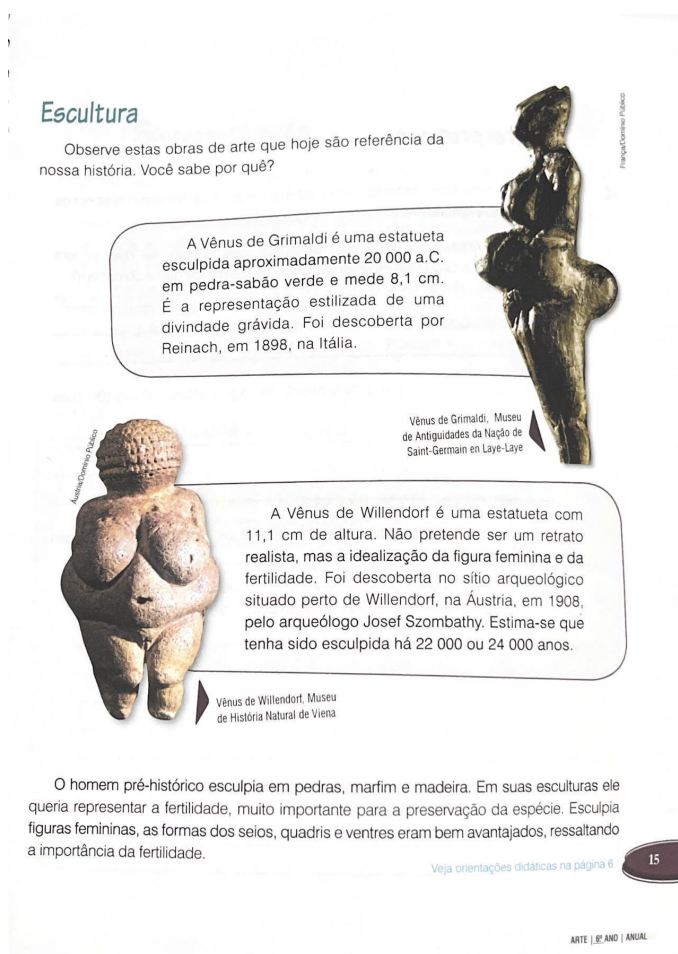
Assim como Marcela Temer, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro tinha as mesmas características ao se portar ao lado do marido, o então presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Recentemente, surgiram rumores de um ex-aliado do ex-presidente, o deputado Julian Lemos, afirmando que Michelle sofreu agressões do marido. Em entrevista ao *podcast* “Arretado”, o deputado asseverou, inclusive, que a primeira-dama não compareceu ao discurso do ex-presidente, no dia 1º de novembro de 2022, após a derrota nas eleições para o candidato Luis Inácio Lula da Silva, por estar com muitos machucados evidentes, em virtude de uma suposta nova agressão (BONIN, 2022).

O caso de Michelle segue os padrões do machismo até na violência doméstica e na manutenção de um casamento, que segundo a declaração do deputado Julian Lemos, é totalmente de fachada e que, na realidade, a ex-primeira-dama “não aguenta nem ver ele” (BONIN, 2022), nas palavras do deputado.

A partir dessas matérias, trazemos elementos retirados dos materiais analisados e que apresentam alguns estereótipos de padrões concernentes às mulheres, precipuamente no que tange a estereótipos e padrões de beleza.

No livro didático destinado ao 6º ano, verificamos uma contextualização sobre as esculturas da Vênus de Willendorf e Vênus de Grimaldi, suas características e diferenças, conforme imagem abaixo:

Figura 19 – Esculturas da Vênus de Willendorf e Vênus de Grimaldi



Fonte: Fonte: Bahr (2016a, p. 15).

Após, o livro traz os seguintes questionamentos:

O homem pré-histórico representou, em suas esculturas, a mulher como símbolo da preservação da espécie.

- Vênus de Willendorf é uma das esculturas mais antigas de que se tem conhecimento. O que ela representa? Quais os elementos que a compõem?
- Agora observe a obra, Vênus de Grimaldi, na página anterior. Quais são suas características?

c. Qual a visão que se tem da mulher nos dias atuais? Faça um desenho para representá-la (BAHR, 2016a, p. 16).

Com base na descrição e explicação dos livros e das questões que propõe, observamos uma forma de tendenciar a comparação entre o corpo feminino exposto nas esculturas e sua finalidade, e a maneira como a mulher é representada ou vista na atualidade, considerando que padrões se modificam com o passar do tempo, mas permanecem ditando modos de ser e viver.

O padrão de beleza em evidência na sociedade atual está totalmente interligado às relações de poder que circundam a presença da mulher. De acordo com a jornalista e escritora feminista estadunidense Naomi Wolf, em seu livro best-seller *O mito da beleza*, o padrão de beleza foi lançado para as mulheres como uma exigência para que todas se adequem o que, para a autora, dificulta e atrasa a ascensão na sua vida profissional e pessoal, incluindo o acesso ao poder político e social.

À medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social [...] a ideologia da beleza é a última remanescente das antigas ideologias do feminino que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor (WOLF, 2020, p. 27).

Nesse cenário, a Arte deveria aparecer nos materiais como propulsora de debates em relação a esses padrões de beleza, ao invés de trazer o tema de maneira tendenciosa, reforçando essa cultura de beleza ideal. Podemos perceber que os discursos em torno da beleza que auxiliam nesse processo de prejudicar o progresso feminino, mais uma vez, são proferidos pelos nossos representantes políticos. Em dezembro do ano de 2021, um vídeo circulou na rede social Twitter, mostrando o ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro, dançando em uma lancha, ao som de uma paródia da música *Baile de Favela*, denominada *Proibição Bolsonaro* (GUIMARÃES, 2021) de autoria de MC¹¹ Reaça, já conhecido pela autoria de músicas em apoio ao ex-presidente e que se suicidou após agressão à namorada, no ano de 2019, mesmo ano da composição em questão (G1, 2019b). A paródia, como um todo, é extremamente ofensiva em diversos sentidos, mas, principalmente, às mulheres, na seguinte estrofe:

¹¹ Mestre de Cerimonia

Dou pra CUT pão com mortadela,
E pras feministas, ração na tigela.
As mina de direita são as top mais bela,
Enquanto as de esquerda tem mais pelo que cadela. (MC REAÇA, 2019).

Com essa música, sobretudo a estrofe transcrita, tratando do mito da beleza, discutido por Virgínia Woolf, temos o exemplo de deslegitimação das mulheres e de seu movimento, ou centrar sua existência significativa a partir desses padrões de beleza: “Foi ressuscitada a caricatura da feminista feia para atacar o movimento das mulheres” (WOLF, 2020, p. 37).

Outra estrofe da paródia merece destaque nesta questão:

Bolsonaro salta de paraquedas.
Bolsonaro, capitão da reserva.
E o Bolsonaro casou com a Cinderela,
Enquanto o Jean Wyllys só tava vendo novela. (MC REAÇA, 2019).

Nesse trecho da música, notamos a exaltação do ex-presidente por ser casado com uma princesa, a Cinderela. As falas concernentes à sua esposa são corriqueiras. A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro é 27 anos mais jovem que o esposo e já foi palco de diversas discussões e comparações devido à sua juventude e “beleza”. Para Virginia Woolf, esse apelo à juventude associado à beleza está totalmente interligado ao mito da beleza e as relações de poder, pois:

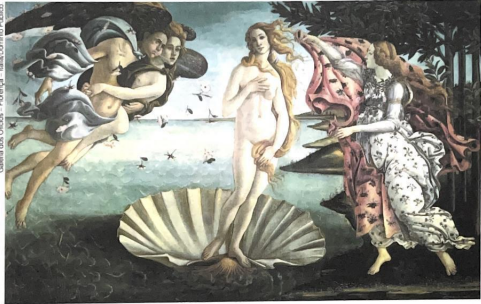
O envelhecimento na mulher é ‘feio’ porque as mulheres, com o passar do tempo, adquirem poder e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas (WOLF, 2020, p. 31).

Acerca, ainda, do mito da beleza e sua influência direta na construção de relações de poder sobre as mulheres, o material destinado ao 7º ano traz, na página 57, informações relativas à Vênus de Botticelli, consoante a Figura 20:

Figura 20 – Contextualizações: “O Nascimento de Vênus”

O nascimento de Vênus, de Botticelli

No quadro *O nascimento de Vênus*, de Botticelli, uma de suas obras mais conhecidas e famosas, vemos representado o mito do nascimento de Vênus, a deusa romana da beleza e do amor. O mito conta que Cronos, rei do Titãs, atacou seu pai, Urano, cujo sangue pingou no mar, misturou-se à espuma das ondas e deu origem a Vênus.



BOTTICELLI, Sandro.
O nascimento de Vênus.
1485. Óleo sobre tela,
175 cm x 280 cm.

Nesse, a deusa clássica Vênus está representada emergindo das ondas, dentro de uma enorme concha. Quem a assopra para a margem é Zéfiro, deus dos ventos do oeste e, no lado oposto do quadro, vemos Hora (as Horas, filhas de Zeus, eram as deusas das estações do ano), recebendo-a com um manto bordado de flores.

• Em sua opinião, que mulher na atualidade poderia representar a deusa do amor? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal:

57

ARTE | 2º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016b, p. 57).

A questão colocada solicita aos alunos que façam comparações entre a mulher da imagem, de acordo com o padrão de beleza que segue, com mulheres contemporâneas, para que sejam descritas no texto. Seguindo as atividades propostas, o livro traz mais duas questões que envolvem o contexto da *Vênus*, são elas:

- 1- Escolha um produto comercial e crie um anúncio publicitário que esteja associado à imagem da Vênus, deusa do amor e da beleza. Que produto poderia ser este? Escreva um texto que justifique sua escolha.
- 2- Recorte da página 163 do Material de Apoio, o detalhe da pintura. O renascimento de Vênus, e cole-o em uma cartolina. Imagine as características de seu produto e como vai fazer para apresentá-las. Se possível, use o laboratório de informática da escola para fazer a parte escrita da sua propaganda. Com seu trabalho em mãos, apresente aos colegas e observe se você conseguiu transmitir suas ideias. Faça um debate com sua turma comentando a atividade e os resultados obtidos (BAHR, 2016b, p. 59).

Nas questões apresentadas, o material sugere a criação de um produto para ser anunciado a partir da imagem da Vênus, ou seja, um produto comercial. A questão enfatiza a criação, considerando que é a deusa do amor e da beleza, o que sugere a criação de produtos

de beleza, moda ou afins. Todo esse contexto se relaciona diretamente ao mito da beleza, fazendo com que as mulheres sejam as maiores consumidoras de produtos para o corpo, visando driblar o envelhecimento, ou para acompanhar as tendências que as escravizam, para continuar nesse contexto. Os anunciantes investem largamente em anúncios para o público feminino, colocando mais produtos no mercado a serem consumidos, além do número gritante de procedimentos e cirurgias plásticas que são realizados todos os dias. Segundo a matéria publicada pelo G1, em julho de 2022, o Brasil se encontra entre os países que mais fazem cirurgias plásticas, perdendo apenas para os Estados Unidos (GARCIA, 2022).

Todo esse processo faz parte do mesmo dilema. Wolf (2020), dissertando em relação ao mito da beleza, descreve como as manipulações para desestabilizar a ascensão feminina sempre foram algo presente em se tratando das formas de consumo. Inicialmente, o investimento dos anunciantes era em produtos para o lar, voltados para as tarefas domésticas, exercidas especificamente pelas mulheres, o que se modificou na atualidade, com a venda de produtos com enfoque na beleza.

Quando a dona de casa insegura, entediada, isolada e inquieta abandonou a Mística Feminina pelo local de trabalho, os anunciantes se defrontaram com a perda de seu principal consumidor. Como garantir que trabalhadoras ocupadas e estimuladas continuariam a consumir os mesmos níveis de quando tinham o dia inteiro para isso e não dispunham de muitos outros interesses que as ocupassem? Era necessário uma nova ideologia que as levasse ao mesmo consumismo inseguro de antes. Essa ideologia teria de ser, ao contrário da Mística Feminina, uma neurose portátil que a mulher pudesse carregar consigo para dentro do escritório. Parafraseando Friedan, por que nunca se diz que a função realmente crucial que as mulheres cumprem ao desejarem ser lindas é a de comprar mais produtos para o corpo? De alguma forma, alguém em algum lugar deve ter imaginado que elas comprarão mais se forem mantidas no estado de ódio a si mesmas, de fracasso constante, de fome e insegurança sexual em que vivem como aspirantes à beleza (WOLF, 2020, p. 103).

A autora mostra os impactos de uma indústria da beleza, feita justamente para controlar as mulheres e mantê-las escravas de sua condição. Em consonância com seus escritos, a mulher contemporânea continua entre os mesmos impactos da domesticidade, sendo antes uma heroína, não parando de ter filhos e, na atualidade, não parando de ser linda (WOLF, 2020, p. 103).

No grupo da rede social Facebook, um padrão de professora mulher também persiste. Em várias publicações do grupo, verificamos diversos estereótipos relacionados à feminilidade, exemplificados da imagem a seguir:

Figura 21 – Estereótipos da professora mulher



Fonte: Facebook (2021b).

Assim, quem aparece na busca por esses materiais é a professora mulher, com o olhar meigo e delicado, vestindo-se com a roupa considerada tipicamente feminina, cercada pelo romantismo de rosas e corações. Luciana Grupelli Loponte já discutia, em sua tese de doutorado (2005b), a forma como revistas e manuais eram endereçadas às professoras mulheres da época, trazendo ideias e sugestões do que ser desenvolvido, como um modo de fazer, ou uma receita pronta a ser colocada em prática. Nesse sentido, 16 anos após a defesa da tese, podemos dizer que não tivemos muitas mudanças nesse quadro. Ao contrário de impressos, os materiais ganharam o formato digital, contudo, continuam sendo difundidos e anunciados como apoio e auxílio aos professores, tendo os documentos norteadores do currículo escolar como embasamento. Seguindo esse pressuposto, do uso de apostilas com receitas prontas, o grupo da rede social Facebook indica, com frequência, a comercialização dos mais diversos tipos de materiais desse gênero.

A partir de uma breve busca, foram estabelecidos alguns critérios, consoantes as percepções iniciais do grupo. Buscando pelo descritor “apostila”, foram encontradas 64 publicações, utilizando como filtro o ano de 2021, até o mês de setembro. Nas postagens, as atividades são organizadas para contemplar desde o Ensino Fundamental I até o Ensino

Médio. Desse modo, depreendemos que as atividades disponibilizadas circulam em torno de desenhos estilizados prontos, cruzadinhas, caça-palavras e outras atividades na mesma linha.

O material da postagem que pode ser visualizada na Figura 22, conforme o anúncio, oferece mais de 500 atividades por volume, que tem o custo de R\$ 127,00 cada. Com base no *print* abaixo, notamos que essas postagens geram engajamento dos professores, que curtem, comentam e compartilham. Analisando os comentários das publicações, a maioria deles é feita por professoras mulheres, que pedem maiores informações sobre o material e obtêm como resposta solicitação para entrar em contato via link disponibilizado.

Figura 22 – Engajamento dos professores na postagem



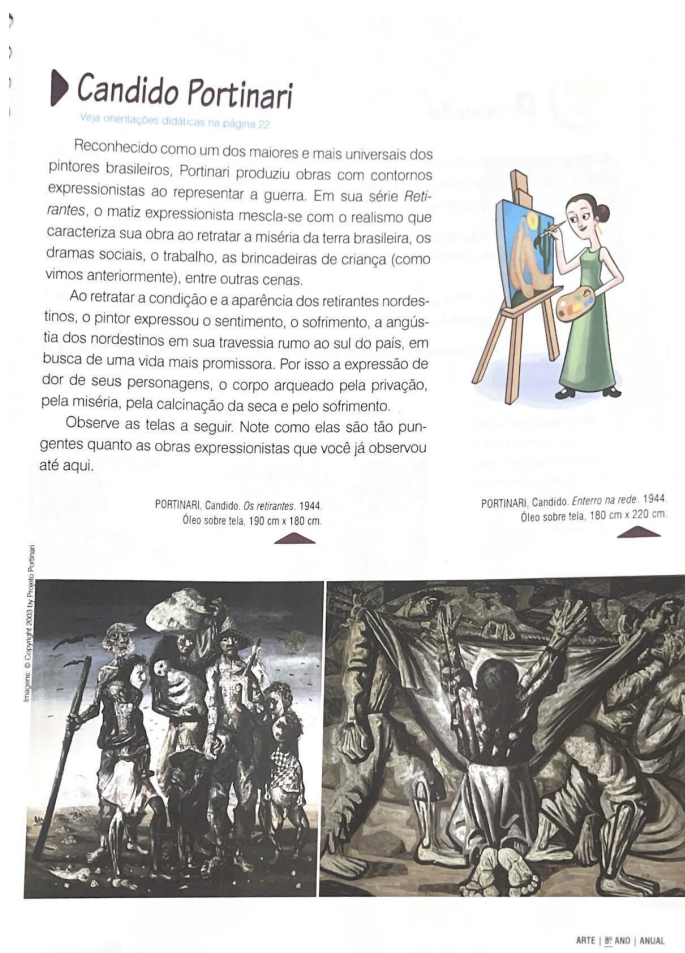
Fonte: Facebook (2021c).

À vista disso, temos avalanche de anúncios sobre revistas, manuais, materiais, *Portable Document Format* (PDFs), apostilas com ideias de atividades prontas para serem aplicadas em sala de aula, perpetuando a ideia de receita pronta, trazendo atividades

totalmente descontextualizadas no tocante à docência em Arte, considerando tudo o que o componente deveria propor.

Vimos, acima, o padrão da professora mulher, que aparece nessas postagens e publicações como dócil, delicada, entre flores e rosas. Na coleção de livros didáticos, podemos fazer um comparativo também com a aparição da artista Tarsila do Amaral em comparação aos demais artistas. Enquanto os artistas homens ganham espaços para suas fotografias originais, que trazem suas personalidades, excentricidades, estilos diferentes e, em alguns casos, seus próprios autorretratos; a artista aparece em toda a coleção como uma forma de “apresentá-la”, como forma de contrabalançar a ausência de mulheres artistas, se usa a imagem feminina para ilustrar. Com vestido até os pés, olhar meigo e sereno, como um estereótipo feminino estilizado à sua imagem. Podemos constatar essa assertiva na Figura 23:

Figura 23 – Ilustração da artista Tarsila do Amaral



Fonte: Bahr (2016c).

Além dos padrões citados acima, podemos também fazer comparativos em relação aos estereótipos destinados às mulheres, sendo diferentes de acordo com a raça, cor, posição social e afins. No livro destinado ao 8º ano, após contextualização sobre a obra “Moça com flor”, de Paul Gauguin, o livro traz a seguinte questão para produção:

Figura 24 – Imagem feminina

A Arte Decorativa

A obra de **Gauguin** não pode ser enquadrada em um movimento, por ter sido tão singular como a de seus amigos cent van Gogh ou Paul Cézanne. Apesar disso, ele teve seguidores e pode ser considerado o fundador do grupo vis, que, mais do que um conceito artístico, representou a forma de pensar a pintura como filosofia de vida.

As primeiras obras de Gauguin tentaram captar a simplicidade da vida no campo, algo que ele consegue com a aplicação arbitrária das cores em oposição a qualquer naturalismo, mo demonstra seu famoso *O Cristo amarelo*. As cores se tendem planas e puras sobre a superfície, quase decorativamente. Gauguin trabalhou com cores chapadas, desenhos porcosos, formas sem sombreado e linhas curvas, e explorou sentimentos profundos em suas pinturas.

Observe como as pinturas de Paul Gauguin são decorativas, alegóricas e singulares.



GAUGUIN, Paul.
Moça com a flor. 1892.
Óleo sobre tela.
70 cm x 46 cm.



Eugène-Henri-Paul Gauguin nasceu em 7 de junho de 1848, em Paris, e faleceu em 8 de maio de 1903, nas Ilhas Marquesas. Depois de passar a infância no Peru, voltou com os pais para a França. Aos 35 anos, tomou a decisão mais importante de sua vida: dedicar-se totalmente à pintura. Começou assim uma vida de viagens e boemia, que resultou numa produção artística singular e determinante das vanguardas do século XX.

Arbitrária

Que não obedece a regras.

Cores chapadas

Planos em que as cores parecem ter um aspecto homogêneo.

Alegórico

Algo que transmite um ou mais sentidos além do significado literal.



Produção

Veja orientações didáticas na página 20.

No quadro pintado por Gauguin, *Moça com a flor*, na página 117, o artista retrata a característica da arte maori, típica do Taiti. Observe que a obra foi pintada em 1892.

Agora, pense em como você faria para retratar, seguindo as características da pintura de Gauguin, uma mulher brasileira. Em sua obra, não pode deixar de dar ênfase à imagem tropical e exótica do nosso país.

117

120

ARTE | 8º ANO | ANUAL

ARTE | 8º ANO | ANUAL

Fonte: Bahr (2016c, p. 117-120).

Nessa questão, os estereótipos são nítidos. Em um país diverso como o Brasil, o livro refere-se a um estereótipo de mulher brasileira segundo uma imagem “tropical e exótica” do país, que é diferente do padrão citado acima, o qual envolve Marcela Temer e o ideal de mulher bela e recatada para um casamento. Há um estereótipo de mulher que aparece como diferente, exótica, tendo objetificado o corpo e a aparência feminina, que não está inclusa no padrão estabelecido, o da mulher branca. Ao título de exótica cabe a mulher indígena ou a mulher negra, tipicamente brasileiras, com seus traços avantajados, sexualizados desde a colonização.

[...] por meio da leitura do discurso colonial, podemos compreender os processos de subjetivação tornados possíveis e (plausíveis) através do discurso do estereótipo. Portanto, entendemos que a construção do sujeito moderno “mulher brasileira” implica em identidade localizada de brasileira/“brasilidade”, feminino/mulher, racializada e, conseqüentemente, produz/constrói os estereótipos de sexualizada, sensual/erótica, exótica, submissa, disponível sexualmente e de domesticidade. Essa discussão se insere no âmbito do discurso patriarcal, machista, racista, sexista e, sobretudo, como apresentado, colonial que conformam o Brasil (LEITE, 2017, p. 22).

Desse modo, a mulher indígena e a negra são taxadas como exóticas¹², extravagantes, diferentes, que fogem à norma da mulher branca, bela, recatada e do lar.

Em busca rápida no grupo de professores de Artes Visuais da rede social Facebook, pela palavra “exótica”, entre outras publicações, temos a seguinte:

Figura 25 – Imagem feminina



Fonte: Facebook (2021d).

A mulher negra é a mulher exótica, com beleza exótica, por se diferenciar dos padrões.

Ainda tratando de estereótipos através dos quais nós mulheres somos vistas, julgadas e subjugadas, trazemos outro pronunciamento do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro, que ganhou grande repercussão nacional no mês de outubro de 2022:

¹² A palavra exótica, no dicionário, significa “algo que não é comum; que expressa extravagância ou excentricidade: animal exótico. Não natural; que não nasceu no país nem na região onde habita; estrangeiro, importado” (DICIO, 2009).

Eu estava em Brasília, na comunidade de São Sebastião, se eu não me engano, em um sábado de moto [...] parei a moto em uma esquina, tirei o capacete, e olhei umas menininhas... Três, quatro, bonitas, de 14, 15 anos, arrumadinhas, num sábado, em uma comunidade, e vi que eram meio parecidas. Pintou um clima, voltei. 'Posso entrar na sua casa?' Entrei. Tinha umas 15, 20 meninas, sábado de manhã, se arrumando, todas venezuelanas. E eu pergunto: meninas bonitinhas de 14, 15 anos, se arrumando no sábado para quê? Ganhar a vida. (G1, 2022, não paginado).

Constatamos o estereótipo em torno da menina de comunidade, crianças, adolescentes, julgadas a partir do espaço em que estão, da forma como se vestem e como se portam. Além disso, temos a parte mais absurda deste contexto: o ex-representante máximo da República Federativa do Brasil afirmando que “pintou um clima” com essas meninas, enquanto, em sua posição, deveria estar lutando e defendendo as crianças e adolescentes de todo e qualquer tipo de violência ou exploração sexual.

Esses acontecimentos, materiais, pronunciamentos fundamentam e comprovam a maneira como as relações de poder operam na vida das mulheres. E, mais especificamente, nesse viés, foi possível percebermos como a indústria da beleza age enquanto um dispositivo de poder sobre as mulheres e como um modo de regulação de seus corpos. Os discursos em relação à beleza feminina, ao corpo e à referência aos padrões são comuns. Em uma roda de mulheres, é habitual darmos e recebermos diversas dicas de emagrecimento, produtos e procedimentos estéticos para auxiliar no processo de adequação aos padrões. Esses discursos tão proferidos criam ramificações e seguem pelo mesmo caminho de implementação da ordem vigente.

Quando livros didáticos trazem visões sobre a mulher a partir de estereótipos, também estão colaborando para a instauração de um padrão, ao passo que deveriam estar problematizando essas situações e desmistificando esses conceitos. Quando ocorre a disseminação de discursos e enunciados a partir de veículos midiáticos ou de pronunciamentos políticos, eles tomam proporções ainda mais arraigadas. No momento em que um presidente da república enfatiza essas questões, está anunciando a uma nação inteira que isso está correto, que essa forma de ver o outro está certa, mesmo que seja excludente e desigual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa surgiu a partir do incômodo e nesse local fez morada.

Nesse período de pesquisa, muitas inquietações surgiram, noções solidificaram-se e muitas se modificaram. Por muitas vezes foi necessário repensar o processo e, inclusive, filtrar enunciados ouvidos, haja vista a grande demanda, principalmente de notícias e pronunciamentos públicos que, de alguma forma, salientavam a desigualdade de gênero e as relações de poder evidentes.

Esse foi o ponto que mais me inquietou nesta investigação, a quantidade de pronunciamentos proferidos por representantes públicos, considerando que representam uma grande parcela da população que corrobora com essa ordem discursiva e aposta que essas pessoas representam, de maneira eficaz, a população no congresso, na política, na implementação de leis, projetos e para a gestão de um país como um todo. Esses pronunciamentos e notícias permite observar como se constitui a nossa sociedade e o quanto é preocupante o fato de que essas questões acabam sendo normalizadas, aceitas e repetidas.

O Objetivo desta pesquisa centrava-se em torno de compreender como as relações de gênero aparecem em materiais didáticos disponibilizados para uso pela Prefeitura Municipal de Chapecó, Santa Catarina (SC) no ano de 2022. E, a partir desse objetivo, pretendia responder a seguinte problemática e questões que foram surgindo:

Como a desigualdade de gênero aparece em materiais didático-pedagógicos acessados pelos professores de Arte? A partir das análises do material didático, foi possível observar que é carente em relação à desigualdade de gênero, já que o material exalta em sua maioria somente produções de artistas homens, desconsiderando a produção feminina e a sua aparição. Além disso, refere-se em seus enunciados somente aos artistas, os pintores, os escritores, e a mulher quando aparece é de forma pejorativa, ou para ilustrar o material e ofuscar sua ausência, como nas figuras ilustrativas da artista Tarsila que aparece em diversos momentos trazendo estereótipos de feminilidade, sem contexto e sem fundamentação em várias páginas.

Haja vista essa problemática, outras questões relevantes foram pontuadas nesta pesquisa:

- Como aparecem as desigualdades de gênero nos livros didáticos adquiridos pela Prefeitura Municipal de Chapecó, Santa Catarina, no ano de 2022? Respondendo a essa questão, as desigualdades aparecem de forma intrínseca em toda construção do material, na ausência das mulheres, na forma como o material é escrito,

privilegiando a ótica masculina, na maneira como as mulheres são apresentadas e representadas.

- Como as publicações apresentam as desigualdades de gênero no grupo “Professores de Artes Visuais” na rede social Facebook? A partir dessa problemática, foi possível perceber que o grupo distancia-se de toda fundamentação e discussão em torno do ensino das Artes, já que apresenta um emaranhado de atividades á muito tempo consideradas estereotipadas e ineficazes na compreensão e criticidade a partir dos temas e conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Arte. A página tornou-se uma vantajosa fonte de renda para pessoas que organizam um compilado de atividades em forma de apostila para vender de forma on-line, fornecendo uma espécie de receita pronta para aplicar atividades. A venda desses materiais aparece na página de forma frenética, e, pela quantidade de comentários e curtidas nas publicações, tem um grande público que as consome.
- Como os materiais didático-pedagógicos de Artes reforçam as desigualdades de gênero presentes em pronunciamentos políticos e colaboram para a manutenção de uma sociedade desigual e machista? Os materiais didáticos são uma articulação entre os conteúdos a serem trabalhados, os estudantes e os professores e professoras. Dessa forma, o material necessita ser atualizado e precisa contemplar a todos de forma igualitária. Quando materiais assim apresentam diversos problemas em sua formulação, o ensino dos componentes também fica comprometido, já que o material disponibilizado é uma ferramenta de apoio, e se a própria ferramenta reforça estereótipos, padrões e a desigualdade de gênero, colabora para a construção da sociedade patriarcal e machista que ainda se manifesta em nossa realidade. Da mesma forma podemos incluir as falas machistas e opressoras proferidas por representantes públicos. Toda vez que em pronunciamentos a identidade feminina é questionada, são realizadas falas opressoras e que reforçam a desigualdade, mais ainda essa realidade se manifesta na vida cotidiana. Se representantes com lugar de fala e visibilidade não tomam consciência da proporção de suas falas e atitudes, colabora para que seus ouvintes avaliem a situação como correta e permaneçam na eterna roda do hamster, seguindo os mesmos padrões de comportamento.

Concluindo, nesta dissertação, observando os materiais, consideramos que os livros didáticos adquiridos pela Prefeitura Municipal de Chapecó precisam ser totalmente

reformulados no que tange à presença feminina, posto que são pouquíssimas as aparições e contextualizações como um todo, que envolvam a artista mulher de modo concomitante à história, sem parecer uma contextualização em paralelo, como se a presença feminina fosse algo raro. Além disso, quem atua na formulação de materiais, precisa estar atento às formas de se referir à mulher, sem evidenciar padrões de beleza, e analisando as contextualizações realizadas para que não intensifiquem estereótipos em relação à feminilidade.

Relativamente às constatações realizadas a partir do grupo da rede social Facebook, foi possível notar que as professoras e professores de Arte ainda buscam manuais e receitas do que e como fazer em sala de aula. O grupo deixa nítido isso através das diversas publicações com esse tipo de conteúdo técnico e instrumental. Ademais, também conta com publicações que vêm ao encontro às discussões aqui realizadas, por também evidenciar padrões e estereótipos em relação às mulheres.

Assim, observamos que tanto os materiais didáticos disponibilizados para uso, quanto os materiais informais acessados por uma grande parcela de professores de Arte trazem estereótipos acerca da mulher e da situação de desigualdade evidenciada na ausência e nos silenciamentos. Outrossim, constatamos que os mesmos discursos e situações se repetem nos pronunciamentos políticos, reforçando que a desigualdade de gênero é um problema social.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Sobre o Instituto Patrícia Galvão**. 2021. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/sobre-o-instituto/>. Acesso em: 05 dez. 2021.
- AIDAR, Laura. As obras mais intrigantes de Frida Kahlo. **Toda matéria**, c2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/obras-frida-kahlo/>. Acesso em: 20 set. 2021.
- AQUINO, Julio Roberto Groppa. A biopolítica educacional para além dos muros da escola. **IHU On-Line**, São Leopoldo, v. 472, n. 15, p. 54-56, 2015.
- ARCOVERDE, Léo. Justiça de SP condena Bolsonaro a indenizar jornalista em R\$ 20 mil por danos morais. **GloboNews – São Paulo**, 27 março 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/27/justica-de-sp-condena-bolsonaro-a-indenizar-jornalista-em-r-20-mil-por-danos-morais.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2021.
- BAHR, Cibele Pegas Thieme. **Arte: ensino fundamental, anos finais, 6º ano**. Curitiba: Opet, 2016a. (Coleção Ser e Viver Cidadania).
- BAHR, Cibele Pegas Thieme. **Arte: ensino fundamental, anos finais, 7º ano**. Curitiba: Opet, 2016b. (Coleção Ser e Viver Cidadania).
- BAHR, Cibele Pegas Thieme. **Arte: ensino fundamental, anos finais, 8º ano**. Curitiba: Opet, 2016c. (Coleção Ser e Viver Cidadania).
- BAHR, Cibele Pegas Thieme. **Arte: ensino fundamental, anos finais, 9º ano**. Curitiba: Opet, 2016d. (Coleção Ser e Viver Cidadania).
- BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARROS, Juliana Oliveira Cavalcanti *et al.* Queermuseu: Os perigos da censura e do avanço conservador para a democracia. **Cult**, 13 setembro 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/queermuseu-censura-avanco-conservador-democracia/>. Acesso em: 08 dez. 2021.
- BOLSONARO, Eduardo. **Feminismo**. 24 outubro 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/bolsonaro.enb/photos/basw.AbrSS>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- BONIN, Robson. Ex-aliado diz que Bolsonaro bate em Michelle: ‘Deu uns tapas nela’. **Veja**, 09 novembro 2022. Radar. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/ex-aliado-diz-que-bolsonaro-bate-em-michelle-deu-umas-tapas-nela/>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Tradução: Maria Helena Kuhner. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível

em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 13 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 13 nov. 2021.

BRISOLLA, Livia; TOURINHO, Irene. O livro didático de Artes Visuais e o profissional reflexivo: relações possíveis. *In: Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual*, 1., 2008, Goiânia. **Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual**. Goiânia-Goiás: Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, 2008. p. 1-11.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do Neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Tradução: Mario A. Marino; Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CARA, Daniel. O Programa “Escola Sem Partido” quer uma escola sem educação. *In: AÇÃO EDUCATIVA ASSESSORIA, PESQUISA E INFORMAÇÃO* (org.). **A ideologia do movimento Escola Sem Partido**: 20 autores desmontam o discurso. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 43-48.

CARVALHO, Marília Alves. **(Não) façam silêncio**: ensino de arte e o direito à palavra de meninas e mulheres na escola pública. 2020. 239 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020.

CHAPECÓ. **Prefeitura Municipal de Chapecó, Processo Seletivo 2019**. Disponível em: <https://fepese.org.br/2019-prefeitura-municipal-de-chapeco-processo-seletivo/>. Acesso em: 23 out. 2020.

CHAPECÓ. **Processo Seletivo, Edital 002/2022, Resultado Final, Classificação Geral, após recursos**. Cargo: Professor Licenciatura Plena – Arte. Chapecó: FEPESE, 2022. Disponível em:

https://2022educachapeco.fepese.org.br/?go=download&inline=1&type=14&arquivo=ed_1_lst_aprovados_2_ar.pdf&path=5. Acesso em: 23 jan. 2023.

CHAPECÓ. **Processo Seletivo, Edital 007/2021, Resultado Final, Classificação Geral**.

Função: Professor – Arte. Chapecó: FEPESE, 2021. Disponível em:

http://2021chapeco.fepese.org.br/?go=download&inline=1&arquivo=ed_1_lst_aprovados_3.pdf&path=5. Acesso em: 18 dez. 2021.

CLEUSA ARTES. **Silhuetas masculina e feminina, usando cores quentes e frias**. 30 jul. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/profcleusaartes>. Acesso em: 17 set. 2021.

CONFIRA a entrevista dada por Bolsonaro em 2014, citada pelo candidato no Jornal Nacional. Reportagem de Zero Hora publicada em dezembro de 2014 foi mencionada em sabatina na TV Globo nesta terça-feira, 28 de agosto. **GZH Eleições 2022**, 04 agosto 2018.

Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifo8.html>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CORREIO BRASILIENSE. Eduardo Bolsonaro faz comentário machista sobre mulheres da CCJ. **Correio Brasiliense**, 08 abril 2021. Congresso. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/04/4917114-eduardo-bolsonaro-faz-comentario-machista-sobre-as-mulheres-da-ccj.html>. Acesso em: 05 dez. 2021.

DA REDAÇÃO da Secretaria Nacional de Mulheres do PT. Machismo: presidente do PSL diz que “política não é muito da mulher”. **Partido dos Trabalhadores**, 11 fevereiro 2019

Política. Disponível em:

<https://pt.org.br/machismo-presidente-do-psl-diz-que-politica-nao-e-muito-da-mulher/>.

Acesso em: 08 dez. 2021.

DA REDAÇÃO. “Não estupro porque você não merece”, diz Bolsonaro a Maria do Rosário.

Revista Istoé, 09 dezembro 2014. Disponível em:

https://istoe.com.br/395929_NAO+ESTUPRO+PORQUE+VOCE+NAO+MERECE+DIZ+BOLSONARO+A+MARIA+DO+ROSARIO/. Acesso em: 13 nov. 2021.

DIAS, Taís Ritter. **Ensino da Arte e feminismos**: urdiduras entre relações de poder e resistências. 2017. 206 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Exótica**. 2009. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/exotica/>. Acesso em: 05 dez. 2021.

DMITRUK, Hilda Beatriz. **Cadernos Metodológicos**: Diretrizes do trabalho científico. 8. ed. Chapecó: Argos, 2012.

ESTADÃO CONTEÚDO. Bolsonaro se diz ‘imbrochável’ e defende casamento com ‘princesa’. **Isto é dinheiro**, 08 setembro 2022. Disponível em:

<https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-se-diz-imbrochavel-e-defende-casamento-com-princesa/>. Acesso em: 17 out. 2022.

FACEBOOK. **Atividades de arte para fundamental e médio BNCC**. 2021c. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/844190102327463/search/?q=ATIVIDADES%20DE%20ARTE%20PARA%20FUNDAMENTAL%20E%20M%C3%89DIO%20BNCC>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FACEBOOK. **Frida Kahlo Fashionista**. 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/844190102327463/search/?q=FRIDA%20KAHLO%20Fashionista>. Acesso em: 15 set. 2021.

FACEBOOK. **Professores de Artes Visuais lançamento link**. 2021b. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/844190102327463/search/?q=LAN%20C3%87AMENTO%20LINK>. Acesso em: 22 ago. 2021.

FACEBOOK. **Proposta Frida Kahlo**. 2021a. Disponível em:

G1. ‘Pintou um clima’: fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercute e gera críticas nas redes. **G1 - Brasília**, 15 outubro 2022. Eleições. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/15/pintou-um-clima-fala-de-bolsonaro-sobre-meninas-venezuelanas-repercute-e-gera-criticas-nas-redes.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2022.

G1. Bolsonaro repete ofensas feitas por depoente a jornalista; entidades repudiam os ataques. **G1 - Brasília**, 18 fevereiro 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/18/bolsonaro-repete-declaracao-de-empresario-de-que-jornalista-ofereceu-sexo-por-informacao.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2021.

G1. MC Reaça morre em Valinhos aos 25 anos; velório e enterro acontecem em Indaiatuba. **G1 – Campinas e Região**, 02 junho 2019b. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/06/02/mc-reaca-morre-em-valinhos-aos-25-anos-velorio-e-enterro-acontecem-em-indaiatuba.ghtml>. Acesso em: 05 dez. 2021.

G1. Nova era começou no Brasil. **G1 - Brasília**, 03 janeiro 2019a. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introdução e contextos, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

GARCIA, Mariana. Mamas, rinoplastia e lipo: Brasil está entre países que mais fazem cirurgias plásticas; veja lista e ranking. **G1**, 03 julho 2022. Saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/03/mamas-rinoplastia-e-lipo-brasil-esta-entre-paises-que-mais-fazem-cirurgias-plasticas-veja-lista-e-ranking.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE. **Frida Kahlo**. 2021. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=frida+kahlo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjP-MzjlcH0AhUZIJUCHUbmBnYQ_AUoAXoECAEQAw&biw=1366&bih=625&dpr=1&safe=active&ssui=on. Acesso em: 15 set. 2021.

GUIMARÃES, Cleo. Proibição Bolsonaro: funk que embala o presidente compara mulher a cadela. **Veja**, 21 dezembro 2021. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/proibicao-bolsonaro-funk-que-embala-o-presidente-compara-mulher-a-cadela/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

HEARTNEY, Eleanor. **Pós-modernismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HODGE, Susie. **Breve história das Artistas Mulheres**. São Paulo: Olhares, 2022.

JOBIM, Letícia Mossate; SILVA, Márcia Alves da. Mulheres na educação profissional: enfrentamentos e desafios. In: SILVA, Márcia Alves da (org.) **Coisas D’Gênerus**: produções

do núcleo de estudos feministas e de gênero. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 98-115.

JUNQUEIRA, Rogério D. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez. 2018.

KAHLO, Frida. **Unos quantos piquetitos**. 1935. Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/unos-cuantos-piquetitos>. Acesso em: 15 set. 2021.

LEITE, Cléa Aguiar. **A representação da “mulher brasileira” construída pela Embratur entre 1966 e 1985**. 2017. 173 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LIMA, Vanessa. Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida. **Revista Crescer**, 23 fevereiro 2015. Mães e trabalho. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida.html>. Acesso em: 29 nov. 2021.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. **Veja**, 18 abril 2016. Brasil. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

LISITA, Ana Carolina Rocha. **Quando crescer quero ser princesa: um estudo de representações fílmicas de gênero feminino sob a perspectiva da educação da cultura visual**. 2018. 156 p. Dissertação (Mestrado em Arte) – Instituto de Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas**. 2005. 208 p. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Gênero, educação e docência nas Artes Visuais. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 243-259, jul./dez. 2005a.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Segredos e Mentiras do Currículo: Sexualidades e Gênero nas Práticas Escolares. In: SILVA, Luiz H. (org.). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 9-25.

MC REAÇA. **O Proibidão do Bolsonaro**. Disponível em: <https://www.letras.com.br/mc-reaca/o-proibidao-do-bolsonaro>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

MOLITOR, Felipe. Artistas brasileiras e a arte pop. **SP-ART**, 06 março 2020. Editorial. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/artistas-brasileiras-e-a-arte-pop/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

MOMOLI, Bruno Daniel. **Docência em arte no sudoeste do Paraná: escritas e cicatrizes da formação**. 2013. 149 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MONARI, Ana Claudia. **Exposição Jovens Artistas – Arte Contemporânea em Santa Catarina: dos desvios e do desver**. Florianópolis: Fundação Cultural BADESC, 2017.

NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. 30 out. 2015. Disponível em: https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/treatybodyexternal/Download.aspx?symbolno=CRC%2fC%2fBRA%2fCO%2f2-4&Lang=en. Acesso em: 05 jan. 2022.

O GLOBO. Marco Feliciano afirma que direitos das mulheres atingem família. **O Globo**, 20 março 2013. Política. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/marco-feliciano-diz-que-direitos-das-mulheres-atingem-familia-7889259>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PUCHALSKI, Hélio. **A/r/tografia e enunciações Queer: hibridizações entre arte, gênero e sexualidade nas narrativas de professoras/es de arte**. 2015. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

REDAÇÃO PRAGMATISMO. “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade”, diz Bolsonaro. **Pragmatismo Político**, 26 abril 2019. Mulheres violadas. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraíso-gay.html>. Acesso em: 17 nov. 2021.

REDE BRASIL ATUAL. Contra igualdade de gênero, bancada evangélica obstrui votação do PNE. **Agência Patrícia Galvão**, 08 abr. 2014. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/contra-igualdade-de-genero-bancada-evangelica-obstrui-votacao-pne/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

SCORTEGANHA, Amábile Cristina Novaes. **Escolhas e usos do livro didático de arte: perspectivas de professores**. 2020. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. **Dramatização dos corpos: arte contemporânea e crítica feminista no Brasil e na Argentina**. São Paulo: Intermeios, 2015. (Coleção Entregêneros).

UOL. Eduardo Bolsonaro é o deputado federal mais votado da história. **Folha de S.Paulo**, 08 out. 2018. Eleições de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/eduardo-bolsonaro-e-o-deputado-federal-mais-votado-da-historia.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2021.

UOL. Justiça manda união pagar 15 mil por falas machistas de Bolsonaro. **UOL – São Paulo**, 24 jun. 2021. Política. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/24/justica-manda-uniao-pagar-r-15-mi-por-falas-machistas-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 30 nov. 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de império. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 13-38.

VELOSO, Juliana de Lima. **Fendas: pensar corpo, gênero e sexualidade com arte e educação**. 2019. 191 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres**. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

ANEXO A – Artista Pablo Picasso em diversos contextos no livro do 6º ano

CONTEXTO:	IMAGEM DA PÁGINA
Breve biografia e estilização	<i>Pablo Picasso: um dos mais importantes artistas plásticos da história</i> Pintor e desenhista de origem espanhola. Nasceu em 25 de outubro de 1881 e faleceu na França, em 8 de abril de 1973. Foi estimulado por seu pai que era professor de desenho, estudando na Escola Superior de Belas-Artes de Barcelona. Passou por vários estilos, entre eles o cubista, o surrealista e o expressionista. Sofreu influências da arte africana e da colombiana. Sua obra retrata principalmente fatos da vida burguesa e da vida circense. Seu trabalho mais conhecido é “Guernica”, pintado em 1937, inspirado na cidade espanhola, destruída durante a Guerra Civil da Espanha e que possuía o mesmo nome. Entre suas obras podemos citar: “Arlequim”, “A Guitarra”, “Mendigos”, “O Cego”, “A Família Soler”, “O Moço do Cavalo”, “Mulher de Verde”, “A Alegria de Viver”. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/picasso/>. Acesso em: 11 out. 2012 (Adaptado). A estilização do touro na obra de Pablo Picasso Veja orientações didáticas na página 8. Observe a série de touros que o artista plástico Pablo Picasso fez entre 1945 e 1946. PICASSO, P. As metamorfoses de um touro. 1945-1946.

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Estilização,
esboço**leitura**

Agora, leia os comentários de **Jean Celestin**, sobre "As metamorfoses de um touro", de Picasso.

"Um dia Picasso começa o famoso touro. Um touro esbelto. Bem roliço. Pensei que estava pronto. Não estava. Veio um segundo estágio, um terceiro. Sempre **bojudo**. Picasso continua trabalhando. O touro já não é mais o mesmo. Vai diminuindo, diminuindo de peso. Henri Deschamps me disse que Picasso estava tirando em vez de pôr. Ao mesmo tempo, ele ia decompondo o touro. E a cada passo tirávamos uma prova **litográfica**. Ele via que estávamos um pouco perplexos. Dizia uma brincadeira e continuava trabalhando. Outro touro apareceu. E cada vez sobrava menos touro. Picasso me olhava e ria, e uma vez disse a Henri: 'Vamos dar isso ao açougueiro'. A dona de casa poderia dizer 'Quero este pedaço'. Finalmente, a cabeça do touro estava parecendo uma formiga. Na última prova, só restavam algumas linhas. Eu olhava o artista trabalhar. Ele suprimia, **suprimia**. Pensei no primeiro touro e disse comigo: é curioso, ele terminou por onde deveria começar. Mas Picasso procurava o seu touro. E para chegar ao touro de um único traço passou por todos aqueles touros. E quando se vê esse único traço não se pode imaginar o trabalho que o artista teve."

PARMELIN, H. *Correio da Unesco*, ano 9, n. 1, p. 32-33, fev. 1981.

Jean Celestin era artesão litográfico que trabalhava para Picasso.

**Bojudo**

Arredondado, gordo.

Litografia

Processo de reprodução que consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um escrito ou desenho.

Suprimia

Extinguia, eliminava.

**atividades**

1. Picasso, talvez pela origem espanhola, pintou e representou o touro em muitas das obras conhecidas que produziu. Agora é sua vez de desenhar um touro.

Faça um **esboço** de um dos touros de Picasso.

- Observe como Picasso fez nas 4 linhas de esboço e tente copiá-lo.
- Use o grafite do lápis para sombrear seu desenho, criando a sensação de volume. Use a próxima página para fazer os esboços.
- Qual deles foi mais fácil fazer? Por quê?

O da quarta linha, pois com poucas linhas consegue-se fazer o esboço de um touro.

**Esboço**

Delimitamento em linhas gerais de uma obra de desenho, gravura, escultura etc.

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Simbologia
do Touro

Sistematização

Para o povo antigo, o touro era o símbolo do poder e da fertilidade. Na Antiguidade, sempre foi uma figura importante. Nos dias atuais, em alguns países, é considerado um animal sagrado e na Espanha as touradas são muito famosas.

Nas imagens, a primeira de uma pintura rupestre feita pelos homens das cavernas, portanto bem antiga, e a segunda feita em 1925 pela artista brasileira Tarsila do Amaral, percebemos que as obras foram realizadas em épocas

diferentes, mas o elemento retratado é o mesmo, o touro.

Ficou visível que cada artista e cada obra de arte apresenta características próprias, como o traço, as cores e a maneira de retratar a realidade, portanto elas são diferentes, pois cada artista tem um estilo próprio de representação.

É assim que acontece na sala de aula quando criamos algo, dificilmente uma produção fica igual a outra. Isso ocorre porque cada um também tem um estilo próprio de representar.



Produção

1. Faça uma pesquisa sobre o touro e a importância dele nas culturas atuais. Registre a pesquisa em seu caderno. Depois, debata com a turma sobre o tema pesquisado e elaborem um texto coletivo. Após o término do trabalho, divulguem-no em um mural ou no site do colégio.
2. Busque em livros, revistas e na internet, artistas que, a exemplo de Di Cavalcanti, Portinari e Picasso, também representaram o touro nas obras que produziram. Selecione as informações coletadas e, com os colegas, organize um mural na classe. Analisem os resultados obtidos.



PICASSO, Pablo.
Guernica. 1937.
Pintura a óleo,
349 cm x 776
cm. Localização:
Museu Nacional
Centro de Arte
Reina Sofia –
Madri – Espanha

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Movimento
cubista

PICASSO, Pablo. *O aficionado*. 1912. Óleo sobre tela. 135 cm x 82 cm. Kunstmuseum Basel, Suíça.



BRAQUE, Georges. *Violino e cântaro*. 1910. Óleo sobre tela. 117 cm x 73 cm. Kunstmuseum Basel, Suíça.

O movimento artístico cubista

O Cubismo teve origem em Paris, capital da França, em 1907. Nesse ano, Pablo Picasso pintou seu famoso quadro, *Les demoiselles d'Avignon* (As senhoritas de Avignon) – considerado um marco na história da arte ocidental. O Cubismo recusa a ideia de arte como imitação da natureza e seus seguidores passam a não ter nenhum compromisso com a aparência real das coisas.

O pintor cubista procura a visão total da figura, examinando-a em todos os ângulos ao mesmo tempo, como se estivesse movimentando-se ao redor dela. Ele a reconstrói com formas que se apresentam, simultaneamente, em vários ângulos nas telas.

Por isso, no espaço do quadro – plano sobre o qual a realidade é recriada – a figura e o fundo quase não se distinguem, bem como qualquer noção de profundidade ou de perspectiva.

Pablo Picasso e Georges Braque são considerados os maiores representantes da arte cubista.

O cubismo se divide em dois grandes momentos. Observe as características de cada um deles.

1º Momento: Cubismo analítico

Estas obras do Cubismo analítico mostram uma fragmentação exagerada, na qual não é possível reconhecer a figura nas pinturas.

No Cubismo analítico, vemos uma preocupação com a decomposição dos objetos, como se eles estivessem estilhaçados. O artista fragmenta exageradamente o que é representado a ponto de não ser possível reconhecer as figuras nas pinturas desta fase. Vemos, também, uma forte tendência ao uso de uma única tonalidade, em toda a pintura.

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Movimento
cubista**2º Momento: Cubismo sintético**

No período do Cubismo sintético, elementos diferentes, como recortes de jornais, pedaços de madeira, cartas de baralho, entre outros, são colocados na superfície das telas, dando origem às famosas colagens. A cor volta a ter importância, nessa fase.



PICASSO, Pablo. *As três dançarinas*. 1925. Óleo sobre tela. 215,3 cm x 142,2 cm. Tate Gallery, Londres, Inglaterra.



BRAQUE, Georges. *A mesa de mármore*. 1925.

Diferente do primeiro momento, o Cubismo sintético permite reconhecer as figuras nas pinturas.

Há também uma busca da recuperação da imagem. A representação dos objetos como se estivessem fragmentados e todas as partes formassem um todo em um mesmo plano, sem o compromisso de retratar as coisas como elas realmente são, oportunizando às pessoas uma análise dos elementos representados sob outra perspectiva.

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Arte
primitiva
africana

Na **estilização** o artista supprime, generaliza, simplifica e/ou reduz as linhas gerais daquilo que quer retratar.



MUSEU DO LOUVRE - PARIS - FRANÇA

Máscara Fang Ngil – Gabão-África.

A **arte primitiva africana** influenciou artistas ocidentais desde o século XIX até os nossos dias. Diferentemente das tradições europeias, as máscaras africanas – não realistas – eram utilizadas em rituais de dança e música, o que atraiu Picasso por volta de 1905. Observe no quadro *Les demoiselles d'Avignon* (As senhoritas de Avignon) como o rosto das duas figuras à direita estão distorcidos e retalhados – nítida influência das máscaras africanas. Picasso incorporou a representação frequentemente fragmentada, distorcida e geométrica do entalhe africano.

Pablo Picasso: um gigante do século XX

Considerado um dos artistas mais famosos e versáteis de todo o mundo, Picasso se apropriou dos estudos e ensinamentos de Cézanne e deu continuidade ao rompimento da ideia de arte como representação fiel da realidade.

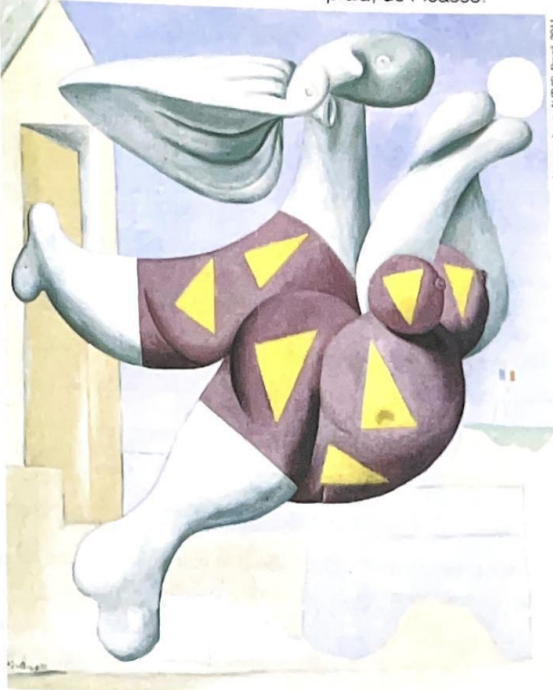
Em suas obras, o artista rompeu com a distinção entre a forma e o fundo, geometrizou cada vez mais as formas e volumes, simplificando e **estilizando-os**, o que se tornou a essência do movimento cubista.

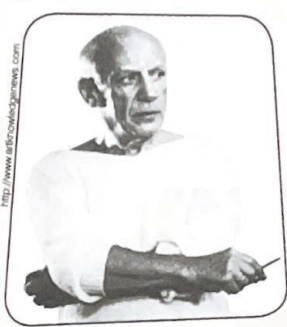
A primeira obra cubista de Picasso foi *Les demoiselles d'Avignon* (As senhoritas de Avignon), de 1907, e teve como influência as reflexões do artista sobre a simplificação presente na **arte primitiva africana**.

Neste quadro, sua inusitada maneira de pintar causou espanto até mesmo para o próprio artista. Na verdade, ele não permitia a entrada de ninguém em seu ateliê, enquanto trabalhava a obra, com receio de não ser bem interpretado. E quando a obra foi apresentada, ela foi considerada provocativa e escandalosa, por abalar radicalmente as convenções da arte do passado!



PICASSO, Pablo. *Les Femmes d'Alger (O Version O)*. 1911-12. Óleo sobre tela. 244 cm x 234 cm. The Museum of Modern Art, New York, EUA.

CONTEXTO:	IMAGEM DA PÁGINA
Figura estilizada	3. Observe este quadro, <i>Banhista com bola de praia</i>, de Picasso.  Licenciado por ALFV&S, Brasil, 2011 PICASSO, Pablo. <i>Banhista com bola de praia</i>. 1932. 146,2 cm x 114,6 cm. The Museum of Modern Art, New York, EUA. • Agora, informe como Picasso representou o corpo da banhista nesta pintura, escolhendo a alternativa correta. a) Não se trata de uma representação da figura humana, pois Picasso pintou a banhista sem retratar nenhuma característica do corpo humano. ☒ b) O corpo humano está estilizado, representado de forma esquemática com linhas simplificadas, e é possível reconhecer na imagem partes do corpo humano, como os braços, as pernas e a cabeça. c) O artista criou uma pintura realista, buscando a representação mais fiel possível da aparência do corpo humano e, para isso, pintou detalhadamente as características da figura. 48 ARTE 9º ANO ANUAL

CONTEXTO:	IMAGEM DA PÁGINA
Imagem do artista como base para criação	 Produção 1. Picasso gostava muito de retratar pessoas de forma cubista. Observe esta foto do artista e tente retratá-lo usando a técnica cubista: simplificação das formas e dos volumes, linhas retas, formas geométricas etc.  Pablo Ruiz Picasso nasceu em Málaga, Espanha, em 1881 e faleceu em 1973, na França. 49 ARTE 6º ANO ANUAL

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Monocromia



atividades

Observe novamente as pinturas de Pablo Picasso e Van Gogh. Depois, responda a questão proposta.



PICASSO, Pablo. *A tragédia*. 1903. Óleo sobre madeira. The National Gallery of Art, Washington, D.C., USA.

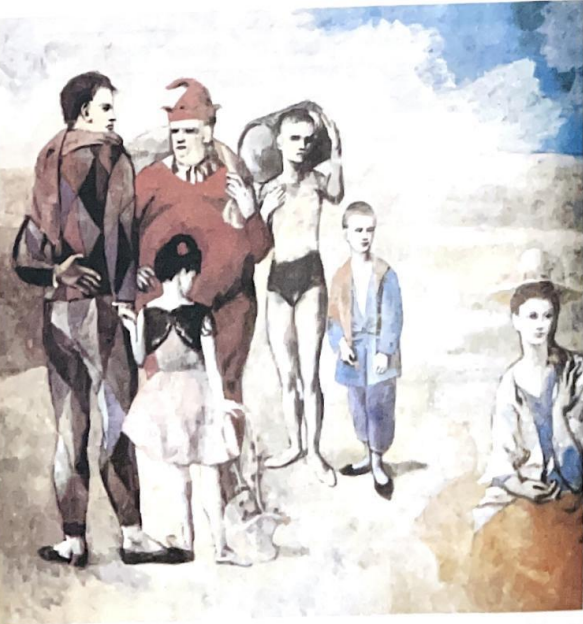


VAN GOGH, Vincent. *Os girassóis*. 1888. Óleo sobre tela. Museu Van Gogh, Amsterdã, Países Baixos.

- Descreva, nas linhas abaixo, as pinturas. Explique o que a maneira exagerada e distorcida no uso da cor pode significar em cada uma delas.

Resposta pessoal

CONTEXTO:	IMAGEM DA PÁGINA
Elemento cor	Produção 1. Faça uma policromia usando a técnica do marmorizado. Para realizá-la, você vai precisar de diversas cores de tinta a óleo diluída e de um recipiente fundo, como uma fôrma retangular que caiba uma folha A4 dentro. Modo de fazer - Coloque água na fôrma pela metade. Respingue na água várias cores de tinta a óleo, diluída. Em seguida, ponha uma folha de sulfite mais grossa ou cartolina A4 na superfície da água para absorver a tinta. - Retire e deixe secar bem. - Procure formas interessantes que a tinta produziu em seu papel e contorne-as com uma caneta hidrocor e/ou pinte-as com lápis de cor, destacando-as. Você acabou de produzir uma policromia, ou seja, um trabalho feito com base em várias cores. 2. Agora faça uma pintura monocromática. Escolha uma cor. Acrescente, em pequenas quantidades, a cor branca para clarear, ou a cor preta para escurecer. Os tons, que irão variar do mais claro ao mais escuro, formam uma escala cromática. 3. Repita o exercício 2, pinte uma escala cromática com a cor de sua preferência. Mas, agora, faça-o em uma folha de papel sulfite mais grossa, em uma tela ou cartolina. Crie uma composição! Primeiro recorte, em um papel preto, várias silhuetas geométricas, ou crie formas inusitadas e cole-as sobre a escala cromática. Exponha sua produção, comentando a atividade e os resultados obtidos. Paleta Placa oval ou retangular, normalmente de madeira, com um buraco onde se enfia o polegar e sobre a qual os pintores colocam e misturam as tintas. As cores da paleta de Picasso Picasso soube expressar intensamente seus sentimentos e emoções em suas obras, por meio de formas, linhas e cores. Contudo, a cor era para ele um dos mais importantes e versáteis instrumentos. Ao longo de sua extensa carreira, explorou cores, temas e técnicas, além disso, passou por algumas fases. Observe as obras a seguir em que apresentamos duas fases distintas de sua vida e obra, as quais foram denominadas de fase azul e fase rosa. 66 ARTE 8º ANO ANUAL

CONTEXTO:	IMAGEM DA PÁGINA
Elemento cor	A fase azul é caracterizada pela tristeza profunda retratada pela cor e pelo sentido enigmático das expressões. Nessa época, Picasso havia perdido seu melhor amigo. PICASSO, Pablo. <i>O velho violonista</i>. 1903. Óleo sobre painel. Art Institute of Chicago, IL, EUA.  Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2011 Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2011  Na fase rosa, suas pinturas passaram a ter temas e cores mais alegres. Picasso pintou acrobatas e arlequins. PICASSO, Pablo. <i>Família de saltimbancos</i>. 1905. Óleo sobre tela. The National Gallery of Art, Washington, D.C., EUA.

CONTEXTO:	IMAGEM DA PÁGINA
Cor e expressão do artista	 atividades Em 1937, morando em Paris, Picasso pintou o famoso mural <i>Guernica</i>, uma das obras mais importantes do mundo. Observe a obra.  PICASSO, Pablo. <i>Guernica</i>. 1937. Óleo sobre tela. 349,3 cm x 776,6 cm. Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha. • Vimos em nossas aulas que as cores auxiliam na hora de expressar nossas emoções. Na obra <i>Guernica</i>, Picasso usou preto, branco e cinza. Quais as cores que você usaria para representar uma guerra? Apresente três argumentos para sua resposta. <u>Resposta pessoal:</u> Esta obra, claramente cubista, medindo 349,3 cm de altura, por 776,6 cm de comprimento, pintada a óleo, representa o bombardeio sofrido pela cidade espanhola de Guernica, em 26 de abril de 1937, por aviões alemães. No bombardeio, que durou três horas, dois mil civis foram massacrados, mil foram feridos e a cidade foi arrasada. Quatro dias depois dessa tragédia, Picasso começou a pintar <i>Guernica</i>, uma das obras mais célebres do século XX. Em <i>Guernica</i> não há cor, apenas preto, branco e cinza. Ela é um manifesto contra o terror da guerra, a destruição e o sofrimento vivenciados pelos moradores da pequena cidade. Além disso, ela retrata o sofrimento de qualquer guerra, onde quer que ela aconteça. Atualmente, está exposta no Centro Nacional de Arte Rainha Sofia, em Madri. 69 ARTE 6º ANO ANUAL

CONTEXTO: IMAGEM DA PÁGINA

Instrumentos musicais e novamente a biografia do artista



Interpretação

A música é a linguagem universal propriamente dita, e está intimamente ligada à cultura e ao contexto social de cada espaço geográfico.

Como linguagem, apresenta uma infinidade de possibilidades, e é separada em gêneros apenas para fins de organização. Os gêneros musicais agrupam estilos e assim podem ser melhor compreendidos. A música é tão versátil e abrangente que serve de inspiração e temática até para as artes visuais. Observe a obra a seguir.

Pablo Picasso: pintor e escultor espanhol, naturalizado francês, considerado um dos maiores artistas do século XX. Versátil, irreverente, livre e inovador, criou o Cubismo, expressão artística em que o mundo visível é desconstruído em elementos geométricos. Na década de 1930, produziu sua obra mais famosa: *Guernica*, na qual retrata os horrores da Guerra Civil Espanhola. Morreu com 91 anos, em 1973.

Licenciado por ALIVIS Brasil, 2011



PICASSO, Pablo.
Os três músicos. 1921.
1 original de arte, óleo sobre tela, 201 cm x 223 cm. Nova Iorque: Museu da Arte Moderna.

- a) Quais os elementos musicais que estão representados nessa obra de arte?

Os instrumentos musicais: a viola, a flauta, a partitura (a pauta e as notas musicais).

- b) Conforme os elementos musicais que aparecem e as posições de cada músico é possível identificar o estilo musical que ela retrata? Apresente ao menos dois argumentos que sustentem a sua resposta.

Sugestão de resposta: É possível que seja um gênero como o chorinho, porque podemos identificar a flauta e o violão, instrumentos característicos desse gênero musical.